brasiliense de bôlso
coleção teatro universal

direção e organização
sábato magaldi

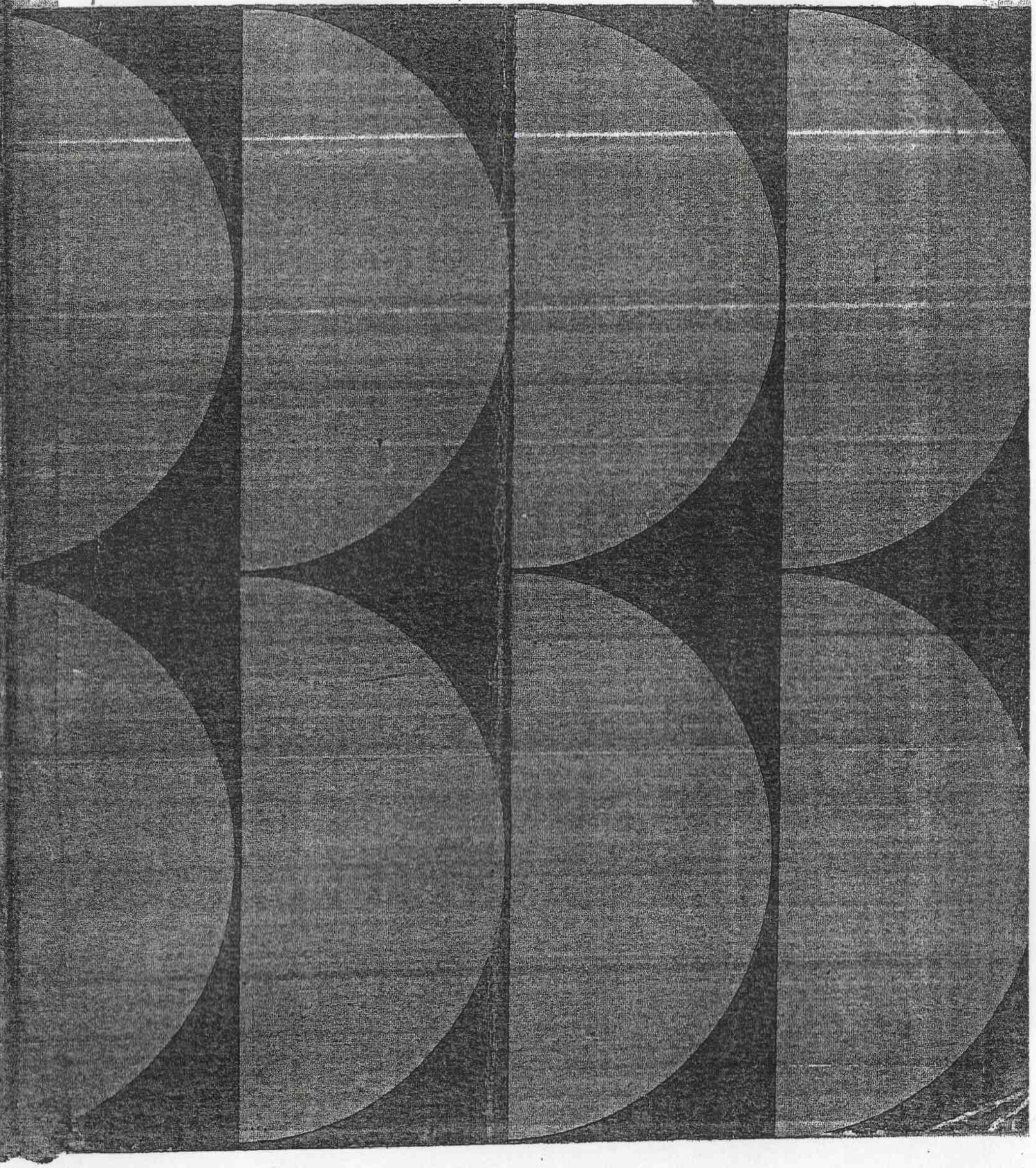
rasto atrás
jorge andrade

prefácio
delmiro gonçalves

esta peça foi a 1.ª colocada no concurso prêmio serviço nacional de teatro — 1966

rasto atrás

jorge andrade



PREFACIO : Delmiro Gonçalves

"Volte para seu país e procure descobrir porque os homens são o que são e não o que gostariam de ser; e escreva sôbre a diferença."

Com essas palavras Arthur Miller encerrou uma longa conversa de quatro horas em sua casa, com Jorge Andrade, quando o dramaturgo brasileiro estêve nos Estados Unidos a convite do Govêrno americano.

Jorge saíra vitorioso do Brasil, onde recebera, pela sua primeira peça em três atos, *A Moratória*, os principais prêmios do ano de 1955: o Saci (de *O Estado de São Paulo*) e o do *Jornal do Brasil*. Depois de quatro meses de estada naquele país, voltava, de certa forma, decepcionado com as características altamente comerciais do teatro da Broadway.

Ao chegar ao Brasil, em entrevista concedida à revista *Teatro Brasileiro*, frisou que a frase mais corrente na Broadway era esta: "A tarefa mais árdua é convencer as pessoas de boa vontade que não queremos educar êste povo — estamos, ùnicamente, tentando vender o maior número de ingressos".

Entretanto, o teatro *off-Broadway*, que já então proliferava, era uma esperança para os que pensam que não é apenas bilheteria a finalidade da arte dramática.

* * *

Jorge Andrade começou sua carreira teatral com um quase equívoco. Lá por 1951, ao assistir no *Teatro Brasileiro de Co-*

média, a peça de Tennessee Williams, *O Anjo de Pedra*, sentiu desejo de ser ator. Findo o espetáculo, procurou Cacilda Becker, que interpretava o papel principal da peça, e confiou a ela sua aspiração.

Cacilda nada lhe disse no momento, mas marcou um encontro para o dia seguinte. Conversaram então longamente, e a artista chegou à conclusão de que não era a de ator a carreira que mais se adaptaria ao seu temperamento: aconselhou-o a matricular-se na Escola de Arte Dramática. Seguindo o conselho, cedo descobriu sua vocação. Já em fins do mesmo ano escrevia *O Telescópio*, peça em um ato, com a qual ganhou o *Prêmio Fábio Prado.*

O assunto de *O Telescópio*, uma das principais temáticas que norteariam seus trabalhos futuros, era o de desagregação de uma família de fazendeiros. Aqui o chefe existia ainda como elemento capaz de cobrir com seu dinheiro os desmandos dos filhos, mas já se sente, no desenrolar da ação, e principalmente na cena final, quando o filho bêbado espatifa o telescópio com um esbarrão, que a unidade da família é precária. O desmoronamento já se faz prenunciar.

Em 1954, após escrever a peça *As Colunas do Templo*, com a qual ganha o *Prêmio IV Centenário*, termina *A Moratória*, sua primeira grande peça, que foi encenada em 1955 por Gianni Ratto, no TMDC.

Aqui, o tema de *O Telescópio* é retomado exatamente de seu final, quando o autor prenuncia a ruína iminente da família.

O fazendeiro e sua família são então apresentados em duas fases distintas de sua involução. Situando a peça em dois planos, um em 1929 e outro em 1932, num contraponto pungente, Jorge mostra, alternadamente, em cenas paralelas, a ruína que se aproxima com a grande crise, e a família já na cidade, pobre e arruinada. Sua única chama ainda é o fazendeiro que não quer aceitar a derrota, esperando a vitória de uma ação judicial, que, por fim, é perdida, destruindo os últimos resquícios de esperança.

A peça é um retrato da decadência da aristocracia rural paulista, que culminou na década de 30. Um gráfico de uma sociedade agonizante, em fase de retrocesso: abandono forçado da terra para o refúgio das pequenas cidades. E, com a perda das grandes propriedades rurais, também a dos últimos baluartes, já então inúteis, de um poderio que não conseguiu sobrepôr-se à crise econômica, devido à falta de valores éticos, culturais e humanos.

A Moratória é apontada como o mais sério e o melhor documento até hoje escrito sôbre o drama dos antigos proprietários do interior paulista, mostrando o fim do coronelismo, do patriarcado absoluto, que daria lugar a uma outra sociedade sem as tradições da primeira, mas com o mesmo amor à terra e com mais capacidade para compreender que o simples apêgo à propriedade não basta. Era preciso trabalhá-la para que ela rendesse o máximo.

* * *

Entre 1956 e 1957 Jorge Andrade escreveu *Pedreira das Almas*, peça mais ambiciosa do que *A Moratória*, tendo sido apresentada no TBC, em 1958.

Desta vez o tema homem e terra é retomado nas raízes do mundo cujo fim foi marcado pela derrocada do fazendeiro na crise de 1929.

A ação passa-se logo após o término do ciclo da mineração em Minas. Esgotado o veio aurífero, tôda a população de um lugarejo imigra para o interior de São Paulo, dando início à fase das grandes fazendas de café.

Em *Pedreira das Almas* uma mulher é quem manda. Sua palavra é lei para o grupo. Prêsa à tradição, cultua os mortos e não pode abandonar o local que os abriga. Entretanto, o sonho de novas terras alimenta um homem e êle envolve em sua esperança tôda a população. Sua noiva, inicialmente disposta a partir, decide permanecer na cidade dos mortos, refazendo, dialèticamente, o destino da mãe (a mulher que dominava o grupo).

No mesmo ano em que termina êsse trabalho, Jorge Andrade inicia *Vereda da Salvação*.

Partindo de um fato sucedido em Malacacheta, Minas Gerais, o autor construiu sua tragédia. A idéia básica é a de que "o homem está só, diante do céu e da terra. Cria então seus mitos e seus deuses para povoá-los". "Do mito vem a explicação de tôdas as coisas e a aceitação de qualquer situação; dos deuses vem a certeza de que nada acaba, nem êle próprio. Um dia porém, seus mitos caem e seus deuses morrem. Novamente sòzinho, o homem tenta escapar através de uma utopia."

E Jorge Andrade conclui: "No dia em que o homem se libertar do homem, será feliz. É o que Joaquim (personagem principal da peça) tenta fazer, escolhendo, porém, um caminho errado: sacrifica-se para tornar-se mito e deus. É um êrro que o homem tem cometido sempre; foge, em vez de ir combater e exterminar o mal que o dilacera. Esta é a sua tragédia."

Em 1960 Andrade escreveu, em colaboração com Clô Prado, *Os Vínculos*, peça sem grandes pretensões e que nem chegou a ser encenada.

* * *

Em 1961, com *A Escada*, conheceu o seu primeiro êxito comercial e, em 1963, com *Os Ossos do Barão*, quebrou todos os recordes de bilheteria e permanência em cartaz de uma peça nacional ou estrangeira, num mesmo teatro.

Ambas as obras retomam o tema da decadência da aristocracia rural paulista, já agora agonizando na Capital. A primeira nos mostra um velho descendente dos bandeirantes, prisioneiro de suas lembranças num mundo morto de há muito. A segunda apresenta o imigrante vitorioso, dono da terra, que, casando seu filho com a descendente de um paulista de quatrocentos anos, reinicia o ciclo dos novos senhores de uma nova burguesia que terminará por se aristocratizar e possìvelmente seguir o mesmo caminho dos antigos fazendeiros.

O Incêndio, peça ainda não encenada, data de 1962. Novamente o autor parte de um caso verídico para construir seu drama. Desta vez o fato aconteceu no Paraná. Numa pequena localidade, dois indivíduos vindos de fora atearam fogo numa igreja. Um dos habitantes, mal visto pela população e pelas autoridades por sua vida boèmia, é acusado de ter praticado o crime, sendo prêso e condenado como agitador. Mais tarde a verdade é descoberta, mas a injustiça praticada contra o inocente jamais poderá ser sanada, pois êste foi sacrificado para que a verdade não viesse a ser descoberta.

Ainda em 1963 escreveu *Senhora na Bôca do Lixo*, aproveitando mais uma vez o tema da decadência da aristocracia paulista, peça que teve êste ano sua estréia em Lisboa.

Depois de terminar *Rasto Atrás*, peça que agora editamos e que foi premiada em 1966 pelo Serviço Nacional de Teatro e encenada pela Companhia Dramática Nacional neste ano, Jorge Andrade retoma os trabalhos da obra *O Sumidouro*, na qual vem trabalhando há cêrca de dez anos e que agora está reescrevendo em versão definitiva. Deverá estar pronta até o próximo ano.

É uma interpretação social e política de Fernão Dias, na qual Jorge Andrade coloca o seguinte problema: interessaria à colônia descobrir as minas de ouro e de pedras preciosas para enriquecer a metrópole e automàticamente se empobrecer, exaurindo uma de suas principais fontes de riqueza, antes de conquistar a independência?

A peça trata da luta que travam em tôrno dêsse dilema, Fernão Dias e seu filho mameluco. E termina com a execução dêste, por ordem do próprio pai.

Falando sôbre a tragédia, assim se expressou o autor:

"O mameluco, pelo fato mesmo de já não sentir como o português, tem a antevisão da fatalidade histórica que a descoberta dos caminhos das minas de ouro criará para os seus descendentes, provocando o nascimento de uma sujeição maior ao reino."

"O bandeirante (Fernão Dias,) perseguindo sua miragem (a descoberta das minas de esmeralda,) prende-se apenas à palavra empenhada, da qual não pode fugir, e falseia o fim último de sua vida e de sua obra, descobrindo tardiamente que sacrificara tudo — filhos, fortuna, família — por algo sem sentido, no qual punha tôda a esperança de realizar a maior obra de sua vida."

* * *

Como nossa intenção foi, ao escrever o prefácio da peça *Rasto Atrás*, a de dar aos leitores um panorama da obra e da biografia do autor, pedimos a Jorge Andrade um depoimento sôbre suas peças e seu trabalho de criação. Êle os resumiu assim:

"Não só *Pedreira das Almas* e *Vereda da Salvação*, como tôdas as minhas peças, partiram de fatos reais. Acho muito difícil que um trabalho literário não tenha suas raízes nisso. Haverá alguma dúvida, neste sentido, sôbre as fontes da maravilhosa poética de Carlos Drumond de Andrade? Um sofrimento versificado, determinado pela impossibilidade de novos diálogos ou mesmo por um diálogo primeiro. Atrás de *Dos Bens ao Sangue* e de *A Mesa* estão os fatos reais."

"Ninguém inventa nada. Tudo se encontra à nossa volta, vivendo e se impondo nas formas mais variadas. O mundo que trazemos em nós é só o que conseguimos ver. Quanto maior a capacidade de ver e sentir, maior e mais válida a memória, maior e mais justa a visão, mais humanos e mais eternos os símbolos, mais vasta e mais universal a mensagem. Só a capacidade de ver e de sentir é que é pessoal e intransferível. O resto é um bem ou um mal comum. A transposição, a interpretação, os símbolos criados é que irão determinar o valor da temática e a visão do autor. Os fatos reais podem ser imediatos ou remotos, ou até mesmo pertencer à memória anterior ao escritor. Podem ser individuais, grupais ou coletivos. Podem ser cômicos, dramáticos ou trágicos."

"Assim, a memória familiar tem uma realidade ampla, não se referindo a pessoas classificadas em registros civis ou religiosos, mas a tudo o que se conheceu e se compreendeu. São pessoas, paisagens, conflitos, objetos, situações, tudo que passa a pertencer ao mundo recriado dentro de nós. Memória familiar pessoal só interessa na medida em que deixa de ser nossa para ser de todo o mundo. A arte consiste em descobrir o pessoal, que é a memória do coletivo. Minhas peças, antes de serem fatos reais, longínquos ao meu mundo, estão profundamente enraizadas em minha memória. Suas personagens fazem parte da mesma paisagem social, da mesma realidade política e econômica a que todos nós pertencemos. E eu em particular."

"Durante dez anos trabalhei na fazenda de meu pai como fiscal. E, como fiscal, ia para o cafêzal às sete da manhã e voltava à noite. Almoçava, tomava café, trabalhava, conversava com os colonos vivia com êles o dia todo. Freqüentava suas casas, bailes, casamentos, enterros e batizados. Sentado debaixo de um pé de café, andando pelos carreadores, em volta dos montes de milho, perto dos batedores de arroz ou no eito das capinas, ouvia suas queixas e seus sonhos e, pouco a pouco, aprendi a estabelecer a horrível equação de suas vidas: o que tinham o direito de receber da vida e o que realmente recebiam. A diferença formava uma muralha que emparedava, na mesma injustiça, fazendeiros e colonos."

"Aquela convivência criou um mundo em mim como muitos outros criados antes e depois — pois a vida está constantemente criando dentro de nós — mundo que foi encontrar seu símbolo nas minhas peças."

"Entre muitos rostos dêsse mundo, posso distinguir o do meu amigo Devair, carroceiro com quem eu trabalhava, entregando as sacas de café. Carroceiro emérito que nas viagens entre a colônia e o cafèzal me contava suas andanças de fazenda em fazenda. O do italiano Janela, descendo para a colônia dentro da carroça, deitado em minhas pernas, mordido por uma cobra, contorcia-se de dor e gritava: "Quella maledeta lá. Era o coisa ruim. Quella maledeta lá." E o rosto de Iranides casando na vila mais próxima e atravessando — noivo, noiva, padrinhos, convidados, as ruas da vila numa nuvem de poeira. E o do Chico Filisbino, catedrático no jôgo de truco, gritando com voz de barítono: "Truco! Sai prá lá cão. Olha a sota. Soberana do Mundo! E o de Carlinda, demônio em forma de colona, desesperando as casadas, atormentando os solteiros e pondo em cada homem uma vontade de abandonar a filharada."

"Como *A Moratória* ou *Pedreira das Almas, Vereda da Salvação* e, principalmente *Rasto Atrás*, pertencem entranhadamente à minha memória familiar. Nas colônias que conheci, nos bailes que freqüentei, nas ruas de café em que trabalhei, conheci muitos Joaquins e muitas Dolores, que passaram a viver em minhas peças e, mais ainda, a lembrança de minha família que tentei reviver pungentemente nesta última peça agora editada."

"O Joaquim de *Vereda* pertence à mesma família, à mesma memória de Joaquim de *A Moratória*. Como em certo sentido também o Vicente e o João José de *Rasto Atrás*, pois são dois expoentes opostos de nosso mundo agrário; são dois produtos da mesma mentira, são vítimas da mesma injustiça, são prêsas do mesmo sofrimento, são legítimos representantes de um mundo que se completa e se opõe. Um traço os une e os divide ao mesmo tempo: um oprime por amor à terra, o outro aceita a opressão pelo mesmo amor. Só não continuarão a cair vítimas do verdadeiro e único demônio em um mundo em que passam a juntar-se e a se igualar no mesmo direito ao amor à terra. Só então tôdas as veredas não se transformarão em protestos inúteis. Só o amor e um verdadeiro sentimento de justiça podem exterminar o demônio que sempre atormentou os moradores da minha memória familiar: a mentira em que transformaram seus direitos e seus deuses."

* * *

Aluízio Jorge Andrade Franco nasceu em Barretos (SP), aos 21 de maio de 1922, filho do fazendeiro Ignacio Lima Franco e de Albertina Andrade Franco. Naquela época, os pais, que por sua vez eram filhos de grandes proprietários rurais, ainda conheciam grande prosperidade. Descendiam êles dos Junqueiras, família do Sul de Minas que imigrara há cêrca de 200 anos para São Paulo.

Era um tempo de prosperidade econômica e as crianças da fazenda eram estimuladas pelos pais a agir por si, com vistas à posse futura da terra. O esporte preferido da garotada era laçar bezerros. Os vitoriosos recebiam como prêmio a honra de marcá-los. Um menino, porém, não se interessava pelo brinquedo. Preferia ler às escondidas velhos livros de história. Ninguém o entendia. Para quê essas leituras, se o objetivo era a terra, a lavoura, o café?

Era o filho mais velho e desde cedo o desentendimento e a incompreensão o separaram cada vez mais do pai, que esperava nêle o sucessor, o homem que mais tarde tomaria o lugar de chefe, de patriarca, de dono da terra.

Veio então a crise de 1929 e o menino de sete anos assistiu sem compreender às cenas horríveis que ela desencadeou. Certa vez, brincando no terreiro, ouviu um grito horrível que vinha do interior da casa. Precipitando-se para ver o que era, deu com o avô, figura imponente, espingarda na mão, ameaçando um rival invisível. Junto ao avô, o desespêro da avó e da mãe.

Trinta anos depois, o menino feito homem mostraria no palco a cena. Isso fazia parte dos seus princípios e de sua orientação artística. Jorge justifica o fato: "Para se escrever sôbre um meio, é necessário senti-lo até no sangue, e não poder viver nêle. Assim como para escrever sôbre um ser humano é necessário compreendê-lo, a ponto de amá-lo... e não poder fazer nada por êle; às vêzes nem mesmo suportá-lo." Daí nasceu todo o processo que foi se desenvolvendo, sedimentando e resultou neste auto-desnudamento que é *Rasto Atrás.*

* * *

Rasto Atrás é um processo de volta, uma espécie de auto-punição. Jorge Andrade, durante tôda sua obra, tateou o problema, sob diversos aspectos, procurou atingí-lo, porque não dizer, destruí-lo, atacando-o em suas diversas facetas, mas não conseguira sublimá-lo.

Em *O Telescópio,* era o pai ainda acreditando que, colocando-se além dos fatos cotidianos, poderia evadir-se do meio que o rodeava; em *A Moratória,* o pai morre (psicològicamente) para dar vida à geração que viria depois, já não iludida pela possibilidade da posse da terra, mas com a vontade de continuar, ainda que em tom menor; em *Pedreira das Almas,* bem como em *Vereda da Salvação,* são as mulheres "fortes" que desencadeiam o conflito e os encerram (Mariana e a filha querendo ficar na terra dos mortos e Dolor aceitando o sacrifício do filho para sua sublimação.) Nenhuma delas atinge o objetivo. São destruídas pelo próprio domínio e amor que as movem pela terra a que se sacrificam e, principalmente, por tudo que quiseram dar e não souberam como.

Na verdade, heroínas frustradas num mundo onde já não tinham mais lugar para se afirmar.

Passaremos ao largo a respeito das figuras menores de outras peças de Jorge Andrade, para chegar por fim, à sua grande personagem, ou melhor, suas duas grandes personagens em "Rasto Atrás": Vicente e João José.

Vicente, e Jorge Andrade não poderá negar, é uma personagem autobiográfica. Vicente é tôda a vivência do autor, sua história, sua vida, seu processo de frustração, em menino, como adolescente, como jovem, até a busca da libertação que o faz voltar, "rasto atrás", para procurar as razões do seu "tempo perdido". Vicente retorna e tenta redescobrir um mundo em decomposição, onde sua presença, antes de ser um incentivo, é um grito de revolta: as três velhas tias que o reencontram, não têm quase palavras de amor, nem poderiam ter: para quê?

Mas Vicente não está interessado na exumação de cadáveres. O que o preocupa, o que o move, é a descoberta de si mesmo, ou melhor, a libertação de si mesmo, através da absolvição do pai e da sua também.

Enquanto não conseguir desvendar o pai, o caçador, o homem duro, o homem que não o entendia e pelo qual não era compreendido ("por que a lua está quebrada papai"?), enquanto não conseguir isso, Vicente não terá paz.

Trata-se, evidentemente, de uma busca perigosa no tempo passado, de uma pesquisa em tôrno da memória dos sentimentos, da vontade de descobrir o mais próximo e, ao mesmo tempo, o mais longínquo, principalmente, de si mesmo.

Jorge Andrade preparou-se longamente para tal. Sua biografia, comentada, que é o início deste prefácio, já nos dá notícia dêsse fato principal.

Mas o dramaturgo queria, precisava ir mais longe. Em sua viagem de trem, sòzinho, abandonando a mulher na cidade e indo cavocar seu passado, como os coveiros de Shakespeare, no *Hamlet,* sabia que iria ao encontro de uma caveira que lhe desvendaria o seu próprio segrêdo.

Não era atrás de Osrik, o bôbo da côrte de seu pai, que Hamlet corria. Era em busca de seu próprio destino que se dirigia implacàvelmente.

Vicente também tinha o mesmo objetivo, mas, tal como Hamlet, não sabia até onde a sua ânsia de desvendamento o levaria.

Levou-o, na verdade, à descoberta de si mesmo e do pai, do pai integral, que é magistralmente revelado nas últimas cenas da peça.

O menino, o adolescente, o môço, o homem maduro, encontrando-se, lutando, condenando e perdoando aquela imagem impossível do pai caçador, incompreendido e por fim aceito condenador e condenado, resumido naquele último grito de redenção que absolve tudo:

"Eu vim p'ra morrer, meu filho. Agora, eu posso!"

* * *

A técnica da simultaneidade já não é novidade no teatro, tanto brasileiro, como internacional. No teatro brasileiro, se não nos enganamos, foi tentada, em "Sketchs" quase sem ligação, primeiro por Paulo Gonçalves, em "A Comédia do Coração", que Dulcina levou na temporada em que renovou o seu repertório (o que constituía na época uma autêntica novidade); em "Amor", de Oduvaldo Viana, apresentada pela mesma atriz, para ser revolucionada e revolucionária, com Nelson Rodrigues, em "Vestido de Noiva".

Para o Brasil, isso talvez constituísse (e constituía mesmo) uma novidade, uma ousadia, mas para a dramaturgia mundial não passava quase já de rotina.

Portanto, não é nesse ponto que *Rasto Atrás* vai impressionar, pelo menos à crítica. O que vai causar espécie é o valor extraordinário das situações, do diálogo, da abertura para o lírico e o psicológico que a peça de Jorge Andrade apresenta.

Vicente, o personagem principal da peça, e em tôrno do qual tudo se move, se cria, e se desfaz, parte para a viagem em busca de si mesmo: buscando-se, encontra todo o mundo que deixou para trás e isso o autor consegue transmitir, teatralmente, com uma eficácia, um patetismo, uma piedade que raramente, ou, para dizer melhor, nunca o teatro brasileiro conseguiu expressar em têrmos cênicos.

Estamos, na verdade, diante de uma das mais importantes obras da dramaturgia brasileira, e não hesitaremos em dizer que se trata da mais pungente, acabada e séria peça do nosso teatro de todos êstes últimos anos.

Jorge Andrade, empregando técnicas as mais diversas do teatro moderno, vai desde o intimismo tchecoviano, passando pela crueza e fôrça expressionista do teatro de Strindberg, para desembocar, na melhor estrutura das últimas obras de O'Neill.

Falar-se-á, seguramente, dêste último dramaturgo, ao se fazerem comentários a *Rasto Atrás*.

Falar-se-á dêle e de outros, é certo. Mas esperamos que nessas correlações alguém lembre que o que Jorge Andrade quis dizer, o que a sua peça procura retratar, não é confissão, ou ato de "mea culpa"; é apenas um momento de coragem humana, de redescoberta de si mesmo, que não teria valor algum literário se não fôsse transposto técnica e artisticamente com tanta fôrça, com tanta pujança e com tanta beleza como o autor conseguiu.

Rasto Atrás é, indubitàvelmente, a maior e a melhor peça que se escreveu na literatura dramática brasileira nestes últimos anos e a técnica adotada pelo autor procura utilizar, sem rebuços, tudo o que já foi feito no gênero, mas adaptando-a a uma necessidade de narração, de desenvolvimento, de seqüência, que se renova continuamente, dando-nos a impressão que os meios técnicos se tornam os únicos possíveis e certos, pois o autor conseguiu, através dêles, encontrar as suas finalidade últimas, a maneira mais direta e exata de expressar sua verdade humana e artística.

Veja-se por exemplo, a maravilhosa cena em que Vicente (com 5, 15, 23, 43 anos) busca, perde, encontra e descobre o pai, também em idades diferentes, até o extraordinário final em que ambos se compreendem e se separam para sempre, a fim de se reencontrarem num tempo eterno.

Rasto Atrás, é, na verdade, o grande passo da dramaturgia nacional na tentativa de sair do folclórico, do episódico, do nacional, para uma projeção da explicitação do homem universal, do reencontro do homem consigo mesmo, do homem eterno, quaisquer sejam suas nacionalidades, suas longitudes, suas latitudes.

É uma peça de sentido universal, é uma história do Homem, uma busca do homem dentro de si mesmo, um panorama geográfico e psicológico do homem na sua mais alta expressão.

DELMIRO GONÇALVES

PERSONAGENS

VICENTE	
LAVÍNIA	Mulher de Vicente.
JOÃO JOSÉ	Pai de Vicente.
ELISAURA	Mãe de Vicente.
MARIANA	Mãe de João José.
ETELVINA	Filha de Mariana.
JESUINA	Filha de Mariana.
ISOLINA	Filha de Mariana.
PACHECO	Pretendente de Jesuina.
MARCELO	Amigo de Vicente.
MARIA	Ex-noiva de Vicente.
MARIETA	Mãe de Elisaura.
DOUTOR FRANÇA	Médico da Santa Casa.
VAQUEIRO	Antigo Empregado da Família.
JUPIRA	Uma Prostituta.
MARUCO	Vendedor de Doces.
MOROZONI	Cantora da Igreja.
EUGÊNIA	Cantora Lírica.
JOZINA	Uma Vizinha.
GALVÃO	
POETA	
PREFEITO	
JORNALISTA	
DRAMATURGO	

ANIMADOR ....
PADRE .... Um Professor.
ALUNOS DO GINÁSIO
MÚSICOS E POVO DA CIDADE NATAL DE VICENTE

A meu pai,

pelas paixões que nos separavam
e que ao mesmo tempo nos uniam,
jogando-nos em um rastejar tão
diverso, mas que levava às mesmas
caças: a compreensão e o amor.

> "No mundo só há de interessante, verdadeiramente, o HOMEM e a VIDA. Mas para gozar da vida de uma sociedade, é necessário fazer parte dela e ser um ator no seu drama; de outro modo, uma sociedade não é mais do que uma sucessão de figuras sem significação que nos passa diante dos olhos."
>
> "Correspondência": EÇA DE QUEIROZ.

PRIMEIRA PARTE

CENÁRIO — Não há cenário.
ÉPOCA — De 1922 a 1965
CENA — Quando se abre o pano, há uma completa escuridão. Pouco a pouco, distinguimos alguns casais sentados em um cinema: entre êles, Vicente e Lavínia. Ouvem-se alguns assobios de protestos.

VOZES — Acenda a luz! Êta galinheiro. Pardieiro. Miauauuuuu! Áu, áu, áu, áu! (*Risadas.*) Miauauuuu! Larga o osso!
VICENTE — Deve ter faltado luz.
LAVÍNIA — É o cinema que não presta. Eu quis assistir a êsse filme quando estava no centro. Todo mundo dizia que era ótimo. Você não quis.
VICENTE — Não tive tempo.
LAVÍNIA — Você tinha prevenção contra êle.
VICENTE — Estou com dor de cabeça.
LAVÍNIA — Quem manda esquecer os óculos!

(*Sùbitamente, uma grande tela é iluminada, onde está sendo projetado o filme "AS AVENTURAS DE TOM JONES". Passa-se a cena da caçada. De repente, Vicente, aflito, levanta-se.*)

VICENTE — Vamos! Vamos embora, Lavínia!

LAVÍNIA — Mas, Vicente...

VICENTE — Não quero ver mais.

LAVÍNIA — Estou gostando. Não vejo nunca um filme até o fim.

VICENTE — (*Grita.*) Então, fique! (*Sai.*)

LAVÍNIA — (*Sai atrás.*) Vicente! O que foi, Vicente?

VICENTE — (*Aflito.*) Não sei.

VOZES — Psiu! Psiu! Calem a bôca! Fóra! Miáuuu!

(*No momento em que a caça é pêga pelos cachorros, a cena do filme desaparece, enquanto vemos Vicente entrando em primeiro plano, carregando uma mala de viagem. Lavínia vem abraçada a êle, com uma expressão preocupada. O filme, de uma grande estação de estrada de ferro, onde há muito movimento de passageiros e de trens que chegam e partem, é projetado tomando todo o fundo e as laterais do palco.*)

VOZES — Carregador? Carregador? Taxi? Quer taxi? Hospedem-se no Hotel Boa Viagem. Carregador? Taxi? Taxi?

VICENTE — (*Olha para trás, preocupado*) Eu disse a você para não trazer as crianças.

LAVÍNIA — A pagem está com êles no carro. (*Aconchega-se a êle, carinhosa*) Queria que levasse, com você, a imagem das carinhas.

VICENTE — Assim, você faz as coisas mais difíceis, Lavínia.

LAVÍNIA — Tenho receio dessa viagem.

VICENTE — Preciso encontrar meu pai. Êle está perdido no meio da mata, no norte de Mato Grosso. Há quase vinte anos! É necessário que eu compreenda de uma vez por tôdas o que se passou entre nós.

LAVÍNIA — (*Algo retesada*) É o que desejo acima de tudo.

VICENTE — É terrível pertencer a um meio, e conseguir fugir dêle, Lavínia.

LAVÍNIA — Não foi o que sempre quis?

VICENTE — Foi. Sonhei com isto ainda adolescente.

LAVÍNIA — Você conseguiu, Vicente.

VICENTE — Mas, ficaram, escondidos em mim, atos que não me deixam viver em paz, me atormentam. O fracasso da minha peça não me magoa mais. Mas, é êle que está levantando um passado... que pensei ter esquecido para sempre.

LAVÍNIA — Sua peça não fracassou. Só porque meia dúzia de idiotas não compreendeu você, não justifica que julgue seu trabalho um fracasso.

VICENTE — Você está invertendo os dados, Lavínia. Foi meia dúzia que me compreendeu. E minha peça contava verdades da nossa gente. Cada pessoa que saía do teatro, fazia-me sentir como se o meu trabalho fôsse gratuito, inútil. Parecia que havia destruído um mundo em mim, e não conseguira substituí-lo. Eu sei que o fracasso também é positivo, mas quando se tem coragem de voltar-se para dentro de si mesmo e avaliar os erros que cometemos. Devo aproveitá-lo para entender-me... e criar alguma coisa. Para isto, preciso compreender êsse passado e me libertar.

LAVÍNIA — E você não está criando? O que está fazendo, então?!

VICENTE — Eu pensei que tivesse encontrado a explicação de minha angústia, de minha vida. Agora, vejo que tenho mentido. A pior coisa que pode acontecer a um autor, Lavínia, é perceber que mente e não saber como sair da mentira.

LAVÍNIA — Pronto! Já foi ao extremo. Agora, já é mentiroso, também. Você exagera tudo, Vicente!

VICENTE — Mas, é verdade, meu bem.

LAVÍNIA — Você está é querendo explicar a vida, através de uma fuga, para um mundo imaginário, que será apenas seu. E é necessário viver no mundo de todos. No mundo de seus filhos, por exemplo. Você vive perguntando sôbre a verdade dos outros. Nunca perguntou sôbre as minhas, que são suas também e estão bem próximas.

VICENTE — Nunca perguntei?!

LAVÍNIA — Nunca. Mas, eu digo: só tenho cinco, você e quatro filhos.

VICENTE — (*Abraça Lavínia com carinho.*)

LAVÍNIA — É sempre assim, quando falo de nós! Você me abraça, mas não nos vê. Sabe por que? Porque vive prisioneiro de uma "ave de asas de aço", não é assim?

VICENTE — (*Sorri*) É.

LAVÍNIA — Uma verdadeira escravidão! Minha pior inimiga. E de seus filhos, também!

VICENTE — É um meio de expressão, Lavínia... não uma escravidão.

LAVÍNIA — Mas, quem sofre as conseqüências sou eu e meus filhos. Lembra-se daquele dia no cinema? Quando saiu desorientado? Do filme da caçada?

VICENTE — Sei, sei.

LAVÍNIA — Qual foi a explicação de seu pai de que se lembrou?

VICENTE — Sôbre a manha das caças?

LAVÍNIA — É. Ela se aplica muito bem ao que se passa entre nós, Vicente!

VICENTE — (*Alheia-se pouco a pouco*) Papai dizia que certas caças correm rasto atrás, confundindo suas pegadas, mudando de direção diversas vêzes, até que o caçador fica completamente perdido, sem saber o rumo que elas tomaram. E muitas vêzes, são tão espertas que ficam escondidas bem perto da gente, em lugares tão evidentes que não nos lembramos de procurar...

(*Ouvem-se, distantes, dezenas de latidos de cães, entrecortados pelo som de uma buzina. O som da buzina funde-se com o apito do trem.*)

LAVÍNIA — (*Sacode Vicente*) Vicente! Não ouve o apito do trem? Desistiu de ir?

VICENTE — Não. Eu vou. Preciso ir. Eu mando notícias.

LAVÍNIA — Amanhã mesmo?

VICENTE — Amanhã. Adeus.

LAVÍNIA — Adeus. (*Beijam-se com amor.*) Cuidado, Vicente! Por favor!

VICENTE — Fique descansada. Olhe as crianças. Adeus.

LAVÍNIA — Adeus.

(*O apito do trem se transforma, lentamente, em som de buzina de caça. Voltam os* *latidos dos cães. Vicente e Lavínia desaparecem. À medida que aumentam os latidos dos cães e se acentua o som da buzina, corta-se o filme. A projeção de "slides" coloridos sugerindo uma floresta, ambienta abstratamente a cena. JOÃO JOSÉ, olhando fixamente para frente, está encostado a uma árvore e VAQUEIRO, mais distante anda à volta, tocando a buzina. João José é grisalho e está com barba de uma semana. Apesar da idade ainda é forte, disposto e ágil. Vaqueiro é um negro claro, de idade indefinida: tanto pode ter cinqüenta como setenta anos. Vaqueiro observa João José, revelando certa preocupação.)*

JOÃO JOSÉ — Não adianta, compadre. A caça amoitou.

VAQUEIRO — Velhaca como esta, eu nunca ví.

JOÃO JOSÉ — Vamos matular, Vaqueiro. Depois rastejamos.

VAQUEIRO — É a terceira vez que ela volta rasto atrás.

JOÃO JOSÉ — Está ouvindo o latido? Escuta!

VAQUEIRO — É a Lambisgóia. Cachorra briosa está ali.

JOÃO JOSÉ — Ela acaba levantando. Deixa trabalhar.

VAQUEIRO — Se não levantar, eu levanto, compadre.

JOÃO JOSÉ — Deixa o cabrito brincar, Vaqueiro. Êle também tem direito de ter brio. Um dia a gente pega.

VAQUEIRO — Nunca carreguei humilhação de catingueiro em garupa de cavalo, compadre.

JOÃO JOSÉ — Nem eu. (*Pausa*) Minha mãe costumava dizer: "p'ra catingueiro, só caçador matreiro".

(Quando João José pronuncia a palavra "MÃE", ilumina-se o quarto da casa da rua 14, onde MARIANA, deitada, fuma em um cachimbo de barro. Mariana tem mais ou menos quarenta e cinco anos, é forte e tem uma expressão um pouco masculina. Os cabelos são puxados para a nuca em grande coque. Percebe-se que ela não conhece a vaidade, a não ser como coisa censurável nos outros. As sobrancelhas são grossas, as mãos ásperas e tem buço ligeiramente acentuado.)

VAQUEIRO — Sá Mariana sabia o que falava. (*Observa João José*) Compadre!

JOÃO JOSÉ — Que é?

VAQUEIRO — Sei que o senhor não gosta de...

JOÃO JOSÉ — (*Corta*) Se não gosto, não diga, compadre.

VAQUEIRO — As vêzes, carece de falar.

JOÃO JOSÉ — Que é?

VAQUEIRO — Não tem vontade de voltar, compadre?

JOÃO JOSÉ — Não.

VAQUEIRO — Eu tenho.

JOÃO JOSÉ — Verdade, compadre?

VAQUEIRO — Tenho, sim.

JOÃO JOSÉ — Aqui não tem luz, rádio, missa e cêrca, compadre. Se minha mãe nos visse nesta mata, aí, sim, ela podia dizer que vivemos num mundo sem porteira!

VAQUEIRO — A gente pode ficar doente.

JOÃO JOSÉ — Se ficar, a natureza cura. (*Odiento*) Melhor do que aquela Santa Casa. E se não curar, morro onde sempre tive vontade: no meio da mata. Depois, compadre, somos pagos p'ra olhar essas terras. Dez mil alqueires! Onde vamos encontrar uma coisa assim? Já pensou?

VAQUEIRO — Só p'ra dar uma olhada, compadre. Dezessete anos é muita coisa!

JOÃO JOSÉ — Se notícia ruim não veio até aqui, é porque está tudo bem.

VAQUEIRO — Tenho saudade das meninas!

(Quando Vaqueiro diz "MENINAS", uma luz difusa ilumina a sala da casa da rua 14. ISOLINA e JESUINA, sentadas, e PACHECO, de pé, estão estáticos. Jesuina e Isolina vestem-se mais ou menos iguais: vestidos em tons escuros, compridos e de mangas até os pulsos; gola alta fechada sôbre o pescoço. A maneira de vestir é uma mistura de antigo e moderno, onde predomina o antigo. Dão a impressão de extremo asseio. Percebe-se que os vestidos estão gastos, mas não remendados. Usam meias grossas e sapatos de bico fino. Pacheco apoia-se em uma bengala e a roupa é nìtidamente do começo do século. Estão todos entre os sessenta e setenta anos. Tanto êles quanto Mariana, parecem figuras de um quadro onde os contornos não estão bem definidos.)

JOÃO JOSÉ — Aposto que estão sentadas na sala, conversando com o Pacheco. Se é que êle ainda vive.

VAQUEIRO — Homem soberbo, aquêle.

JOÃO JOSÉ — E ainda estão falando em lord Astor.

VAQUEIRO — Quem é, compadre? É inglês do frigorífico?

JOÃO JOSÉ — Não. Morreu num barco chamado Titanic.

VAQUEIRO — Coitado!

JOÃO JOSÉ — Não agüento aquilo dois dias. (*Encerra o assunto*) Vamos caçar!

(João José levanta-se. As perneiras de couro, prêsas à cinta, aumentam o seu porte desempenado. O sorriso torna seu rosto sereno, com qualquer coisa de infantil.)

JOÃO JOSÉ — (*Grita, com grande fôrça de vida.*) Braúna! Fanfarra! Melindroso! Toca a buzina, compadre! Bota êsses cachorros p'ra trabalhar. (*Vaqueiro sai, buzinando.*) Vamos ensinar p'ra êsse velhaco que correr rasto atrás é artimanha que caçador matreiro conhece!...

(João José pára, sùbitamente, levando a mão ao peito e apoiando-se à árvore. Vicente (5 anos) *aparece atrás da árvore e caminha, admirando a lua.)*

VICENTE — (*5 anos.*) Papai! Por que a lua está quebrada?

JOÃO JOSÉ — (*Muda o tom.*) Não estou vendo lua nenhuma no céu, Vicente.

VICENTE — Eu vi no livro.

JOÃO JOSÉ — É desenho, meu filho.

VICENTE — Vi também no céu e estava quebrada. Por que, papai?

JOÃO JOSÉ — Não sei.

VICENTE — (*Um pouco aflito.*) Por que a lua fica quebrada? Quem sabe? Ninguém sabe?!

JOÃO JOSÉ — Vicente!

VICENTE — Senhor.

JOÃO JOSÉ — Você já sabe laçar?

VICENTE — Não.

JOÃO JOSÉ — Laçar é mais importante do que saber porque a lua é quebrada.

VICENTE — Por que?!

JOÃO JOSÉ — Porque é. Quer aprender?

VICENTE — (*Afastando-se, até desaparecer.*) Se o senhor me explicar por que a lua fica quebrada, aprendo a laçar também. (*Sai.*)

VAQUEIRO — (*Volta correndo.*) Que foi, compadre? É aquela dor novamente?

JOÃO JOSÉ — Não foi nada.

VAQUEIRO — Está pensando no menino, compadre? Estava falando sòzinho outra vez! Vamos se embora, compadre! Pelo amor de Deus!

JOÃO JOSÉ — Deixa de besteira, Vaqueiro. Corre! Que está esperando? Aquêle velhaco vai embarcar no rio.

VAQUEIRO — Você está bom mesmo, compadre?

JOÃO JOSÉ — Mais firme do que esta árvore. É fígado. Herança de família. Lá em casa, todo mundo sofria do fígado.

(João José e Vaqueiro, alegres, saem correndo. Desaparecem os "slides". Vaqueiro sai tocando a buzina, que vai se distanciando e se confundindo ao apito do trem que reaparece. Mariana, Isolina, Jesuina e Pacheco movimentam-se. O apito do trem passa da sala para o quarto em tons diferentes: máquina elétrica e da década de VINTE. Pacheco olha o relógio. Mariana, recostada nos travesseiros, fuma espalhando a fumaça com as mãos. Percebe-se que ela está irritada com a cama. Na sala, Jesuina e Isolina fazem crochê. As mãos de Isolina trabalham automàticamente. Isolina tem o pensamento longe. Jesuina enrola a lã, enquanto Pacheco segura o novêlo. No momento em que se ilumina a sala, vê-se Pacheco, com dificuldade, pegando o novêlo no chão. Jesuina suspira, enlevada com a amabilidade de Pacheco. Quando fala, Pacheco não encara as pessoas, virando a cabeça ligeiramente para cima. Fala mais para si mesmo do que para os outros. Os três conversam, dando a impressão de que os assuntos já foram milhares de vêzes repetidos.)

JESUINA — (*Ouvindo o apito do trem.*) Não está atrasado o trem, senhor Pacheco?

PACHECO — (*Guarda o relógio.*) Como sempre.

JESUINA — Pensei que o serviço houvesse melhorado!

PACHECO — O que nasce torto não tem consêrto.

JESUINA — De primeiro, andávamos de trole e havia tempo p'ra tudo. Há tanta velocidade perigosa por aí, e ninguém acha tempo nem para visitar os outros.

PACHECO — As estradas de ferro sempre foram muito mal organizadas. Falta de gente especializada.

JESUINA — Não sabem nem esperar uma senhora descer. (*Olha Pacheco.*) Antigamente sabiam esperar e ainda davam a mão à gente.

PACHECO — Delicadezas!

JESUINA — Mimos! Mimos, senhor Pacheco!

ISOLINA — (*Voltando de seus pensamentos.*) Não se salvou ninguém?

PACHECO — Ninguém. Ira divina.

JESUINA — Por que?

PACHECO — As jóias, a riqueza e o orgulho que havia dentro do navio, pesavam mais do que êle. Tinha que ir ao fundo.

ISOLINA — Disseram que nem Deus afundaria o Titanic. Vigia!

PACHECO — Presunções.

JESUINA — Riqueza só traz infelicidade; e a vaidade e a beleza, castigo de Deus. Que vale a beleza, não é, senhor Pacheco? Aparências.

ISOLINA — Lord Astor parecia um príncipe encantado.

JESUINA — (*Olha Pacheco.*) Um olhar profundo, magnético!

ISOLINA — Delicado, gentil. Lembrava um pouco o doutor França.

PACHECO — A mesma fronte altiva.

ISOLINA — Porém, perdia para o doutor França. Lord Astor era apenas um homem de escol. França era um grande médico, homem caridoso perdido neste sertão. Cientista!

PACHECO — Que foi feito de França?

JESUINA — Voltou para a Bahia.

ISOLINA — (*Suspirante.*) Morreu numa cidade solitária do interior.

PACHECO — Mágoas insondáveis.

ISOLINA — Ainda sem mulher. É tão triste um homem sem companheira.

PACHECO — Ia tão bem aqui. Por que partiu daquele jeito, da noite para o dia?

JESUINA — (*Olha, ligeiramente Isolina.*) Coisas de mamãe.

PACHECO — Levei-o à estação, mas não me disse nada.

ISOLINA — (*Sorri a Pacheco, agradecida.*)

(*Os três têm um momento de evocação. Mariana agita-se na cama.*)

MARIANA — Doutor França! Doutor França!

FRANÇA — (*Aparece à porta, todo de branco.*) Está sentindo alguma coisa, dona Mariana?

MARIANA — Claro que não. Não é necessário um exame rigoroso, doutor. (*Algo enigmática.*) Ainda se fôsse em Isolina. Etelvina é forte como um boi de carro.

FRANÇA — O que tem Isolina?

MARIANA — Anda com tanta suspiração. (*Intencional.*) Isolina não sabe se queixar de nada. Nunca sei o que sente. O senhor é médico, quem sabe pode descobrir. Depois, é uma filha exemplar. De prendas raras. Já disse a ela que terá que prestar contas a Deus.

FRANÇA — Por que, dona Mariana?

MARIANA — Quem nasce com as qualidades dela, precisa fazer muito na vida. Não é a tôdas que Deus dá tantos dotes. Isolina ainda não chegou?

FRANÇA — Não.

MARIANA — (*Irritada.*) Ande depressa, doutor. Quem está doente sou eu.

FRANÇA — (*Sorri, sentindo o cheiro da fumaça.*) Estará mesmo, dona Mariana?

(*França sai. Mariana retoma o cachimbo com uma expressão de enfado com França. Pacheco suspira.*)

JESUINA — Dizem que lord Astor era também poeta.

PACHECO — Na minha modesta opinião, era o único êrro dêle. Êrro grave!

JESUINA — Por que, senhor Pacheco? Os poetas embelezam a vida.

PACHECO — Falar à lua, perdido em alamedas, é mais p'ra aluados.

JESUINA — Homens sensíveis, senhor Pacheco. Lembra-se, Isolina, daquela conferência linda de Coelho Neto?

ISOLINA — Lembro. Foi quando Elisaura brigou a primeira vez com João José.

JESUINA — Não foi.

ISOLINA — Foi, sim. João José achou Coelho Neto muito tonto e saiu da conferência.

JESUINA — (*Evocando.*) "Vim como mariposa atraída pela luz!... porque os poetas são as cigarras que cantam nas fôlhas dos livros!"

PACHECO — Tenho para mim, que cigarra é inseto músico que dá prejuízo.

ISOLINA — Foi o que João José saiu dizendo. Elisaura ficou tão magoada, coitada.

PACHECO — Esse negócio de poesia nunca deu nada p'ra ninguém.

JESUINA — (*Faceira.*) Ah, senhor Pacheco! Quanta desilusão!

PACHECO — A verdade é que hoje e sempre, quem quer a môça, mexe com o pé e a bolsa.

ISOLINA — Por isto não se casou?

PACHECO — (*Como se já esperasse a pergunta.*) O fogo nasceu da pedra, a pedra nasceu do chão, firmeza nasce dos olhos, o amor do coração. Não nasceu.

JESUINA — Mas isto é poetar, senhor Pacheco!

PACHECO — Simples trovar.

JESUINA — Só temos amor uma vez na vida. Mamãe dizia: quem casa com qualquer um, aceita qualquer sorte.

PACHECO — Mulher de caráter, dona Mariana.

ISOLINA — Mas, muito injusta.

JESUINA — Ora, Isolina!

ISOLINA — Era mesmo. Igual a ela só mesmo João José. Para êle, não existimos. Nem nós, nem o filho.

JESUINA — Não sei que prazer você tem em falar dos mortos.

ISOLINA — Estou falando que mamãe era injusta. Pelo que eu saiba, não recebemos ainda notícia da morte de João José.

JESUINA — Quem pode saber. Socado naquela mata!

ISOLINA — Mortos ou não, não deixam de ter sido injustos. A morte não apaga essas coisas. Muito menos a impiedade. Suas marcas ficam em nós para tôda a vida. Penso que nada morre, Pacheco. Tudo permanece fechado entre as paredes, nas gavetas, agarrado aos objetos.

JESUINA — Enclausurado no coração, êsse relicário mágico!

PACHECO — Que foi feito de Vicente?

JESUINA — Nunca nos mandou notícias. Mudou de nome, senhor Pacheco! Quer ingratidão maior?

ISOLINA — Não mudou. É nome literário.

JESUINA — Para mim, mudou. Há pouco tempo foi que descobrimos que os dois nomes eram de uma só pessoa. Renegou até o nome do pai! Então, isto é coisa que se faça?

PACHECO — Meio sem propósito.

(Etelvina entra enxugando as mãos no avental. Embora seja a mais môça das irmãs, Etelvina tem a cabeça completamente grisalha. Seu rosto, porém, é moço e curtido de sol, revelando ser a única que faz trabalhos fora de casa. É a mais parecida com Mariana.)

ETELVINA — Não ouviram bater à porta?

ISOLINA — Não!

ETELVINA — Preciso largar a cozinha e atender! E vocês sentadas aqui.

ISOLINA — Não ouvimos, Etelvina.

ETELVINA — É sempre assim!

JESUINA — Não sou copeira.

ETELVINA — Nem eu, cozinheira. Mas, se não cozinho vocês morrem de fome. *(Etelvina sai.)*

JESUINA — Comer é tão prosaico!

PACHECO — Fastidioso! *(Etelvina volta.)*

ISOLINA — Que foi, Etelvina? Por que está assim?

ETELVINA — *(Mostra o telegrama, meio passada.)*

JESUINA — Telegrama?! Para nós?!

ETELVINA — Está em seu nome, Isolina.

ISOLINA — *(Nervosa.)* Então, abra, Etelvina!

JESUINA — Não gosto de telegramas, senhor Pacheco. Só trazem notícias más.

PACHECO — Mensageiros funestos!

ETELVINA — Morte não pode ser. Não conhecemos ninguém fora daqui.

JESUINA — Está se esquecendo de João José?

ETELVINA — Meu Deus!

ISOLINA — De quem é, Etelvina? Diga logo!

ETELVINA — Louvado seja Deus!

JESUINA — Deus nos proteja!

ETELVINA — *(Num sussurro.)* É de Vicente.

JESUINA — Vicente? Que Vicente?

ETELVINA — O filho de João José, Jesuina!

ISOLINA — Vicente?!

JESUINA — Você leu direito, Etelvina?

ETELVINA — (*Lê.*) "Chegarei quarta-feira trem das nove. Ansioso rever família. Abraços sobrinho Vicente."

ISOLINA — (*Comovida e ansiosa.*) Está com saudade da família. Êle tem família! Somos nós! Somos nós, Etelvina!

JESUINA — Claro que somos nós. Está vendo, Etelvina? Você vivia acusando o coitado. Estava trabalhando, estudando, ilustrando-se, honrando o nome da família.

PACHECO — Da comunidade!

ETELVINA — Podia ter nos visitado, mandado uma cartinha de vez em quando. Para mim é como se fôsse um estranho.

ISOLINA — (*Terna.*) Vicente era muito solitário.

JESUINA — Um pouco neurastênico.

ISOLINA — Incompreendido, nada mais!

(*Ilumina-se uma vitrola, onde Vicente* (23 anos) *está sentado, ouvindo em grande concentração, Maria Caniglia cantando "Vissi d'arte", da ópera Tosca de Puccini. Por um momento, todos ficam evocativos como se escutassem a música. Arrebatado, Vicente fecha os olhos, seguindo com as mãos, o modular da voz. Quando termina a música, Vicente desaparece.*)

ETELVINA — Mais do que um estranho. Um menino que nunca consegui compreender.

ISOLINA — Tão fácil.

ETELVINA — Mas, era um belo menino! Perguntador e espreitador, só êle!

JESUINA — Aposto que agora as serigaitas vão nos visitar.

ETELVINA — (*Saindo.*) Preciso ver o que temos na despensa.

ISOLINA — Vamos receber muitos convites!

JESUINA — Nossa casa vai ficar cheia de gente outra vez!

ISOLINA — Podemos dar reuniões, fazer seções literárias.

JESUINA — Convidamos o poeta do jornal...

PACHECO — É um bardo e tanto!

JESUINA — ... a cantora da matriz, o doutor Galvão...

PACHECO — Homem de tôdas as luzes!

JESUINA — ...e...e... enfim, as pessoas cultas do lugar.

PACHECO — Os homens grados!

ISOLINA — O filho da comadre Eulália recita muito bem.

JESUINA — O filho da comadre Eulália está com mais de cinqüenta anos, Isolina, e é notário.

ISOLINA — (*Desolada.*) Já?! Meu Deus!

ETELVINA — (*Reaparece, aflita.*) Hoje não é quarta-feira?

PACHECO — Até à meia-noite.

ETELVINA — Então, é hoje que Vicente vai chegar.

JESUINA — Agora mesmo. Santo Deus. Ainda bem que o trem está atrasado.

ISOLINA — Vamos telegrafar a João José.

JESUINA — Venha conosco, senhor Pacheco. (*Sùbitamente aflita.*) Etelvina! Você sabe o que escritor gosta de comer?

ETELVINA — (*Impertigada e impertinente.*) Antes de ser escritor, tem o nosso sangue, Jesuina! Bastante carne de porco, biscoitos e frango!

(*Saem. França entra no quarto.*)

FRANÇA — A senhora tem razão. Etelvina é forte como uma colona!

(*França é de meia idade e há qualquer coisa de descuidado em suas roupas. Seu rosto é sereno e os gestos, calmos. Arruma constantemente o cabelo, que cai no rosto.*)

MARIANA — É a única que me puxou.

FRANÇA — Agora nós, dona Mariana. Não há mais pretextos.

MARIANA — Basta um purgante, doutor.

FRANÇA — Por que?

MARIANA — Isto é fígado. A família tôda sofre do fígado.

FRANÇA — Como sabe, dona Mariana?

MARIANA — Não posso comer ôvo, só chupo lima. Jesuina não toma leite, Isolina não suporta laranja e João José não pode nem ver abacate. Fica tudo desarranjado. Então, não é fígado?

FRANÇA — Parece.

MARIANA — (*Observa França.*) Que idade tem, doutor?

FRANÇA — Quarenta e seis.

MARIANA — Está na hora de se casar.

FRANÇA — Já passou, dona Mariana.

MARIANA — Meu marido também quando se casou, já era madurão assim como o senhor. Já tinha farreado bastante, queria sossegar. São os melhores casamentos. Casa e sossega. Não está vendo a burrada que João José vai fazer hoje?

FRANÇA — É na idade dêle que a gente deve se casar.

MARIANA — Meu filho precisava de uma colona, uma italiana daquelas, que o prendesse na fazenda, fizesse êle trabalhar, ou trabalhasse por êle. Como eu fiz! Môça educada em colégio de freira, que lê livro em francês! O que pode sair daí? P'ra mim, êsse casamento é o comêço do fim.

FRANÇA — Pode ser que aconteça o contrário, dona Mariana.

MARIANA — Qual! É o ôvo e o espêto. Comprei esta casa só por causa de minhas filhas. Queria arranjar casamento para elas. (*Insinua.*) Garanto ao senhor que qualquer uma das minhas filhas, vai acompanhar o marido. Seja lá p'ra onde o desgraçado fôr. Sabem as obrigações de uma mulher. Gostam um pouco dêste negócio de moda. Mas, com a idade, isto passa.

FRANÇA — São môças.

MARIANA — Mas, feias. Me puxaram. E homem é bicho muito à-toa. Gosta é de cara bonita... ou pernas. Casa... e logo põe outra por conta! O senhor é diferente: é médico. Minhas filhas precisam de um bom reprodutor. Um, assim como o senhor.

FRANÇA — Obrigado, dona Mariana.

MARIANA — Conheço o senhor. Pensa que não sei que gasta por aí as gemadas que toma em casa?

FRANÇA — (*Ri.*) Se estou no tempo das gemadas, não estou mais em idade de me casar, dona Mariana.

MARIANA — Repõe, quem gasta muito! (*Sùbitamente.*) Conhece o Pacheco? O dono da companhia de troles?

FRANÇA — Apenas de vista.

MARIANA — Hoje, vai partir daqui o primeiro trem. O que êle devia fazer? Pegar os troles e vender ou queimar. Mas, não! Vai tentar chegar no frigorífico primeiro do que o trem, só para desmoralizar a estrada de ferro. Não é capadócio?

FRANÇA — É uma reação natural, dona Mariana.

MARIANA — Êle anda festejando Jesuina. Mas, p'ra mim, daí não vai sair nada.

FRANÇA — Suas filhas são simpáticas, dona Mariana.

MARIANA — (*Rápida.*) Por que, então, não se casa com ela?

FRANÇA — Por que não me caso com quem, dona Mariana?!

MARIANA — Isolina! Ela gosta muito do senhor. Garanto que é uma môça sadia. Não tem doença nenhuma...

FRANÇA — Dona Mariana!

MARIANA — É uma ótima menina. Bom! Não é tão menina assim!... mas será uma boa companheira.

FRANÇA — Não duvido. Mas, não pretendo me casar mais.

MARIANA — Não diga isto, doutor. Homem solteiro é traste.

FRANÇA — É verdade. Não gosto de Isolina para casar.

MARIANA — E Jesuina ou Etelvina?

FRANÇA — Ora, dona Mariana!

MARIANA — Com qualquer uma o senhor será feliz.

(*Percebemos Etelvina na porta. Um amargo desencanto estampa-se em seu rosto. Logo depois, desaparece.*)

MARIANA — Algum caso deixado na Bahia?

FRANÇA — Não, senhora.

MARIANA — Então, não há problema. Em um casamento, gostar é o de menos. Afinal, o que sabe uma mulher? Somos levadas p'ra cama e parimos. Nada mais. Quando minha mãe me participou que eu ia casar, eu estava dentro de um rêgo d'água, dando banho em minha boneca. Não me perguntaram se queria ou não. Com quinze anos, me vi em uma cama com um homem barbudo ao meu lado. Sabe o que fiz? Brinquei com a barba dêle... e fiquei sabendo o que era um marido!

FRANÇA — A senhora sempre disse que foi feliz.

MARIANA — Se felicidade é segurança — e é — fui muito, até que descobri a flauta.

FRANÇA — Flauta?!

MARIANA — Meu marido tinha uma... que êle tratava como um objeto sagrado. Se Bernardino não tivesse morrido, tínhamos ficado na miséria. Morreu na hora certa. Que Deus o guarde! Para mim, naquela flauta estava todo o mal.

FRANÇA — Ora, por que?

MARIANA — P'ra quê um homem quer uma flauta?

FRANÇA — A vida não é feita só de trabalhos, dona Mariana!

MARIANA — A minha, foi. A dêle, não.

FRANÇA — Um homem que tinha trinta mil alqueires...

MARIANA — E trinta mil dívidas.

FRANÇA — A senhora está amarga, hoje.

MARIANA — É a verdade. A vida era assim. Os homens aprendiam a andar depois que sabiam montar a cavalo. Passavam a vida correndo atrás das caças. Enquanto isto, nós mulheres, olhávamos as fazendas e as dívidas amontoavam.

FRANÇA — Onde está a flauta?

MARIANA — Na fazenda. Um dia, eu dou sumiço nela. Guardei só para não me esquecer dos negócios de meu marido. Para cada compadre que vendia uma fazenda, dava duzentos ou trezentos alqueires de presente. Recolhia em casa, todo mundo que via. "A humanidade é muito sofredora, Mariana!", dizia. Também!... era só êle virar as costas, eu punha tudo p'ra andar. (*Pausa.*) É uma pena, doutor.

FRANÇA — (*Foge ao assunto.*) A senhora está mais forte do que Etelvina.

MARIANA — Eu sei. Só vou deitar p'ra morrer.

FRANÇA — Então, por que mandou me chamar?

MARIANA — Isolina! Minhas filhas não têm nenhuma iniciativa. Pensam em vocês e falam da lua. Isolina vai gostar do senhor em silêncio até o túmulo. Mulher é o bicho mais bôbo que Deus esqueceu no mundo! (*Pausa.*) Etelvina será o homem da família. Se ela morrer, as outras estão perdidas.

FRANÇA — Quanta amargura! A senhora está doente, mas é da alma.

MARIANA — Eu sei, doutor França. Sinto aqui dentro. Com a partida dêste trem, muita coisa vai acabar.

FRANÇA — Estrada de ferro é progresso, dona Mariana. Só pode trazer coisas boas.

MARIANA — E más. Obrigado, doutor França. (*Chama.*) Etelvina! Etelvina! Acompanhe o doutor França.

FRANÇA — A senhora me permite?

MARIANA — O quê?

FRANÇA — Gostaria de beijar sua mão.

MARIANA — P'ra quê?

FRANÇA — Admiro muito a senhora.

MARIANA — Não gosto de beijação. Até logo, doutor.

FRANÇA — (*Sorri.*) Até a vista. (*Sai.*)

> (*Percebe-se a profunda preocupação de Mariana. Jesuina e Isolina entram, vindas da rua, vestidas no rigor da moda, mas trazendo pano amarrado à cabeça. As duas formam contraste bem acentuado com Etelvina. Esta, examina as irmãs com admiração secreta.*)

JESUINA — Ah! Bom dia, doutor França.

ISOLINA — Bom dia.

FRANÇA — Bom dia. Como vão?

JESUINA — Muito bem.

FRANÇA — Esperei-as, mas agora preciso ir.

JESUINA — Mamãe pensa que ainda estamos na fazenda, quando a visita do médico era aproveitada até para as vacas!

ETELVINA — Onde foram?

JESUINA — Arrumar a igreja.

ISOLINA — Está linda! Um ninho de flôres!

FRANÇA — Então? Tudo pronto para as bodas?

JESUINA — Tudo.

ETELVINA — E João José?

ISOLINA — Foi se vestir no hotel.

ETELVINA — Não vai aparecer mesmo?!

JESUINA — Cabeçudo, só êle.

ISOLINA — Também! Mamãe tem cada uma! É a moça de quem êle gosta, não é, doutor França?

FRANÇA — Demonstra que é.

JESUINA — Paixão arrasadora!

ISOLINA — João José disse que não viria aqui, se mamãe não fôsse ao casamento. Cumpre a palavra.

ETELVINA — Mas, mamãe está doente!

JESUINA — João José não acredita. E quem acredita? Ela vive dizendo que só deita p'ra morrer!

(*Sùbitamente, Jesuina tira o pano da cabeça. O cabelo cortado "à la garçonne", dá a ela um toque ligeiramente ridículo.*)

JESUINA — Tire também, Isolina!

ETELVINA — Mas, vocês?!..

ISOLINA — (*Faceira.*) O que tem nós?

ETELVINA — (*Com inveja oculta.*) Cortaram o cabelo?!

JESUINA — Gosta, doutor França?

FRANÇA — Está usando muito.

JESUINA — Somos escravas, mas da moda. Não ficou bem para Isolina?

FRANÇA — Para as duas.

ETELVINA — (*Aflita.*) Desculpe-me, doutor França, mas preciso me arrumar.

FRANÇA — Passe bem!

ETELVINA — Até à vista. (*Sai.*)

FRANÇA — Espero que gostem da festa.

JESUINA — Promete muito.

ISOLINA — Não vai, doutor?!

FRANÇA — Não posso.

JESUINA — O senhor é tão solitário!

ISOLINA — Temos tão poucas festas!

JESUINA — (*Olha Isolina.*) E raros casamentos.

ISOLINA — Não vai nem à estação?!

FRANÇA — Não são todos os dias que assistimos ao nascimento de uma estrada de ferro. Mas, tenho obrigações.

JESUINA — (*Ameaça com o leque.*) A vida vai passando, doutor.

FRANÇA — De qualquer maneira ela passa.

JESUINA — Pode passar em atitudes namoradas!

ISOLINA — (*Com mais evidência do que pensa.*) Cheia de afetos!

FRANÇA — Ou de espinhos.

JESUINA — São os afetos que não deixam os espinhos nascerem.

FRANÇA — Alguns já nascem conosco.

ISOLINA — (*Falso horror.*) Meu Deus!.. quanto desengano.

JESUINA — O seresteiro da moda vai cantar na estação.

ISOLINA — O Gondoleiro do Amor.

FRANÇA — Não é uma canção imprópria para o momento?

JESUINA — É a única que êle canta.

ISOLINA — Sabe que a Corina vai recitar, doutor?

FRANÇA — Outra vez?!

JESUINA — A Morte da Águia! Já ouvimos a morte desta águia milhares de vêzes.

ISOLINA — A Morozoni vai repetir o sucesso de domingo: "Vissi d'arte, vissi d'amore".

FRANÇA — Ela canta bem.

ISOLINA — Vai cantar em cima da plataforma da máquina. Imagine, doutor (*Com fragilidade um pouco acentuada.*) Eu morreria de mêdo!

FRANÇA — Tem coragem. Bom! Espero que ninguém tome o trem sem querer.

ISOLINA — (*Ouve-se a banda que se aproxima e passa.*) Nem ao casamento o senhor vai?

FRANÇA — A Santa Casa me espera.

JESUINA — Nem tôdas as pessoas de quem o senhor deve cuidar, estão na Santa Casa, doutor.

ISOLINA — Doutor França parece não gostar de cerimônias latinas. Nunca o vemos à missa.

FRANÇA — Sou descrente.

ISOLINA — (*Faceira.*) Desilusões?!

FRANÇA — Sou livre pensador.

ISOLINA — Ah! Que coisa mais feia, doutor!

JESUINA — Os homens são assim mesmo. Não acreditam em nada!

FRANÇA — Apenas disse que faço pensaduras. Curativos.

ISOLINA — Um jôgo de equívocos?

FRANÇA — (*Penalizado.*) Sim. De equívocos.

JESUINA — Trocadilhista? Mais uma prenda de espírito que não conhecia no senhor.

FRANÇA — Tenho muitas... ocultas. Até logo. Divirtam-se!

JESUINA — Até logo.

ISOLINA — (*Sussurro.*) Adeus! (*França sai.*)

JESUINA — (*Corre e olha-se no espelho.*) Não aguentava mais minha cara.

ISOLINA — (*Triste.*) Muita gente vai se ralar de inveja.

JESUINA — Se vai! (*Sùbitamente.*) Você notou alguma coisa, Isolina? No doutor França? Estava com um ar misterioso. Pareceu-me tão esquivo!

ISOLINA — Cientista! São misteriosos como os poetas.

JESUINA — Devem amar também como êles: em silêncio!

ISOLINA — (*Perdida.*) São os mais sinceros. Duradouros!

JESUINA — O meu Pacheco não é poeta, mas também se mantém em silêncio.

ISOLINA — É sentir difícil de se externar.

JESUINA — Mas, descobri o meio de fazer Pacheco se declarar.

ISOLINA — É?! Como?!

JESUINA — Vou mentir que seguirei na primeira viagem.

ISOLINA — Que ótimo! Vai ficar aterrado.

JESUINA — Subirei na plataforma, prometendo escrever e quando êle ficar desolado, recitarei:

> Da bôca farei tinteiro.
> Da língua, pena afiada.
> Dos dentes, letras miúdas.
> Dos olhos, cartas gravadas!

JESUINA — Aí êle se declara . . . e partiremos juntos! Partir! Partir! Que sensação deleitosa! Partir para qualquer lugar. (*Olha-se no espelho.*)

ISOLINA — (*Olha-se no espelho.*) Navegar em transatlânticos!

JESUINA — (*Olha-se no espelho.*) Convivendo com lordes!

ISOLINA — (*Olha-se no espelho.*) Seguindo os últimos jornais da moda!

JESUINA — (*Olha-se no espelho.*) Quem é aquela rainha da moda, coberta de arminho?!

ISOLINA — (*Olha-se no espelho.*) Com vestido perlê e lindas aigrettes!

JESUINA — (*Olha-se no espelho.*) São as duas irmãs misteriosas!.. fabulosamente ricas!... que esmagam corações!

ISOLINA — (*Sùbitamente.*) Você vai magoá-lo, Jesuina! Os troles! Está se esquecendo?

JESUINA — Direi que vou até ao frigorífico para assistir à vitória dêle. Sabe que êle vai apostar corrida com o trem?

ISOLINA — A cidade tôda comenta!

JESUINA — Êle é tão afoito, irá me esperar lá. Está sofrendo tanto por causa dos troles. Tão lindos! Que trem mais antipático! E você? O que recitaria ao doutor França?

ISOLINA — Meu amor, meu doutorzinho!
Meu amor, que Deus me deu!
Dona Mariana governa tudo!
Querer bem, governo eu!

JESUINA — Que lindo! (*Canta diante do espelho.*)

Tua voz é a cavatina
Dos palácios de Sorento!

ISOLINA — (*Acompanha.*)

Por isto eu te amo querido!
Quer no prazer, quer na dor!

(*As duas cantam, revezando-se diante do espelho, retocando-se. Depois, desaparecem dentro da casa. Ao mesmo tempo, Etelvina entra no quarto já pronta para o casamento.*)

ETELVINA — Mamãe! Vou ao casamento.

MARIANA — João José não vem mesmo?

ETELVINA — Não, senhora.

MARIANA — Aquêle cabeça dura.

ETELVINA — É bem filho da senhora.

MARIANA — Teimoso como uma mula.

ETELVINA — Vamos, mamãe! Ainda dá tempo.

MARIANA — Não. Não vou.

ETELVINA — Fica feio, mamãe!

MARIANA — Que me importa. Já estamos entrando com o noivo, Etelvina, a única coisa realmente importante num casamento. E a mais difícil! Vocês que o digam!

ETELVINA — A senhora devia pensar em João José.

MARIANA — É por isto mesmo. Meu filho não vai ser feliz.

ETELVINA — Por que não? Vai casar com quem gosta.

MARIANA — Até parece que não conhece seu irmão.

ETELVINA — Conheço muito bem.

MARIANA — João José é um caboclão que nunca leu um livro. Primitivo e selvagem como um potro. Não estudou, não tem profissão, depende só da fazenda! E com quem vai casar? Com a filha do coronel Sebastião Villela, um homem que nunca saiu da cidade! Uma casa onde se toca piano! Môça de cidade! Diante do primeiro tacho de sabão, vai desmaiar.

Como posso ir nesta igreja, se é isto que vou ouvir o padre falar? Não, não vou mesmo.

ETELVINA — Êles terão que viver conosco, mamãe.

MARIANA — Na fazenda. Aqui, não (*Sùbitamente.*) Você não percebe que suas irmãs vão depender de João José ou de você? Se perdermos o que sobrou, vocês vão viver como? De brisa?

ETELVINA — A gente trabalha, mamãe.

MARIANA — Você trabalha! Quanto mais penso, mais raiva sinto de Bernardino.

ETELVINA — Não fale mais de papai, mamãe. Morreu.

MARIANA — Trinta mil alqueires jogados fora! É aquela flauta!

ETELVINA — Não vamos falar sôbre isto, mamãe. Por favor!

MARIANA — É bom mesmo. Senão, acabo xingando aquêle merda!

ETELVINA — (*Pausa.*) Mamãe! A senhora não devia ter dito aquilo ao doutor França. Já pensou no que significa para Isolina?

MARIANA — Já pensei até me doer a cabeça. Mas, aquelas não têm jeito.

ETELVINA — Não têm jeito, por que?

MARIANA — A feiura é uma desgraça, minha filha!

ETELVINA — Não diga nada a ela, mamãe. Não, hoje!

(*Isolina e Jesuina aparecem à porta, novamente com os panos na cabeça.*)

ISOLINA — (*Disfarça, forçando naturalidade.*) A igreja está linda, mamãe!

JESUINA — Enfeitaram todos os altares!

MARIANA — (*Despeitada.*) Esbanjamento!

ISOLINA — Cobriram a nave com pétalas de flôres, Etelvina!

MARIANA — (*Ri, maliciosa.*) Gostaria de ver João José no meio de tanta flor! (*Com raiva.*) Estão enfeitando o cabresto! Quando êle virar o arreio na barriga, êles vão ver.

ISOLINA — Elisaura vai entrar na igreja, pisando flôres!

MARIANA — Logo sentirá os espinhos.

ETELVINA — Mamãe!

MARIANA — (*Explode.*) Deixa eu falar, Etelvina!

JESUINA — Ajudamos Elisaura arrumar a mala! As camisolas são lindas!

ISOLINA — Tôdas bordadas!

MARIANA — (*Ri com prazer.*) Pois não vai usar nenhuma! João José quando. . . !

ETELVINA — (*Adverte.*) Mamãe!

MARIANA — Que significa êsse pano na cabeça, Isolina?

ISOLINA — (*Meio aflita.*) É para não desmanchar o penteado.

JESUINA — Não estamos chiques?

MARIANA — Os vestidos são indecentes.

JESUINA — É a moda, mamãe.

MARIANA — Moda de artista de revista. Gente à-toa! Que significa êsse coração pintado na cara, Jesuina?

JESUINA — Usa, mamãe!

MARIANA — Vai lavar a cara! Não é tudo que se vê em revista que uma môça de família usa!

JESUINA — Fique a senhora sabendo, que alguém disse que eu estava linda!

MARIANA — Mentiu! Sei muito bem o que espera vocês.

ETELVINA — (*Pedindo.*) Mamãe!

JESUINA — O quê? O que é que nos espera?

MARIANA — Você é muito feia, minha filha.

ETELVINA — Não diga isto, mamãe!

MARIANA — Pode ir, Etelvina! Preciso falar com Isolina e Jesuina.

ETELVINA — Prefiro ficar.

MARIANA — E eu que você saia! (*Etelvina sai meio relutante.*)

ISOLINA — O que foi, mamãe?

MARIANA — Falei com o doutor França. Sei que gosta dêle. É um casamento que eu também gostaria. Mas, não é possível. Êle não quer. Não gosta de você!

ISOLINA — A senhora disse ao doutor França que eu queria me casar com êle?! A senhora teve coragem?!

MARIANA — É verdade, não é? E vou falar também com êsse Pacheco, se não resolver logo. E precisa me dizer o que pretende fazer, já que trole não significa mais nada nesta cidade!

JESUINA — Proíbo a senhora!

MARIANA — Proíbe! É só êle aparecer.

JESUINA — (*Nervosa.*) Os troles são tudo para êle, mamãe.

MARIANA — Só para êle! Precisa pensar em outra coisa. E você, Isolina, deixe de rodear o doutor França. Não adianta ficar pensando em um homem que não quer você.

ISOLINA — (*Profundamente ferida.*) A senhora não tinha direito!

MARIANA — O que você quer? Passar a vida gostando de um homem... que sabe lá o que deixou na Bahia? Vai ver que até família. Mas, eu acabo descobrindo. Êle não perde por esperar.

ISOLINA — (*Sùbitamente, arranca o pano da cabeça.*)

JESUINA — (*Tenta evitar.*) Isolina...!

MARIANA — Mas... o que é isto?!

ISOLINA — (*Desafiante.*) Cortamos o cabelo.

MARIANA — Quem deu autorização?!

ISOLINA — Não preciso mais da sua autorização. Para nada!

MARIANA — (*Possessa.*) Vocês não são raparigas!

JESUINA — Mamãe! Não diga isto!

MARIANA — Minha casa não é bordel! Saiam da minha frente com essa cara de mulher à-toa!

ISOLINA — É a cara que a senhora nos deu. Ninguém nos procura, nenhum môço serve para nós...

MARIANA — Também não aparece nenhum! Já me agarrei com todos os Santos. Gastei dúzias de têrços...

ISOLINA — Porque somos feias como a senhora. E pobres...

MARIANA — Ah! Isto é por conta de seu pai.

ISOLINA — A senhora teve mesmo mais sorte do que nós. Papai conheceu a senhora depois de estar casado. Tenho pena dêle.

MARIANA — É a sorte que eu gostaria que vocês tivessem, minha filha. Mas, os tempos mudaram. E vão mudar mais ainda!

ISOLINA — Não preciso da sua preocupação. Também vou fazer um coração na cara. E bem grande!

MARIANA — (*Grita, enquanto as filhas saem.*) Eu sempre desconfiei de que vocês duas eram filhas daquela flauta!

(Isolina e Jesuina, arrebatadas, saem do quarto. MARUCO aparece na sala com alguns tabuleiros vazios. Enquanto espera, canta "SE SONO ROSE FIORIRANNO".)

MARUCO — Dona Etelvina! Dona Etelvina!

ETELVINA — *(Entra com tabuleiros cheios de doces.)* Bom dia, Maruco.

MARUCO — Buon giorno, dona Etelvina. Já soube!

ETELVINA — Recebemos o telegrama hoje cedo. Fiquei tão atarantada que as brevidades quase queimaram.

MARUCO — Má... estão lindas!

ETELVINA — Não gosto de serviço mal feito. Assim, perdemos a freguesia.

MARUCO — Má... che perde! Ninguém vende doces como os nossos. A cidade no parla de outra coisa, dona Etelvina.

ETELVINA — Sinto receio dêste regresso, Maruco.

MARUCO — Má... che receio! No Café Central estão dizendo que é o piu grande escritor do mundo. É per che no conhecem o Dannunzzio!

ETELVINA — É uma coisa que não entendo, Maruco! O filho de João José metido nessas coisas!

MARUCO — Ehêêêê!... na Itália tem muito!

ETELVINA — Como passa o tempo! Parece que foi ontem mesmo que João José se casou!

MARUCO — A vida é breve, dona Etelvina!

ETELVINA — E trabalhosa, Maruco! Acho que é isto que nos faz esquecer tanta coisa. Já perdi até a conta dos anos que trabalhamos juntos!

MARUCO — Dezessete anos.

ETELVINA — Dezessete anos?! Não sei o que teria sido de nós, se mamãe não me tivesse ensinado tanta coisa. Mamãe era uma mulher da realidade, Maruco. Só via o lado prático das coisas. *(Ri evocativa.)* Coitada! Quando ficava brava, não tinha papas na língua. Isto, trouxe a ela muito desgôsto! *(Olha à sua volta. Disfarça, enxugando os olhos. Maruco percebe.)*

MARUCO — A senhora sabe que em duas horas os tabuleiros ficam vazios?

ETELVINA — A semana passada você disse que andava sobrando, Maruco!

MARUCO — Io disse?! É questa lingua maledetta! De certo queria dizer outra cosa!

ETELVINA — Então, seria possível aumentar a encomenda?

MARUCO — *(Rápido, como se já esperasse o pedido.)* Má, claro! Já trouxe seis tabuleiros.

ETELVINA — Seis?!

MARUCO — Os freguêses aumentaram. É questo!

ETELVINA — Você faz isto para me ajudar.

MARUCO — Má... che ajudar!

ETELVINA — Eu sei, Maruco.

MARUCO — Una visita importante dá despezas, dona Etelvina. Estava com mêdo que a senhora não aceitasse.

ETELVINA — Aceito, sim. Eu preciso.

MARUCO — Questo, pode ficar. Presente.

ETELVINA — Eu faço mais, Maruco.

MARUCO — É uma obrigaçon. Un artista é un artista! Se êle morasse na Itália... êhêêê!... oggi seria festa municipale!

ETELVINA — *(Comovida.)* Obrigada!

MARUCO — Non parlare. Non parlare.

(Isolina e Jesuina entram muito excitadas.)

JESUINA — Telegrafamos para João José, Etelvina.

ISOLINA — Uma verdadeira carta. (*Certo despique.*) Contamos tudo sôbre Vicente. Gostaria de ver a cara de João José.

ETELVINA — Não ficou caro?

ISOLINA — (*Hirta.*) Dinheiro dos meus crochês!

JESUINA — Avisamos o prefeito, o vigário e os professôres.

ISOLINA — Não se fala em outra coisa na cidade.

JESUINA — Nem na inauguração da estrada de ferro, comentou-se tanto!

ISOLINA — (*Aflita.*) Precisamos nos arrumar.

ETELVINA — Já não estamos arrumadas?!

JESUINA — Claro que não, Etelvina!

ETELVINA — P'ra que complicar as coisas, Jesuina? É o nosso sobrinho quem vai chegar.

ISOLINA — Vai entrar por aquela porta... junto com as autoridades do lugar, Etelvina.

JESUINA — Receberá o título de cidadão honorário!

ISOLINA — (*Enigmática.*) Será o triunfo de papai!

JESUINA — Nossos vestidos da congregação já estão passados?

ETELVINA — (*Notando a transformação das irmãs.*) O meu, está. Tratem de passar o de vocês. Até logo, Maruco. Obrigado. (*Sai.*)

ISOLINA — Etelvina tem prazer em parecer cozinheira!

JESUINA — Maruco!

MARUCO — Senhora.

JESUINA — Queremos pedir um favor.

MARUCO — Tudo que quiserem, dona Jesuina.

JESUINA — Quer falar, Isolina?

ISOLINA — Fale você!

MARUCO — Má ... che sucede?

JESUINA — Queremos pedir a você que não volte...

ISOLINA — ... só enquanto nosso sobrinho estiver aqui.

MARUCO — Má ... per che?

JESUINA — Porque sim.

MARUCO — Má ... e dona Etelvina? Como vai entregar os doces?!

JESUINA — Etelvina não fará doces para vender enquanto nosso sobrinho estiver aqui.

MARUCO — Má ... perche?!

ISOLINA — Porque, sim. Pode nos fazer êsse favor?

JESUINA — Uns dias apenas. Vamos ter muita gente aqui em casa.

MARUCO — Falarei com dona Etelvina.

JESUINA — Obrigada!

ISOLINA — Obrigada, Maruco! (*Saem, excitadas e aflitas.*)

MARUCO — (*Sai cantando.*) Se sono rose fioriranno...!

(*Enquanto a voz de Maruco se distancia, ELISAURA surge vestida de noiva. MARIETA acompanha Elisaura, retocando o vestido. Elisaura é esguia e delicada como se fôsse de porcelana. Percebe-se que é uma môça fina, muito bem tratada. Em seu vestido de noiva, parece mais uma aparição.*)

MARIETA — Você não pára, Elisaura!

ELISAURA — A senhora está falando coisas desagradáveis! Não quero ouvir.

MARIETA — Mas, é verdade, minha filha.

ELISAURA — A verdade é que a senhora e papai não compreendem porque gosto de João José.

MARIETA — Não compreendemos mesmo, minha filha!

ELISAURA — Eu compreendo. Isto não basta?

MARIETA — Falo para que fique prevenida. É minha obrigação.

ELISAURA — Sei o que quero!

MARIETA — (*Pausa.*) Sabe como são chamadas?

ELISAURA — (*Mente*). Não.

MARIETA — As môças da rua quatorze. As meninas de dona Mariana.

ELISAURA — Que é que tem? Elas moram na quatorze e são filhas de dona Mariana.

MARIETA — Recitam por aí:

> As meninas já chegam aos trinta!
> Usam coque, saia curta e pinta!
> Mas, do cartório não usam tinta!

ELISAURA — Quanta maldade, meu Deus!

MARIETA — É dona Mariana!... a culpada. Ninguém serve para as filhas.

ELISAURA — A senhora não viu que as duas já cortaram o cabelo, mandaram fazer para o casamento, modelos que eu escolhi? Quando dona Mariana perceber, estará tudo mudado naquela casa.

MARIETA — Você não vai poder com ela, Elisaura.

ELISAURA — Posso, sim.

MARIETA — É uma mulher terrível, minha filha.

ELISAURA — (*Irritada.*) Terrível por quê, mamãe?!

MARIETA — Prepotente! Lá, só vivem como ela quer. Domina a família como se vivesse no século passado. Vai obrigar você a se levantar de madrugada para fazer biscoitos, quitandas e não sei mais o quê. Educada como você foi... e ir terminar à beira de um tacho de sabão! Como posso compreender?

ELISAURA — (*Ri.*) Não vou me casar com ela.

MARIETA — (*Orgulho ferido.*) É o cúmulo da grosseria não assistir ao casamento do filho. Quem é que ela pensa que é?

ELISAURA — Ela está doente.

MARIETA — Fingimento! Aquela mulher morre, não fica doente!

ELISAURA — Hoje, é o dia do meu casamento, mamãe! Até parece que vou para o exílio... ou ser condenada à morte.

MARIETA — Você gosta, está certa em se casar. Mas, estando prevenida, poderá enfrentar melhor certas situações, não sofre desilusões. É uma gente violenta, indiferente, só pensam em caçadas, cachorros e cavalos...!

ELISAURA — João José é rude, mamãe, eu sei. Mas, é ao lado dêle que quero viver! Êle gosta de mim, será diferente comigo.

MARIETA — São incapazes de certas atenções... um carinho!... uma flor...!

ELISAURA — Que belo futuro a senhora está me predizendo!

MARIETA — É que é o último momento que eu...!

ELISAURA — (*Beija a mãe.*) Não precisa temer. O amor modifica tudo.

MARIETA — Deus queira.

ELISAURA — Eu quero. Agora... um sorriso. Êste é o dia mais feliz da minha vida. Não temo nada, mamãe. Ruim com êle, muito pior sem êle!

Eu gosto muito de João José, mamãe! Mais do que tudo na vida.

MARIETA — (*Segurando as lágrimas.*) Que Deus a faça muito feliz, minha filha.

ELISAURA — (*Uma esperança profunda ilumina seu rosto.*) Eu serei feliz. Terei muitos filhos, João José será o mais terno dos maridos e eu... eu serei a única caça que êle procurou realmente na vida. Vamos! Papai está nos esperando!

(*Marieta, comovida, abraça Elisaura, enquanto desaparecem. Dois ou três apitos cortam a cena. Meia dúzia de músicos uniformizados surgem ao fundo e cruzam a cena em direção à estação. Nos instrumentos está escrito: EUTERPE MUSICAL. À medida que passam, aumenta o barulho de vozes e vivas. Um filme de inauguração, em 1922, de uma pequena estação de estrada de ferro, é projetado, tomando todo o fundo e as laterais do cenário. A máquina cresce no sentido da platéia. Em cima da plataforma da frente, por entre a fumaça, uma melindrosa canta "Vissi d'arte", da ópera Tosca de Puccini. Apesar de ter uma bela voz, percebe-se que ela não conhece a arte do canto. Os homens e as mulheres estão vestidos como julgam ser o rigor da moda. Os vestidos, lantejoulas, vidrilhos, missangas, chapéus, aigrettes, lenços e leques, dão grande colorido à cena; a excitação, o mêdo, a expectativa e a alegria, dão grande movimentação.*)

MOROZONI — (*Canta.*) Arte e amor têm sido tôda a minha vida. Fui sincera na minha fé. Por que, oh Deus! me abandonas nesta hora de necessidade?

(*Entre as pessoas, percebemos Jesuina e Isolina. Quando a Morozoni acaba de cantar, há muitas palmas e grande murmúrio. Todos examinam a máquina, encantados e temerosos. Um dos presentes oferece, galante, a mão à cantora. A Morozoni desce e corre para o meio das môças, excitada como se tivesse cometido um ato mais do que temerário. Ouve-se um apito. Algumas pessoas, apavoradas, saem correndo; outras se abraçam. Algumas môças escondem o rosto, fingindo um mêdo incontrolável. Alguns môços, afoitos, batem as bengalas na máquina como se batessem em um animal perigoso.*)

JESUINA — Meu Deus!

ISOLINA — Ah! Que mêdo!

JESUINA — Onde está João José?

ISOLINA — Já entrou.

JESUINA — Você viu? Onde?

ISOLINA — Como vou saber? Um trem tão grande!

VOZES — Será que não sai dos trilhos? Está pegando fogo! É assim mesmo! Está pegando fogo! Fechem as janelas! Fechem! Vai partir! Cuidado! Olha as crianças! Cuidado! Credo! Fechem as janelas!

MARIETA — Elisaura! Elisaura, minha filha! Adeus! Não abra a janela! Seja feliz!

JESUINA — João José! Adeus! Adeus, João José!

MARIETA — Seja muito feliz, Elisaura!

(*Uma grande quantidade de fumaça encobre a cena e o barulho do trem vai se distanciando. Duas ou três môças caem, supostamente desmaiadas. Todos correm na mesma direção, abanando lenços. Corta-se o filme. Quando todos desaparecem, ilumina-se o quarto de Mariana.*)

ETELVINA — João José vai passar vergonha nesta viagem, mamãe.

MARIANA — João José?! Não tem perigo! Quem vai passar vergonha é ela. Coitada! (*Concentrada.*) Camisola bordada!

ETELVINA — Trouxe alguns doces do casamento para a senhora.

MARIANA — Não quero doce nenhum.

ETELVINA — Estava linda a mesa de doces.

MARIANA — (*Despeitada.*) Doce bonito não é bom. Leia a notícia!

ETELVINO — O Emílio Pinto vai publicar amanhã na Gazeta do Povo.

MARIANA — (*Esperançada.*) Êle levou para você, minha filha? É um bom môço!

ETELVINA — Não. Levou para a senhora.

MARIANA — (*Desencantada.*) Ah! Leia!

ETELVINA — Uniram-se pelos laços sagrados do matrimônio, a senhorita Elisaura Villela, fino ornamento de nossa sociedade e dileta filha do coronel Sebastião Villela...

MARIANA — (*Resmunga*) Hummm! Coronel!

ETELVINA — ...e de sua excelentíssima espôsa dona Marieta Villela — e o senhor João José Venâncio, abastado fazendeiro neste...

MARIANA — (*Ri, nervosa.*) Abastado! É o que êles pensam.

ETELVINA — ...abastado fazendeiro neste município, emérito caçador e...

MARIANA — (*Carinhosa.*) Ah! Isto êle é! Caçador, êle é! Sem igual!

ETELVINA — ...emérito caçador e forte esteio da futura política local, filho do...

MARIANA — João José?! Político?!

ETELVINA — Deixe-me ler, mamãe!... filho do saudoso coronel Bernardino Venâncio e de dona Mariana Venâncio, dama de acrisoladas virtudes e excelsos dons de coração.

MARIANA — (*Sorriso de secreta satisfação.*) Parolice!

ETELVINA — ...Ao ensejo do enlace, abriram-se de par em par os amplos portões da tradicional mansão dos Villelas...

MARIANA — Não tem dez anos... a tal mansão!

ETELVINA — Assim, não posso continuar.

MARIANA — Leia!

ETELVINA — ...mansão dos Villelas...

MARIANA — Mansão!

ETELVINA — Mamãe!

MARIANA — (*Explode.*) Então, não leia mais esta palavra!

ETELVINA — ...que foi pequena para abrigar os incontáveis amigos que pressurosos acorreram a festejar o feliz evento. Na corbeille da noiva viam-se custosos mimos, que bem falavam da amizade e do afeto que todos nutrem pelo simpático e jovem casal.

MARIANA — (*Resmunga depreciativa.*)

ETELVINA — Aos presentes foi oferecida uma lauta mesa de doces em caprichados arranjos. Ao champagne usou da palavra, saudando os nubentes, o doutor Ezequiel Pouzadas, conhecido beletrista, estimado poeta, brilhante jornalista, ilustrado Promotor que exorna com seu inflamado verbo os fôros da Comarca, que em sentidas palavras, repassadas de suave emoção, disse da alegria que todos sentiam pelo grato acontecimento. Ao depois...

MARIANA — (*Enfada.*) Ainda tem mais?!

ETELVINA — Ao depois, numa primorosa coincidência, seguiram todos para a novel e suntuosa estação local, de onde partiria o nosso primeiro trem, levando para outras plagas o feliz casal, o boliço crepitante de nossa vida moderna e agitada, as novas de que nossa cidade entrava para o concêrto das grandes cidades do Estado.

MARIANA — E o nosso sossêgo também.

ETELVINA — Bem certa estava a nossa divisa — "Fratres sumus omnes",...

MARIANA — Que é isto?!

ETELVINA — ...somos todos irmãos...

MARIANA — Ah!

ETELVINA — ...que vai simbolizar ao vivo, a existência em comum dos naturais do lugar, com homens de tôdas as procedências do mundo, que desembarcarão em nossa urbe.

MARIANA — (*Triunfante.*) Não falei, Etelvina?! Lá se foi o sossêgo para sempre. E outras coisas também!

ETELVINA — ...Os maviosos e afinados acordes da Sociedade Euterpe Musical, a fina voz de extraordinário soprano e os apitos que reboaram pelo nosso sertão, comemoraram os felizes eventos.

(*Ouvem-se os apitos das máquinas — elétrica e da década de VINTE. Um se distancia e outro se aproxima.*)

MARIANA — (*Com tristeza.*) Só quero ver o que vai sair daí. Boa coisa não será!

(*Sùbitamente, comovida, Etelvina se volta e sai. Desaparece a cena lentamente, enquanto Vicente (43 anos), carregando sua mala, entra no cenário, examinando à sua volta. Voltam, por alguns momentos, os latidos de cães e os sons de buzina. "Slides" com côres sombrias, sugerindo a evocação torturada de Vicente, dão à cena um efeito impressionista. A expressão de Vicente é de evocação intensa. Êle recua, como se relutasse chegar, encostando-se à bôca de cena. Olhando fixamente para a frente, é uma imagem viva da solidão, da desesperança. Ilumina-se a sala onde Isolina, Jesuina e Etelvina, vestidas de filhas de Maria, aguardam sua chegada. Estáticas, elas parecem suspensas no espaço. As expressões, as medalhas grandes, prêsas em fita larga e azul, a imobilidade ansiosa, tudo nelas é profundamente comovente. O garôto entra, admirando o rio.*)

VICENTE — (*5 anos.*) O rio está cheio de igarapés! Olha, papai! Quantos! A lua quebrada está boiando nêle!

(Vicente (15 anos), agitado, surge ao fundo. Vicente (43 anos) se contrai ainda mais.)

VICENTE — *(15 anos.)* Por que se encarniçam tanto contra mim? Será que não podem compreender...!

VICENTE — *(5 anos. Abre os braços e anda equilibrando-se.)* Preciso perguntar p'ra vovó... como é que gente grande é; por que choram escondidos debaixo da mangueira; por que não respondem minhas perguntas...!

VICENTE — *(23 anos. Entra, nervoso, seguro por Maria.)*

MARIA — Vicente! Vicente!

VICENTE — *(23 anos.)* Deixe-me, Maria. Vá embora!

MARIA — *(Segura Vicente, desesperada.)* Não! Não!

VICENTE — *(23 anos.)* Aqui não posso viver. Você não compreende?!

MARIA — Leva-me com você!

VICENTE — Que vida eu ia dar p'ra você, Maria?

MARIA — *(Afastando-se.)* Vicente! Eu espero você. Eu espero... Vicente!

VICENTE — *(23 anos.)* Sinto-me acuado, Maria...

MARIA — *(Desaparecendo.)* Eu espero, Vicente. Eu espero...!

MARIANA — *(Destaca-se da sombra, fremente de raiva.)* Homem não chora! Não faça como sua mãe!

VICENTE — *(5 anos. Abraça-se às pernas de Mariana.)* Por que a lua está quebrada? Por quê?

MARIANA — Nós somos assim. P'ra que serve uma igreja coberta de flôres, se cada mulher que nasce é motivo de tristeza? Lua é lua, flor é flor, rio é rio. No fundo só tem lôdo!

VICENTE — *(15 anos. Caminha transfigurado.)* Não diga isto, vovó! A lua mora nas nuvens, as flôres são lindas!... e os rios estão sempre caminhando, cobertos de flôres e de luas!

(Os três VICENTES caminham, desaparecendo.)

MARIANA — Mergulhe num pr'a ver! *(Revoltada.)* É aquela flauta! Também!... virou penico de soldado na revolução de 32! *(Volta-se e sai.)*

(Vicente (43 anos) domina-se, pega a mala e entra na sala. Desaparecem os "slides", voltando a luz fria que caracteriza as cenas das tias. Vicente pára e vira o rosto, não podendo suportar a visão das tias. Esconde o rosto, enquanto é sacudido pelos soluços. Sùbitamente, não aguentando mais, Isolina adianta-se.)

ISOLINA — Vicente! Você está chorando? Meu filho...!

(Isolina e Vicente se abraçam. Etelvina e Jesuina enxugam os olhos, enquanto...)

CORRE O PANO

Fim da primeira parte.

ISOLINA — (Com incontido obsessivo.) Você vai se realizar, Vicente!

VICENTE — (23 anos. Levanta-se, revoltado.) Realizar como... levando a vida que levo?! (Sai.)

ISOLINA — (Carinhosa e compreensiva.) Confie em si mesmo! Você ainda vai ser importante!

(Quando Vicente diz "vá me conscientizar" começa-se a ouvir uma música popular moderna. Lentamente, "atrizes" de mulheres e homens à vapor, cobrem as paredes da cena. Durante as palmas, o ANIMADOR [illegible]-se. Agora, somente Vicente (43 anos) fica iluminado e rememoração d dêle)

ANIMADOR — E agora!... o prêmio de melhor autor. Devo adiantar, que êsse prêmio veio criar um problema de decoração para a mulher do autor, pois é o quarto que êle recebe. (Solenemente) Melhor autor nacional do ano... VICENTE!

(Vicente se adianta. Lavínia surge, ao fundo, muito bem vestida)

LAVÍNIA — (Beija Vicente) Satisfeito? Agora... um prêmio em cada estante!

VICENTE — (43 anos. Abaixa a voz) É um papagaio em cada Banco.

LAVÍNIA — Não reconheço, Vicente.

VICENTE — E o resultado de cinco peças prontas que ninguém quer encenar.

LAVÍNIA — P'ra que tanta amargura, Vicente?

SEGUNDA PARTE

CENA — Quando se abre o pano, as tias, amigos, autoridades e intelectuais, realizam seção literária em homenagem a Vicente. Sentado entre as tias, Vicente observa os presentes. Eugênia, muito branca, com vestido de babados e rendas que lembra um pouco Violeta Valery, canta a ária da Traviata: "Ah, fors'è lui". As expressões revelam enlêvo sincero. Jesuina e alguns dos presentes sondam Vicente, tentando descobrir o que êle sente. Vicente parece perdido em si mesmo. Isolina, possessiva, acaricia a mão de Vicente. Há uma cumplicidade afetuosa e evocativa entre os dois. Sùbitamente, todos ficam estáticos, enquanto a voz de Eugênia vai sumindo, lentamente, até ficar quase inaudível. As luzes abaixam, deixando a sala na penumbra. Sòmente Isolina fica iluminada. Vicente (23 anos) surge ao fundo, passa entre os convidados e vem se sentar em primeiro plano, examinando atentamente o livro que traz nas mãos.

ISOLINA — (*Enquanto Vicente passa.*) Já disse p'ra você partir, meu filho.

VICENTE — (23 *anos. Parado em primeiro plano*) Tudo começou, tia, em uma caçada com meu pai. O pior, viria depois.

ISOLINA — (*Apreensiva*) Que se passou entre você e seu pai, Vicente?

VICENTE — Não sei. Sempre acontecem coisas entre nós. É inevitável.

ISOLINA — O que aconteceu?

VICENTE — (*Distanciando-se, pouco a pouco*) Êle queria me ensinar. Eu não queria aprender. Disse a meu pai que estava cansado e deitei-me encostado ao tronco de uma árvore. Êle se escondeu distante de mim, piando, chamando o macuco. Fiquei imóvel, ouvindo a resposta da ave, desejando intensamente que ela descobrisse o lôgro. (*Senta-se, olhando, perdido, para o alto*) Olhando a copa das árvores, pensei estar embaixo do meu colchão. A mata ficou imóvel, silenciada numa magia estranha. Esqueci-me de mim mesmo! De tudo! Sentí-me no começo de uma grande busca, perto de algo terrível! O mundo parou e me transformei em um homem diante de sua razão! Foi aí que a pergunta brotou pela primeira vez: quem sou eu? Quem? Era o canto que começava. Então, minha verdade saiu da terra, cresceu e ultrapassou a mata. Percebí... como devia ser maravilhoso compreender, interpretar e transmitir! Partir da minha casa, minha gente, de mim mesmo... e chegar ao significado de tudo, tendo como instrumentos de trabalho, apenas as palavras e a vontade. Não usar nenhum suor, a não ser o meu. Nenhum braço, além dos meus. Nenhuma inteligência, exceto a minha! Isto, era ser livre! Eu me comunicaria! Seria tudo! De repente, um tiro ecoou na mata. Papai veio ao meu encontro, sorridente, segurando sua prêsa. Eu, fui ao encontro dêle com a minha bem firme nas mãos, sentindo que voltaria ao alto das árvores novamente.

ISOLINA — (*Com incentivo obsessivo.*) Você vai se realizar, Vicente!

VICENTE — (*23 anos. Levanta-se, revoltado.*) Realizar como... levando a vida que levo?! (*Sai.*)

ISOLINA — (*Carinhosa e convicta*) Confie em si mesmo! Você ainda vai ser importante!

(*Quando Vicente diz "eu me comunicaria", começa-se a ouvir uma música popular moderna. Lentamente, "slides" de mulheres e homens à rigor, cobrem as paredes da cena. Durante as palmas, o ANIMADOR adianta-se. Agora, sòmente Vicente (43 anos) fica iluminado: a rememoração é dêle*)

ANIMADOR — E agora!.. o prêmio de melhor autor. Devo adiantar, que êsse prêmio veio criar um problema de decoração para a mulher do autor, pois é o quarto que êle recebe. (*Sùbitamente*) Melhor autor nacional do ano... VICENTE!

(*Vicente se adianta. Lavínia surge, ao fundo, muito bem vestida*)

LAVÍNIA — (*Beija Vicente*) Satisfeito? Agora... um prêmio em cada estante!

VICENTE — (43 *anos. Abaixa a voz*) E um papagaio em cada Banco.

LAVÍNIA — Não recomece, Vicente.

VICENTE — É o resultado de cinco peças prontas que ninguém quer encenar.

LAVÍNIA — P'ra quê tanta amargura, Vicente?

VICENTE — (*Olha o prêmio em suas mãos*) Com êsse, são oito em meu escritório... e estou só diante dêles. E como eu, muitos! Com encenações que não obedecem a nenhum objetivo, ninguém pode se sentir realizado. Cada espetáculo se transforma em questões de lucros e perdas! Como um autor pode criar, se precisa pensar em número de personagens, temas proíbidos, censura, intolerância política...?

LAVÍNIA — Vicente! Por favor!

VICENTE — (*Com obsessão*) Existem, nesta cidade, cinco milhões de habitantes! Como levar a êles, o que é preciso dizer!? (*Senta-se*)

(*Lavínia sai e os "slides" desaparecem. A voz de Eugênia se eleva novamente, terminando a ária da Traviata. Voltando a si, Vicente (43 anos) observa Isolina, disfarçadamente, e sorri, reconhecido e afetuoso. Isolina, compreensiva, acaricia a mão de Vicente*)

VOZES — Muito bem! Que voz! Bem cantado! A Traviata é a Traviata! Parabéns! Obrigado!

ISOLINA — Linda! Não achou? Você parecia tão distante!

VICENTE — Ainda aquela mania horrível de me ausentar, de repente!

ISOLINA — (*Cúmplice.*) Eu percebi.

JESUINA — Queriamos que Eugênia cantasse "Vissi d'arte", mas...

EUGÊNIA — Não é para o meu registro.

GALVÃO — Você devia ter feito carreira.

EUGÊNIA — Papai não deixou, doutor Galvão.

JOZINA — Com certeza ficou preocupado. Vida de artista é tão perigosa!

ISOLINA — (*Ofendida.*) Perigosa, por que, Jozina?

JOZINA — Queria dizer... uma môça fazer carreira sòzinha na capital.

GALVÃO — Que foi que aconteceu?

EUGÊNIA — (*Vexada*) Recebí convite para cantar a Traviata no Municipal, mas papai achou que era uma ofensa, cantar o papel de uma mulher...

JESUINA — De vida fácil (*RISOS EXAGERADOS ENTRE OS PRESENTES*)

JOZINA — (*Hirta e pudica, revela estar com a razão*)

POETA — É o cúmulo!

GALVÃO — Que atraso!

EUGÊNIA — (*Criando coragem*) Gritou comigo: "Além de cantora, ainda quer fazer o papel de rapariga? Onde está com a cabeça? O que não vão pensar de mim?" Perdí a oportunidade.

ISOLINA — (*Olha Vicente.*) Os artistas são tão mal compreendidos!

PACHECO — (*Aproveitando-se*) Nossos troles eram puxados por quatro bêstas boas e bem ferradas. Aí...

PREFEITO — Teria sido mais uma conquista artística aqui da terra!

PACHECO — (*Rápido*) Aí, trouxeram a estrada de ferro e acabaram com a minha companhia de troles. E diga-se de passagem, bem mais eficiente do que isto que está aí. Então, resolví comprar umas terras e plantar café: o govêrno proibiu a plantação de café. Vendí as terras: o govêrno mandou queimar o dinheiro. "Êsse govêrno está com prevenção contra mim", pensei. Um dia, comprei umas vaquinhas.

Pum! Proibida a matança de vacas. Ah! É comigo mesmo. Larguei mão. Que havia de fazer? Viver de uns jurinhos. É o que faço!

JESUINA — (*À Jozina.*) Nossos governos nunca tiveram visão nenhuma. Não deixam o povo trabalhar.

GALVÃO — Ví grandes cantatrizes morrerem divinamente na Traviata. Quando era estudante no Rio de Janeiro, fui muitas vêzes comparsa nas temporadas líricas.

JESUINA — Verdade, doutor Galvão?

GALVÃO — A bolsa era curta. Fui escravo na Aída, soldado na Tosca... matei muitos Cavaradossis.

DRAMATURGO — Sabe que, no passado, assistimos aqui a seções de teatros memoráveis?

PREFEITO — Tivemos um belo teatro, avantajado, amplo.

PACHECO — Teatro Aurora.

DRAMATURGO — (*Olhando o Prefeito com reprovação*) Alí, onde é hoje a garagem da Ford.

ISOLINA — Hilário de Almeida escreveu uma peça linda sôbre a fundação da cidade.

DRAMATURGO — (*Sorri, agradecido*)

PREFEITO — O que vem provar que nossa cidade não é só terra de orelhas de zebu.

POETA — Sandices!

PREFEITO — Gente da oposição.

DRAMATURGO — (*Agradecido, olha o Poeta*) Há também outras coisas que se medem a palmos, nesta cidade.

JORNALISTA — O bardo, cá da terra, vai nos deliciar com uma de suas produções

VOZES — Muito bem! Ótimo!

PACHECO — (*Despeitado*) Poetas que não difundem letras, mas espalham tretas.

JORNALISTA — O autor, Vicente, é uma dessas raras flôres, que, brotando por aqui, têm perfumado nossos lares com a fragrância das pétalas coloridas de seus versos inspirados.

POETA — (*Adianta-se*) Genetlíaco! (*Explica*) Que celebra o nascimento de alguma coisa.

Estrêlas festivas no infinito cintilam!
Mil trovões no espaço ribombam!
E sôbre a terra — madre-humosa!
Leito de mil fôlhas, generosa,
Ouvem-se passos de alma destemerosa!
De clã de primitivos tempos
Que batendo mil léguas afoitamente
Aqui aportou só e destemidamente!
Para lares, colégios e capelas erguer,
E um imenso chão santificar.
Surge, assim, o cruzeiro altaneiro
De uma cidade, vagido primeiro!

VOZES — (*Palmas*) Muito bem! Tem substância. Épico! Grandioso! Luminar!

JORNALISTA — Agora, vamos ouvir nosso caro Vicente.

VICENTE — Não sei falar. Desculpem-me.

POETA — Queremos ouvir uma de suas poesias.

VICENTE — (*Apavorado*) Nunca escreví poesia.

JESUINA — Nem diga isto!

ISOLINA — (*Intima.*) Pensa que me esqueci? "Teu silêncio será tua moita!" Era uma poesia linda, Vicente!

VICENTE — (*Expressão de desgôsto*)

JORNALISTA — Nós sabemos que você é um grande poeta.

PREFEITO — Um puro-sangue da arte.
VICENTE — Apenas escrevo para teatro e não sei ler o que escrevo.
PREFEITO — E quem escreve teatro não é poeta? E o grande Xakespir? *(Olha para o jornalista, satisfeito por ter se lembrado do nome.)*
JESUINA — Diga, Vicente!
ISOLINA — Não seja modesto, meu filho. *(Abaixa a voz)* Prometi a êles que você recitaria.
VICENTE — Só uma vez escreví poesia para uma das peças. Querem ouvir esta?
ISOLINA — *(Excitada.)* Queremos!

(Todos, excitados e ansiosos, preparam-se para ouvir. Trocam de lugar, procurando melhores posições. Ao mesmo tempo, ilumina-se o quarto, onde Elisaura, nos últimos tempos da gravidez, está lendo. Etelvina entra com uma xícara de chá)

ETELVINA — Tome, Elisaura!
ELISAURA — Não quero.
ETELVINA — Você precisa pensar em seu filho. Beba!
ELISAURA — Não tenho fome.
ETELVINA — Essa tristeza faz mal p'ra você.
ELISAURA — Eu sei o que me faz mal, Etelvina!
ETELVINA — Eu guardo, você toma depois. *(Sai com a xícara)*

(Vicente vai ficar quase encostado em Elisaura. Elisaura sorri enternecida, sentindo o filho mexer em seu ventre.)

VICENTE — P'ra quê o menino nasceu?
O menino nasceu
Caminhando, falou!
O menino cresceu
Falando, cantou!
O menino sofreu
Cantando, amou!
O menino viveu
Amando, sonhou!
O menino morreu
Sonhando, acabou!
P'ra quê o menino nasceu?

(Ficam todos um pouco confusos. Elisaura rompe em soluços. Isolina e Vicente, trocam um olhar de compreensão profunda)

JESUINA — Continue, Vicente!
VICENTE — *(Disfarça.)* Não terminei ainda de escrever.
JESUINA — Ah! Mas, você deve terminar! Não é, senhor Prefeito?
PREFEITO — Tem substância!
POETA — É poesia moderna, não é?
VICENTE — Não sei.
POETA — Tenho lido muito!

(Apaga-se a imagem de Elisaura. Etelvina entra com uma bandeja com xícaras e uma travessa cheia de biscoitos e brevidades)

JESUINA — Vamos tomar café com brevidades.

ETELVINA — Como você gostava, Vicente.

(Sùbitamente, num gesto, o Poeta bate no braço de Etelvina, derrubando a travessa. Por um momento, as irmãs ficam hirtas, olhando para Jozina)

JOZINA — Ah! Meu Deus! A travessa que comprei de vocês.

ETELVINA — Poremos outra no lugar.

JOZINA — Quero então aquela azul.

ETELVINA — (*Nervosa.*) Ajude-me, Jesuina!

ISOLINA — (*Tenta salvar as aparências.*) Afinal, o que é uma travessa!

JESUINA — (*Abaixa a voz.*) Disfarce, Etelvina! Pelo amor de Deus!

ISOLINA — Temos tantas!

JOZINA — Mas, esta era minha!

(As três irmãs ficam em volta da travessa quebrada. As outras pessoas saem.)

VICENTE — Que foi, tia?

JESUINA — Nada!

ISOLINA — Nada, Vicente.

JESUINA — Etelvina é muito nervosa.

ETELVINA — Vamos deixar de mentiras, Jesuina! Não suporto mais isto.

VICENTE — Não suporta o quê, tia?

ETELVINA — A travessa não era nossa. Já vendemos tôda a louça.

VICENTE — Pediram emprestado? Eu pago...

ETELVINA — Não. Serão entregues... depois que morrer a última de nós.

JESUINA — Ora, Etelvina!

ETELVINA — Nada mais nos pertence: nem casa, nem louças, nem cristais.

VICENTE — (*Horrorizado*) Mas.. isto é um saque contra a morte!

ETELVINA — E contra o que deveríamos sacar?!

VICENTE — (*Confuso, não sabe responder*)

ETELVINA — (*Resolvendo.*) Por que voltou, Vicente?

ISOLINA — Você tem cada uma, Etelvina!

ETELVINA — (*Com crescente animosidade*) Você partiu, esqueceu-se da gente, volta sem a mulher e os filhos... p'ra quê? P'ra fazer a gente sofrer com coisas que passaram... que não gosto nem de lembrar? Já não basta o que tivemos de agüentar sòzinhas?

(Etelvina e as irmãs ajoelham-se em volta da travessa quebrada. Sùbitamente, estáticas, Jesuina e Isolina ficam olhando para frente, com expressão de desesperança.)

ETELVINA — Veio procurar o quê? A agonia demorada de tudo? O rápido desaparecimento do pouco que restou? Que adianta falar agora?

(Vai se acentuando, pouco a pouco, o apito de um trem que se distancia. Às vêzes, temos impressão de que o apito se confunde com o som de uma flauta. É, porém, uma coisa muito vaga)

ETELVINA — Você disse bem: fizemos um saque contra a morte. Foi o que nos restou de tudo. Moramos numa casa, comemos em louças e bebemos em cristais que já não nos pertencem. Só temos o corpo, nossos vestidos de filhas de Maria, livros de missa, santinhos e os caminhos da igreja e do cemitério. Foi só isto que, homens como você e seu pai nos deixaram. Consumiu-se tudo numa incompreensão odienta. A sua verdade! A sua verdade é a nossa agonia. É tudo e todos desta casa! Você fêz da sua inclinação o mesmo que seu pai, das caçadas: um meio de fugir para um mundo só de vocês.

(O apito do trem torna a atravessar a cena. Isolina com os olhos marejados de lágrimas, levanta a cabeça, enquanto vemos doutor França passar com uma mala, acompanhado por Pacheco. Logo depois desaparecem)

ETELVINA — Os amigos foram desaparecendo, um a um! A pobreza acabou levantando uma cêrca de espinhos em volta desta casa! O lugar... onde demoram as môças da rua quatorze. Que direito tem você de vir pedir que soframos mais uma vez, humilhações, angústias e vergonhas tantas vêzes sofridas? Era preciso trabalhar e esquecer. Só isto! Trabalhar e rezar! Noite e dia! Não havia outra saída para nós. Rezei! Rezei para não morrer. Eu era a burra de carga! Forte como uma colona... preparada para aquilo que sou hoje: o homem da casa!

(Sùbitamente, Etelvina começa a soluçar. Vicente vai se afastando, enquanto as três irmãs catam os cacos da travessa. Desaparece a cena. Ilumina-se o quarto de Elisaura)

MARIANA — A sua infelicidade é que é sensível demais! Chora à-toa!

ELISAURA — Não estou chorando.

MARIANA — Se tivesse ficado na fazenda, não viveria longe de seu marido. Nem êle longe da fazenda, onde é o lugar dêle.

ELISAURA — A senhora conhece seu filho melhor do que eu. Sabe que não tenho culpa.

MARIANA — Sei o quê?

ELISAURA — A verdade. Que não importa morar lá ou não. Não é isto que está errado.

MARIANA — O que está errado, então?

ELISAURA — (*Nervosa.*) P'ra que conversar sôbre isto?

MARIANA — Porque eu quero.

ELISAURA — Mas, eu não quero.

MARIANA — Pode conversar, brigar à vontade. Gravidez não é doença. Tive todos os meus filhos, sòzinha na fazenda, só com uma colona.

ELISAURA — Eu não sou a senhora.

MARIANA — Nunca ouviu dizer que as mulheres grávidas, marcam os filhos com suas preocupações?

ELISAURA — Onde a senhora quer chegar?

MARIANA — Que, se continuar assim, seu filho vai sair um chorão, só pensando em coisas de delicadeza. Quando eu estava esperando João José, coloquei a flauta do pai dêle pendurada no banheiro. Pelo menos uma vez por dia, eu xingava ela.

ELISAURA — Foi por isto mesmo que não fiquei na fazenda. Não queria passar meus dias xingando cachorros... e ver essa mentalidade aparecer mais tarde em meus filhos.

MARIANA — Se gosta de ler, escolha livros que não façam você chorar.

ELISAURA — Com estampas de goiabas, milhos, tachos e panelas?

MARIANA — Seria mais útil.

ELISAURA — O rosto de quem a senhora quer que eu veja? Não bastam os que me rodeiam?

MARIANA — O nosso, não. Eu sei que somos feias.

ELISAURA — (*Amarga*) Se depender de presença, meu filho não terá nada do pai.

MARIANA — João José é um cabeça dura, mas é bom.

ELISAURA — Espero que meu filho tenha maneiras mais amáveis.

MARIANA — P'ra quê? P'ra sofrer também?

ELISAURA — Sofrer por que?

MARIANA — Você não está sofrendo? Gente fraca, sofre à-toa. Reze! Reze para que êle seja igual ao pai. Veja bem onde êle vai viver! João José é egoistão, duro... e assim é que é bom. Faz sofrer, mas não sofre. Pelo menos isto eu conseguí, xingando aquela flauta, pendurada bem em frente da privada.

ELISAURA — (*Explode*) Quero que êle seja tudo, menos igual a seu filho. Que viva em qualquer parte, menos aqui. Nunca desejei qualquer coisa na vida, tão intensamente!

MARIANA — (*Raivosa*) E você diz que gosta de João José?

ELISAURA — Gosto. Ainda gosto!

MARIANA — Diga logo a verdade! Deixe de fingimento.

ELISAURA — A senhora também não xingava seu marido? Xinga até hoje.

MARIANA — Nunca disse que gostava dêle. Foi o homem que me deram.

ELISAURA — Mas, era seu marido. Merecia respeito.

MARIANA — Só estava querendo ajudar. Tome! Isto é seu. (*Entrega a carta.*)

ELISAURA — O que é isto?

MARIANA — Carta de João José. O Augusto chegou da caçada. João José vai ficar mais quinze dias. Comece a xingar. Motivo você tem!

(*Enquanto Elisaura lê a carta, Vicente (5 anos) entra no palco. Percebe-se que êle apanha flôres. Simultâneamente, vemos Vicente (43 anos), Isolina e Jesuina ajoelhados no túmulo de Elisaura*)

VICENTE — (*5 anos.*) Zínias, margaridas... flôres de tôdas as côres para minha avó! Zínias, ziiinias, ziiiiinas, zínias...!

VICENTE — (*43 anos*) Quem cuida dos túmulos de mamãe e vovó?

ISOLINA — Seu pai deixou dinheiro só para isto.

JESUINA — Precisamos plantar margaridas. Elas duram bastante.

VICENTE — (*43 anos. Distante*) E zínias!

(*Sùbitamente, o livro e a carta caem no chão. Elisaura, com os olhos esgazeados, revelando espanto e ira, parece indefesa, fragil*)

ELISAURA — (*Sussurro doloroso*) Meu Deus!

MARIANA — Elisaura...!

ELISAURA — (*Profundamente ferida*) Que impiedade!

MARIANA — (*Preocupada*) Que foi, Elisaura?

ELISAURA — (*Sùbitamente, contorce-se.*) Meu filho... meu filho!

MARIANA — (*Abraça Elisaura*) Eu ajudo você.

ELISAURA — (*Empurra Mariana e sai cambaleando*)

MARIANA — (*Aflita.*) Etelvina! Jesuina! ajudem...!

ELISAURA — Sòzinha!... eu quero... sòzinha...!

VICENTE — (5 *anos*) Zínias, zínias e mais zínias...!

MARIANA — (*Raivosa*) Deixa aquêle "argola de laço" chegar, que quero ensinar êle.

(*Enquanto Elisaura sai se contorcendo, ilumina-se a beira do rio, onde João José está diante de duas varas de pescar: uma maior e outra menor. "Slides" coloridos onde percebemos, vagamente, diversas luas, misturados aos "slides" da floresta, iluminam todo o palco.*)

JOÃO JOSÉ — Vicente!

VICENTE — (5 *anos*) Senhor.

JOÃO JOSÉ — Venha, meu filho! Tem lambarí mexendo na vara.

VICENTE — (5 *anos*) Já vou, papai.

(*João José observa o garôto brincar. Vicente (43 anos) se levanta do túmulo e se aproxima do garôto. Jesuina e Isolina desaparecem. Vicente (5 anos), ainda colhendo flôres, sai do palco. João José, sempre olhando o filho, se levanta e caminha como se fôsse seguí-lo. Vaqueiro, ataviado para caçar, surge ao fundo e se aproxima. Reaparecem os sons de latidos e de buzinas*)

VAQUEIRO — E aí, compadre?

JOÃO JOSÉ — Aí, eu pensei: êsse ladino vai embarcar no rio. Se deu essa volta e veio amoitar no ribeirão do Rosário, quando levantar vai como uma flexa no rio. Mas, o safado, numa matreirice, desusada, levantou, correu rasto atrás e perdeu. Tá danado! E agora?

VAQUEIRO — (*Conhecedor*) Era cair em cima do rasto!

JOÃO JOSÉ — (*Expressão matreira*) Claro! Eu tinha uma escrita antiga com êle. A velhacaria dêle já tinha enchido um borrador. Chamei a Lambisgóia, a Fanfarra e a Braúna — o trio tira-prosa — e caí em cima do rasto do velhaco. Pulou aqui, pulou ali, fêz que foi mas não foi, deu uma enganada... e foi amoitar numa unha-de-gato. Vim rastejando com as cachorras e dei com os olhos do bicho. Olhou p'ra mim e deu uma abanadinha de orelha, o atrevido! (*Abaixa a voz, numa risadinha casqueira*) Vai ser à unha, pensei.

VAQUEIRO — (*Expressão astuta*) Ah, eu lá!

JOÃO JOSÉ — De repente, o bicho espirrou e eu gritei: vai manhoso... filho da puta! Hoje, nós vamos fechar nossa escrita!

VAQUEIRO — E foi no rio, o malicioso?

JOÃO JOSÉ — Ficou só na intenção. Quando êle espirrou na várzea, eu e a Lambisgóia espirramos juntos. Ehêêêê!... compadre! O lombo da cachorra foi esticando, esticando... achatou no chão e quando ví.. os dois rolaram! O velhaco deu o último berro, vidrou os olhos já nesses braços!

VAQUEIRO — (*Observa João José, preocupado*) Pois eu digo que êsse cervo, é ainda mais velhaco. Há três dias que malicia com a gente!

JOÃO JOSÉ — Mas, vai acabar numa parede!

VAQUEIRO — (*Pausa*) Compadre! Não é hora não de dona Elisaura adoecer? (*Adverte com tato*) A lua é danada p'ra mudar as coisas!

JOÃO JOSÉ — Mais uma semana, compadre. Desde pequeno, meu filho vai aprender que pode ter caçador tão bom quanto eu, melhor, não! Vai saber que nunca voltei sem minhas caças! E é êsse cervo que...

(*Diversos cachorros começam a latir. João José salta de pé, vira-se com os músculos todos retesados. Seu porte é majestoso.*)

JOÃO JOSÉ — É êle! É êle, compadre! Corre, Vaqueiro! Cerca que êle vai p'ro banhado outra vez!

VAQUEIRO — Já está na garupa!

JOÃO JOSÉ — (*Joga o chapéu no chão*) Virou caveira de parede! Presente p'ro meu filho!

VICENTE — (43 *anos. Perdido em si mesmo*) Presente para o meu filho!

(*Vaqueiro sai tocando a buzina, enquanto Vicente* (5 *anos*) *entra no palco. João José se dirige para onde estão as varas de pescar*)

JOÃO JOSÉ — Vicente!

VICENTE — (5 *anos*) Estou indo, papai.

JOÃO JOSÉ — Você veio pescar ou não?

VICENTE — (43 *anos. Senta-se diante dêles e os observa*)

VICENTE — (5 *anos. Meio sonhador*) Papai!

JOÃO JOSÉ — (*Atento à pescaria*) Que é?

VICENTE — Por que a água corre p'ra lá?

JOÃO JOSÉ — Por causa da queda.

VICENTE — Acho que devia correr ao contrário.

JOÃO JOSÉ — Mas, não corre.

VICENTE — Seria mais bonito. Passaria primeiro naquela árvore cheia de... Que é aquilo pendurado na árvore, papai?

JOÃO JOSÉ — Ninhos de guachos.

VICENTE — Parecem pacotes de balas.

JOÃO JOSÉ — Pescaria exige silêncio, meu filho.

VICENTE — (*Pausa*) Nunca passou tanto igarapé florido, como hoje!

JOÃO JOSÉ — Assim, você não pesca, Vicente.

VICENTE — Um rio de flôres e de luas! Papai! Por que os igarapés descem o rio?

JOÃO JOSÉ — Porque as águas arrancam das margens.

VICENTE — (*Aflito.*) Papai!

JOÃO JOSÉ — Fica quieto, Vicente!

VICENTE — Olha, papai!

JOÃO JOSÉ — Será possível que não pode calar essa bôca?!

VICENTE — Uma traíra está comendo um lambari!

JOÃO JOSÉ — O que é que você pensa que traíra come? Pão-de-queijo?

VICENTE — Salva êle! Salva, papai!

JOÃO JOSÉ — Assim, você cai no rio, menino!

VICENTE — (*Aguarra-se às pernas de João José*) A traíra está comendo o lambarí! Salva êle, papai!

JOÃO JOSÉ — Não é possível. Vamos embora! (*Olha a cesta.*) Mas... onde estão os peixes?!

VICENTE — Não sei.

JOÃO JOSÉ — Você soltou outra vez?

VICENTE — (43 *anos. Levanta-se, aflito*) Soltei!

JOÃO JOSÉ — (*Dá um safanão no garôto*) Seu pamonha! Estou tentando ensinar a você um divertimento de gente, de homem!... está ouvindo? De homem! E você com esta alma de mocinha. Vamos! E não comece a chorar.

VICENTE — (5 *anos*) Eu fiquei com pena, papai. Êles saltavam tanto na direção da água. Quando eu fôr grande, eu pesco, viu papai!

JOÃO JOSÉ — (*Amolecendo*) Está bem, meu filho.

VICENTE — Papai!

JOÃO JOSÉ — Que é, agora?

VICENTE — É bom ser homem?

JOÃO JOSÉ — Claro. Você não é?

VICENTE — Não, papai! É bom ser homem grande?

JOÃO JOSÉ — (*Examina o garôto*) É, sim. É bom ser homem grande. É a melhor coisa, ouviu meu filho? São os homens que mandam. Os homens! Êles domam, caçam, dominam os bichos e são donos do mundo. Não há caça, por mais matreira que seja, que possa fugir dêles. (*Tenta impressionar*) Aquela cabeça grande de cervo que está na parede...

VICENTE — Aquela que parece ter duas árvorezinhas sêcas na testa?

JOÃO JOSÉ — (*Aborrecido*) É. Aquêle cervo, cacei quando você estava p'ra nascer. Afrouxei cinco cavalos. Nunca ví bicho mais astuto. Mas, acabou na garupa do meu cavalo.

VICENTE — (*Em sua nascente visão do mundo, olha para cima*) A lua já não é mais uma bola! É um queijo partido. Quando eu ficar grande, a lua ainda será quebrada?

JOÃO JOSÉ — Acho que sim.

VICENTE — Quando o senhor era do meu tamanho, ela já era?

JOÃO JOSÉ — Já.

VICENTE — E o senhor nunca descobriu porquê?

JOÃO JOSÉ — (*Retesado.*) Não.

VICENTE — Por que?

JOÃO JOSÉ — (*Explode*) Larga mão dessa porcaria de lua, Vicente!

VICENTE — Quando eu fôr homem grande... eu caço, viu papai. Quando ficar grande, — vou ser como o senhor... e vou descobrir por que a lua fica quebrada! Montarei no meu corcel e descerei pelas ribanceiras. (*Saboreando a palavra*) Ribanceiras! RIBANCEIRAS! Vou caçar as negras malas, sulfurosas... (*Sai*)

(*Desaparecem os "slides". João José se dirige para o fundo do palco, saindo. Vicente* (43 *anos*) *acompanha-o perdido em si mesmo. Lavínia surge, atarefada, seguida por um garôto de mais ou menos sete anos. O garôto não aparece de frente, mas lembra muito o jeito de Vicente* (5 *anos*))

GARÔTO — Mamãe! Por que só a cara do pai sai no jornal?

LAVÍNIA — Porque êle escreve estórias que os outros gostam.

GARÔTO — Por que êle não conversa comigo?

LAVÍNIA — Seu pai conversa sempre que pode, meu filho.

GARÔTO — Êle não sai de cima da garagem, mamãe! Quando vai consertar meu papagaio?

LAVÍNIA — Domingo êle conserta.

GARÔTO — Mas, domingo êle manda a gente p'ra matinê.

LAVÍNIA — Seu pai anda muito ocupado, meu filho. Está terminado um trabalho importante. Onde está o papagaio? Venha! Eu conserto.

(Lavínia e o garôto saem. Elisaura surge com um vestido de missangas brancas, logo seguida por Jesuina e Isolina. Ilumina-se a sala onde se realiza a conferência. Uma pequena orquestra toca uma música alegre de 1923. Algumas sombras de pessoas dançando são projetadas no fundo, onde Elisaura e as cunhadas passam e desaparecem.)

ISOLINA — Sôbre o quê Coelho Neto vai falar?

ELISAURA — As cigarras! *(Aflita)* João José já deve estar aflito...! *(Saem)*

(Vicente parece perdido em si mesmo. Lavínia torna a entrar, segurando papeis coloridos e um papagaio. As sombras da conferência desaparecem. Vicente se volta, aflito)

VICENTE — *(43 anos)* Há muitas coisas em minha vida, Lavínia, pedindo explicações. De muitas, lembro-me bem. Mas, são as escondidas que nos atormentam. *(Volta a cabeça, ligeiramente, numa recordação fugidia. O GARÔTO, ESCONDENDO ALGUMA COISA, SURGE CORRENDO, PÁRA, MEIO ASSUSTADO, OLHA PARA OS LADOS E DESAPARECE, RÁPIDO. Vicente retoma o tom)* As que ficam perdidas não sei em que imobilidade, agarradas às paredes como hera, guardadas em fundo de gávetas de cômodas velhas, refletidas em caixilhos, escondidas dentro de nós...!

LAVÍNIA — Quando se refere às coisas de sua vida que pedem explicações, você pensa no passado, ou no presente?

VICENTE — *(Confuso)* Creio que... nos dois.

LAVÍNIA — *(Resolvendo-se)* Quer saber como é que vejo você? Como um grande egoísta, que só pensa em seu trabalho. Mas, é assim mesmo, não é? O mais importante para você, é escrever. Mas, é verdade também que nunca reclamei. Reclamei?

VICENTE — Não.

LAVÍNIA — *(Pausa)* Pensei muito, antes de me casar, Vicente.

VICENTE — Não gostava de mim?

LAVÍNIA — Não se trata disso!

VICENTE — *(Deprimido)* Não lhe dei a vida que esperava.

LAVÍNIA — Não me casei para ficar rica. Não sou tão burra assim.

VICENTE — Por favor, Lavínia!

LAVÍNIA — Mas, é verdade. Era necessário muita burrice... pensar em ficar rica com teatro neste país.

VICENTE — Podia, ao menos, ter uma vida melhor.

LAVÍNIA — Minha vida mudou, Vicente. Só isto!

VICENTE — A ponto de não olhar mais vitrines, não é?

LAVÍNIA — Para quê olhar o que não preciso comprar?

VICENTE — O que não podemos comprar, é melhor dizer!

LAVÍNIA — Você também não entra menos nas livrarias? E os livros são importantes para você.

VICENTE — (*Auto acusação*) Sinto que... já não é a mesma!

LAVÍNIA — Nem podia ser. Sou mãe de quatro filhos. (*Sorri com carinho*) Não basta?

VICENTE — E vive preocupada com o futuro dêles!

LAVÍNIA — Vivo mesmo. Mas, nem por isto deixo de ser feliz.

VICENTE — É a insegurança que eu...!

LAVÍNIA — (*Corta*) Minha preocupação maior é que você seja feliz; possa trabalhar em sossêgo.

VICENTE — (*Abraça Lavínia*)

LAVÍNIA — Para quê se atormentar tanto, Vicente? Você sempre diz que quer viver só de seu trabalho! Eu também acho que deve ser assim.

VICENTE — (*Afasta-se, agitado*) Êste é o problema, Lavínia. Tenho estado prêso num círculo vicioso. Preciso passar nove horas no Ginásio, dando aulas...!

LAVÍNIA — Você ficou tão feliz com a reação dos alunos no Ginásio, não ficou?

VICENTE — Muito! Mas, é que não me sobra tempo para escrever. E o que consigo escrever, não nos permite viver. Estamos sendo isolados cada vez mais, Lavínia. Esta é a verdade!

LAVÍNIA — Isolados, por que?

VICENTE — Porque nesta situação, não é possível criar nada!

LAVÍNIA — E não está criando? Você escolhe seus temas, Vicente, e escreve como quer!

VICENTE — E depois guardo nas gavetas.

LAVÍNIA — Não vão encenar mais a peça?

VICENTE — Não.

LAVÍNIA — (*Preocupada.*) Mas, não pediram a você que escrevesse?!

VICENTE — Pediram. Disseram-me, inclusive, que não me preocupasse com nada, deixasse a imaginação correr. Agora, vêem me dizer que o espetáculo vai ficar numa fábula; que teatro, neste país, é diversão para uma elite que não está interessada em resolver problemas... e por aí afora. (*Amargo.*) O pior é que êles têm razão. Com os prêços que são obrigados a cobrar...!

LAVÍNIA — (*Disfarçando a preocupação*) Sua peça é linda, Vicente. Um dia, será encenada.

VICENTE — Preciso viver da minha profissão, Lavínia. Não posso esperar... um dia!

LAVÍNIA — Quer que ajude? Posso trabalhar também!

VICENTE — E com quem ficam nossos filhos?

LAVÍNIA — Trabalho aqui! Há muita coisa que uma mulher pode fazer, sem sair de casa. Costurar, fazer tricô...

VICENTE — (*Corta*) Por favor, Lavínia. Não vamos voltar a êste assunto.

LAVÍNIA — (*Pausa. Com esfôrço*) Quer que fale com papai? Êle pode nos ajudar.

VICENTE — (*Sêco*) Não. O problema é profissional, não de ajuda.

LAVÍNIA — Você e seu orgulho!

VICENTE — (Impaciente) Mas, não se trata disto. Enquanto não se encarar o teatro como manifestação cultural, será sempre assim. Não posso receber ajuda a vida inteira. Nem posso ver você em cima de uma máquina. (*Sùbitamente, atormentado*) Já basta o que presenciei naquela cidade...!

LAVÍNIA — Há uma semana que não fala com ninguém, Vicente! Anda em casa como alma penada. É horrível viver assim!

VICENTE — (*Revoltado*) Trabalhei nesta peça durante dois anos, fechado em cima daquela garagem, prêso à uma máquina...! Começo a duvidar... do que desejei tanto!

LAVÍNIA — Duvidar?!

VICENTE — É que... já não sei até que ponto... tudo que quero dizer tem importância.

LAVÍNIA — Tem muita importância, Vicente! Seu trabalho fala de uma realidade nossa. Uma estória sua! Importante ou não, é a que tem para contar...! (*Repara em Vicente e percebe que êle já está perdido em si mesmo. Sorri, compreensiva*) E você vai contar!

(*Lavínia beija Vicente e se afasta, observando-o perdido em seus pensamentos. Voltam as sombras da conferência. Sùbitamente, Vicente se volta para o fundo. João José, apressado, sai da sala da conferência, acompanhado por Elisaura. João José está com terno de casimira azul. Percebe-se que êle se sente mal.*)

ELISAURA — João José!

JOÃO JOSÉ — Êsse escritor é uma bêsta!

ELISAURA — Por favor, João José!

JOÃO JOSÉ —P'ra mim, cigarra é inseto músico que dá prejuízo.

ELISAURA — Você não está sendo delicado.

JOÃO JOSÉ — Eu não queria vir. Você insistiu.

ELISAURA — Se fizer um esfôrço, acabará gostando.

JOÃO JOSÉ — Gostando do quê, Elisaura?!

ELISAURA — Da conferência de Coelho Neto, João José!

JOÃO JOSÉ — (*Confuso.*) Por que me pede essas coisas, Elisaura? Eu tenho vergonha de ficar lá.

ELISAURA — Vergonha por que?! Não está cheio de homens?

JOÃO JOSÉ — Não entendo o que aquêle sujeito fala. Êle me dá sono. Só sei que cigarra é bicho daninho! Nunca ví cigarra cantando dentro de livro, Elisaura!

ELISAURA — Fale baixo! Podem nos escutar.

JOÃO JOSÉ — Pois que escutem.

ELISAURA — Faça a minha vontade! (*Insinua*) Hoje, é um dia muito importante.

JOÃO JOSÉ — (*Sem compreender a insinuação*) O sapato está me apertando. Não suporto gravata! Sinto-me como se estivesse arreado, uma bêsta de carga.

ELISAURA — Não brigue comigo.

JOÃO JOSÉ — Mas, quem é que está brigando, Elisaura?

ELISAURA — Você é áspero, não é capaz de ser amável.

JOÃO JOSÉ — É o meu jeito, Elisaura.

ELISAURA — Freqüento tudo sòzinha com suas irmãs. Afinal, não sou viúva, nem desquitada.

JOÃO JOSÉ — Fale baixo! Elisaura! P'ra quê dizer essas coisas?!

ELISAURA — Não pode gostar nem um pouquinho do que gosto?

JOÃO JOSÉ — (*Olha à sua volta, com certo receio de ser ouvido*) Gosto de você. Só de você.

ELISAURA — (*Comovida, abraça João José*) Eu também.

JOÃO JOSÉ — (*Com pudor.*) Estamos em público, Elisaura!

ELISAURA — Preciso dançar, ouvir música, ver gente inteligente...

JOÃO JOSÉ — Você é mulher casada, Elisaura! Ver gente p'ra quê?

ELISAURA — Estou cansada de ver sua mãe o dia inteiro. Só fala em biscoitos, pamonhas, goiabada..! (*De repente.*) Quer coisa melhor do que palavras bonitas, música... para nosso filho?

JOÃO JOSÉ — Que filho?

ELISAURA — O que vou dar a você.

JOÃO JOSÉ — (*Numa alegria crescente*) Você está esperando, Elisaura?

ELISAURA — Estou. Não diz nada?!

JOÃO JOSÉ — Então... é preciso participar p'ros parentes!

ELISAURA — Fique comigo!

JOÃO JOSÉ — Estou satisfeito, Elisaura! Pode ficar. Você está com minhas irmãs. Espero você em casa. Vou contar p'ros amigos. Ah! Vou tirar o papo do Augusto. Meu filho veio primeiro do que o dêle. (*Ri*) Quem não dá no couro, é êle! (*Vai sair e pára*) Quando voltar dos campos gerais, Elisaura, vou trazer p'ra meu filho as mais belas cabeças de cervo! Juntos, então, traremos muitos mais. Êle será o meu companheiro. (*Sai*)

(*Humilhada e magoada, Elisaura levanta a cabeça com decisão. Profundamente ferida, fica um instante meio desnorteada. Vicente (43 anos) encosta-se ao batente, olhando fixamente para frente; fecha os olhos com amargura. Elisaura atravessa o palco, saindo, com expressão de quem se sente muito só.*)

VICENTE — (*Sussurro doloroso*) Êle será o meu companheiro.

(*Enquanto Vicente (43 anos) se perde em meditação profunda, ilumina-se, lentamente, a sala da casa, onde Mariana, Isolina e Jesuina fazem tricô e crochê. Vicente (15 anos,) lendo atentamente, entra e senta-se. Mariana observa Vicente, olhando por cima dos óculos*)

ISOLINA — (*Abaixa a voz, cúmplice, guardando um segrêdo.*) Gostei muito "daquilo", Vicente.

VICENTE — (15 *anos. Faz sinal de silêncio, disfarçando*)

VICENTE — (*43 anos, rememorando.*) Uma ave com penas de prata, asas de aço e olhos do tempo!

MARIANA — (*Sorri enigmática, revelando conhecer o segrêdo dos dois*)

ISOLINA — (*Disfarça.*) Chegaram livros novos no Tedesco, Vicente?

VICENTE — Não. Só Petigrilli deitado pelos balcões, agachado nas prateleiras, brigando com Willy Aurelli p'ra todo lado.

ISOLINA — Que desolação! E discos?

VICENTE — (*Desprêzo odiento*) Guarânias paraguaias!

ISOLINA — Não sei por que gostam tanto de música paraguaia!

MARIANA — (*Enigmática e maliciosa.*) Eu sei. (*Troca olhar com Vicente.*)

ISOLINA — Também, nesta terra não há nada! Dizem que a saúva ainda vai acabar com o Brasil. Pois, eu digo que será a falta de cultura. (*Suspira, sofredora*) Parece que vivemos esquecidos em um canto do mundo!

MARIANA — Deixe de suspiração, Isolina, e acostume a se distrair com as mãos. Será pelo menos útil, no futuro. Nunca é demais lembrar, que seu pai deixou vocês quase na indigência! (*OUVE-SE O APITO DO TREM.*) Êste apito incomoda até os mortos! (*Raivosa.*) Porcaria de trem, que só serviu p'ra queimar invernada.

JESUINA — (*Odienta.*) Semeador de incêndios!

ISOLINA — Vou à estação pedir a alguém que me compre livros em São Paulo.

MARIANA — O que é que você quer? Abrir uma livraria?

ISOLINA — (*Acintosa*) Apenas ler.

MARIANA — Não há mais lugar nesta casa p'ra nada.

ISOLINA — Estamos formando nossa biblioteca.

MARIANA — P'ra que isto? Livro a gente lê e queima.

ISOLINA — (*Ignora Mariana*) Somos autodidatas, não é, Vicente?

MARIANA — (*Desconfiada*) O que é isto?

VICENTE — (*Sorri*) Pessoas que aprendem sem professôres, vovó.

MARIANA — (*Maliciosa*) Pesados, são! Bons p'ra acender fogo.

VICENTE — Está aí a explicação: a senhora queimou os que estavam em meu guarda-roupa?!

MARIANA — Aquêles eram indecentes. Onde se viu livro com mulher pelada na capa? Inglês sem vergonha! Na sua idade, eu sei p'ra quê serve livro com mulher pelada! Não é à-toa que sempre desconfiei desta inglesada do frigorífico!

ISOLINA — Não adianta, Vicente. Ela não entende.

MARIANA — Não entendo mesmo. Logo chega a época das tachadas de goiabada. Vou precisar de muito papel. Já marquei alguns por aí.

ISOLINA — Os meus a senhora não queima. Não se atreva!

MARIANA — Então, tire da minha vista.

VICENTE — A senhora nunca leu, vovó?

MARIANA — Muito! Não faço minhas orações todos os dias?

ISOLINA — (*Troca um sorriso depreciativo com Jesuína.*)

VICENTE — Digo, romance?

MARIANA — Vamos conversar sôbre coisas importantes! Como está a fazenda, Vicente?

VICENTE — Naquela batidinha: sem dinheiro, sem trator...!

VICENTE — (43 *anos*) E muito pavor de Banco.

MARIANA — Companhia e ajuda, é o que se espera de um filho, Vicente.

ISOLINA — E o que se espera de um pai? Compreensão, pelo menos.

MARIANA — Isolina! Você já está passadona, mas ainda pode levar uns tapas.

VICENTE — Ajuda, não é bem o que papai espera de mim. Se gostasse de caçar e me contentasse com uma rocinha aqui e outra alí, ia tudo bem.

MARIANA — Caçar é o divertimento que seu pai aprendeu.

ISOLINA — A senhora mesma vive chamando João José de atrasadão.

MARIANA — Eu posso falar. Ninguém mais.

JESUINA — Êle é mesmo.

MARIANA — Antes isto do que viver de dinheiro a juros. Como muitos por aí que não tem peito nem para sustentar uma mulher.

JESUINA — Isto é p'ra mim?!

MARIANA — É, sim. É p'ra êsse bundudo do Pacheco que não emprenha nem sai de cima.

JESUINA — Mamãe! Por favor!

ISOLINA — Que vulgaridade, mamãe! E na frente de Vicente!

MARIANA — Vicente não é mais criança. (*Insinua, maliciosa*) Já é um homem!

JESUINA — Pacheco ainda não está em condições p'ra casar. Desde que êle perdeu os troles...

MARIANA — (*Corta*) A estrada de ferro já está ficando velha, e êle ainda pensa naquelas porcarias de troles. Sei! Vamos todos assistir a êsse casamento... no além! Melhor! Assim, contaremos com os parentes do cemitério e com Bernardino. Seu pai tocará a marcha nupcial naquela flauta!

ISOLINA — Sem falar de papai a senhora não passa.

MARIANA — E você, Isolina, vive me censurando por causa de um homem que não quis você. Um médico que vivia amigado com uma preta!

ISOLINA — Não é verdade.

MARIANA — Foi com êle para a Bahia.

ISOLINA — Era uma empregada dêle. Uma empregada fiel!

MARIANA — Só que o fogão era na cama! Pior do que essas putas paraguais que mandam, hoje, na cidade. Quanto a você, Vicente, deixe de censurar seu pai.

VICENTE — (*Crispado*) Só quando estiver bem longe daqui.

MARIANA — (*Violenta*) Seu lugar é na fazenda, ajudando seu pai. E pare com êsse negócio de rio de flôres e de luas! Lua é lua, flor é flor, rio é rio. Você não está mais em idade p'ra isto. (*Vira-se para Isolina.*) Pois eu não gostei nada "daquilo" (*Depreciativa.*) "Penas de prata!" Pena que conheço é pena mesmo.

VICENTE — (*Indignado*) A senhora mexeu em minhas coisas?

MARIANA — Mexo em tudo aqui. Quem não gostar que coma menos. De prata, basta aquela flauta. É você, Isolina, quem anda pondo essas besteiras na cabeça de Vicente. Que ninguém se atreva a falar em viagens em minha presença. (*Arruma-se*) Hoje é dia de novena no cemitério. Venham! (*Volta-se para Vicente*) Que aconteceu entre vocês, meu filho? Por que esta raiva? Você e seu pai não trocam meia dúzia de palavras sem se agredir!

VICENTE — Não sei. Pergunte a êle!

MARIANA — (*Temerosa*) Se continuam assim, onde vão parar?

VICENTE — Onde êle quizer!

Diversos túmulos são projetados na parede da esquerda. Mariana, ladeada pelas filhas, anda no meio dêles, rezando. Concentradas e hieráticas, elas caminham com expressão de reverência profunda. Vicente (43 *anos) se apoia em um dos túmulos e fica observando, numa rememoração angustiosa.)*

MARIANA — Padre Eterno, nós oferecemos o sangue preciosíssimo de Nosso Senhor Jesus Cristo para alívio das almas mais abandonadas no Purgatório... entre elas, a de meu marido! Suplico-Vos proteção para a minha família. Iluminai meu filho e meu neto! Ave Maria, cheia de graça... etc.

FILHAS — Santa Maria, mãe de Deus... etc.

(Enquanto ouvimos a oração, Vicente (15 anos,) aflito, abre um livro e retira diversas cédulas de dinheiro. Depois, corre num movimento de fuga e libertação. A estação ferroviária é projetada na parede da direita. Uma locomotiva, prestes a partir, toma tôda a parede do fundo. A cena é invadida por apitos, fumaça, sons de automóveis e de trens, Mariana e as filhas, desaparecem. Vicente (43 anos) se aproxima da estação, olhando, penalizado, a Vicente (15 anos.)

VICENTE — *(15 anos)* Uma passagem para São Paulo.

VOZ — *(Que ressôa em tôda a cena)* Você está só?

VICENTE — Estou.

VOZ — Que idade tem?

VICENTE — Dezessete.

VOZ — Quinze! Vá andando, Vicente!

VICENTE — Eu quero uma passagem para São Paulo.

VOZ — Quer que chame sua avó? Ou aquêle soldado alí?

VICENTE — Eu tenho ordem para viajar.

VOZ — Como da outra vez? Fomos prevenidos por dona Mariana. Vá andando! Outro, por favor.

VICENTE — *(Desesperado)* É a minha vez! *(Grita)* Me dá uma passagem! Eu vou embora! Vou trabalhar e estudar! Não quero morar na fazenda. Largue-me! Deixe-me! Aqui, não consigo viver...! Não posso ser o que sou! Vão me ferir...! Por favor...!

(Ouvem-se os apitos de partida. Vicente corre na direção da locomotiva, enquanto esta parte, crescendo em sua direção como se fôsse passar por cima dêle. O apito vai se distanciando até sumir. Vicente (15 anos) fica parado em grande solidão. O som do apito vai se confundindo com o som de uma flauta. Humilhado, Vicente se afasta, até desaparecer. Vicente (43 anos) o segue, sentindo a mesma solidão.)

VICENTE — *(43 anos. Rememora, profundamente ferido.)* Seria melhor... que não tivesse nascido!

(Sùbitamente, Vicente se volta, aflito. Lentamente, João José, sentado e perdido em pensamentos, é iluminado. Percebe-se que seus pensamentos o torturam, que dúvida humilhante lhe corroi a alma.)

MARIANA — *(Entra e pára enraivecida.)* João José! Fazendeiro precisa levantar e urinar no chiqueiro. São os olhos do dono que engordam os porcos. Já empobrecemos demais, meu filho. Foram até os aneis, naquela maldita crise. Não deixe que nos arranquem os dedos. A fazenda está lá, ao Deus dará.

JOÃO JOSÉ — (*Concentrado.*) Aqui, pelo menos, eu vejo gente.

MARIANA — Vicente não está na fazenda?

JOÃO JOSÉ — Quem sabe onde êsse menino anda! Do mundo da lua êle não sai nunca. (*Pausa.*) Elisaura morreu e me deixou um filho assim!

MARIANA — Você quer é obrigar o menino a gostar do que não gosta. Vicente é bem diferente quando está longe de você, João José.

JOÃO JOSÉ — Pois, comigo, é sempre aquela vergonheira. Se fôr preciso arrancar a roupa e cercar uma caça no rio, êle prefere morrer de bota e tudo!

MARIANA — João José! Aconteceu alguma coisa na caçada? Entre você e Vicente? Desde aquêle dia que vivem como cão e gato!

(*O GARÔTO, ESCONDENDO ALGUMA COISA, SURGE CORRENDO, PÁRA, MEIO ASSUSTADO, OLHA PARA OS LADOS E DESAPARECE, RÁPIDO.*)

JOÃO JOSÉ — Sempre acontece tudo entre nós. Parece sina! Agora, não se contenta mais em pôr táboas nas árvores do pomar para ler. Um dia dêsses, ia passando a cavalo no meio da invernada, olho para cima e quem vejo? Vicente, lendo, sentado no galho mais alto de um ipê!

MARIANA — De certo, é onde se vê livre da sua implicância.

JOÃO JOSÉ — E quando perguntei o que estava fazendo, sabe o que me respondeu? Que procurava uma ave com penas de prata! (*Sùbitamente.*) Mamãe! Nós temos algum caso de loucura na família?

MARIANA — Só se fôr na de seu pai. Os meus foram sempre uns mineirões muito normais.

JOÃO JOSÉ — A senhora não viu Vicente vestido de noiva a semana passada? (*Contendo-se.*) Já estão falando dêle, mamãe. Tenho certeza!

MARIANA — Falando o quê, João José?

JOÃO JOSÉ — Falando!

MARIANA — Marcelo e os amigos dêle também estavam fantasiados de noiva.

JOÃO JOSÉ — Desejei tudo para êle, mamãe. Por que detesta o que eu gosto? Por que não é um companheiro p'ra mim? Parece que êle tem prazer em me ferir.

MARIANA — (*Condoída.*) Vicente é ainda uma criança. Depois que sua mulher morreu, você quase virou um bicho, vivia socado no mato, caçando... e êle cresceu entre quatro mulheres velhas. Não desespere. Procure ajudar o menino!

JOÃO JOSÉ — Já tentei. Ficou uma fera. Acabamos brigando. (*Explode.*) Na idade dêle eu já era um homem. Tinha até mulher por minha conta!

MARIANA — É você quem desconfia de seu filho. Sei muito bem como foi que ajudou: empurrando o menino na cama de uma puta! É isto que é ser homem p'ra você?

JOÃO JOSÉ — (*Violento.*) É! É isto mesmo que é ser homem! E se êle não é assim, prefiro que êle... prefiro que...! Seria melhor que não tivesse nascido!

MARIANA — (*Dá uma bofetada em João José.*) Não se atreva a dizer isto em minha presença! Isto é que é loucura! Mania de gente fraca (*Amarga.*) E dizer, que um dia, você foi um sol p'ra mim! Enquanto trabalhava como uma burra, eu pensava: êle vai fazer tudo isto germinar e o mundo será um campo tombado, e sementes dêle, espalharão espigas e cachos amarelos p'ra todo lado. E os trinta mil alqueires voltarão para nós, outra vez! E uma paca fêz você rodar num rio qualquer! Eu disse que seu casamento não daria certo. Veja no que deu! Só peço a Deus, que esta raiva não vire ódio. Vocês ainda vão se ferir de maneira impiedosa, meu filho! Não quero estar aqui... quando isto acontecer.

(*Mariana e João José saem. Vicente (15 anos) atrás da porta, trespassado, sem poder fazer qualquer movimento, observa a saída de João José. Em sua imobilidade, sentimos uma mágoa imensa. A porta deve ser iluminada, lentamente, durante a última cena. Encostado à parede, olhando Vicente (15 anos), numa evocação dolorosa, está Vicente (43 anos.) Mais distante, Isolina, revoltada, observa Vicente (15 anos), que dá vasão ao seu desespêro, batendo com as mãos no batente da porta. Volta o apito do trem que se distancia, com qualquer coisa de profundamente triste.*)

ISOLINA — Vicente!

VICENTE — (*15 anos. Não se contém mais.*) Por que se encarniçam tanto contra mim, tia? Por que não posso ser o que sou? Cada gesto meu, vira ninho de cobras. Cada palavra, um espinhar. Cada pergunta, um levantar de insetos daninhos! Por que? Por que, meu Deus?!

ISOLINA — Êles não podem compreender, meu filho.

VICENTE — Mas, é justamente o que me desespera. Vivemos isolados! Ninguém se compreende, se comunica, tia!

ISOLINA — É difícil, meu filho.

VICENTE — (*Concentrado.*) Como vencer êsse homem que me barra todos os caminhos! Estou começando a duvidar de mim mesmo, tia.

ISOLINA — (*Preocupada.*) O que é que você espera, Vicente?

VICENTE — (*Exalta-se.*) Escapar dêste mundo, caduco para mim, e me comunicar... de uma maneira ou de outra. Deve haver um meio!

(*Isolina senta-se, abraçada a Vicente. Enquanto fala, acaricia os cabelos dêle com grande ternura, tentando acalmá-lo. O SOM, DISTANTE, DE UMA FLAUTA, ACOMPANHA A CENA. Isolina perde-se numa rememoração repleta de amor.*)

ISOLINA — Você me lembra muito papai. É verdade! Êle nos compreenderia ! Papai era lindo. Parecia um poeta. Tinha alma de poeta. Era inteligente, nobre sensível... sentia pena de todo mundo! "A humanidade é muito sofredora!", dizia. E recolhia todo mundo em casa. Ao entardecer, sentava-se no alpendre e tocava músicas para nós. Êle também gostava de olhar as estrêlas. Contava uma história linda sôbre a luta da Terra com a Lua por causa do sol. A lua perdia e, envergonhada, ocultava á face iluminada, mostrando a face obscura. Era assim que nos explicava as fases da lua. Lembro-me de que êle dizia que mamãe era como a terra: generosa, mas impiedosa. E nós, as filhas, éramos as três Marias! (*Sorriso doloroso.*) Sempre juntas!... em um céu limpo!... assim seria nossa vida!... (*Fica perdida, com os olhos marejados.*)

VICENTE — (*43 anos. Perdido em sua rememoração.*) Ninguém se compreende, se comunica...!

VICENTE — (*15 anos. Preocupado e carinhoso.*) Tia!... tia Isolina!

ISOLINA — (*Sùbitamente, levanta-se.*) Não fique nesta casa, Vicente! Vão ferir você! (*Calma, mas determinada.*) Vá embora, meu filho, antes que o pior aconteça! Não vão entender você nunca...

(*Vicente (15 anos) e Vicente (43 anos) caminham na mesma direção, enquanto Isolina se afasta, desaparecendo. Sùbitamente, dominado por agitação crescente, Vicente (43 anos) se volta, soltando uma praga. Lavínia entra, preocupada e nervosa. Vicente (15 anos sai.)*)

VICENTE — (*43 anos.*) Maldita condição! Será possível que ninguém compreende!

LAVÍNIA — Que foi, Vicente?

VICENTE — Não sei como vencer essa incompreensão.

LAVÍNIA — Que incompreensão?

VICENTE — No govêrno passado, eu era aristocrata... um fascista! Agora, sou subversivo! Minha obrigação, como escritor, é denunciar o que está errado, é dizer a verdade, Lavínia. Doa a quem doer! Escrevi sôbre um fato publicado nos jornais, em tôdas as revistas. Que querem mais?

LAVÍNIA — Sempre o fracasso desta peça! Esqueça isto, Vicente, pelo amor de Deus.

VICENTE — Esquecer como? Êle explica tudo!

LAVÍNIA — Explica também que vive socado naquele escritório, depois de passar o dia inteiro no Ginásio, esquecendo-se de que tem família?

VICENTE — Explica isto também, porque ela depende de mim... e eu estou em um bêco sem saída.

LAVÍNIA — Você podia ter feito o programa da televisão, Vicente! Ajudaria!

VICENTE — O que êles queriam era demais! Inaceitável! (*Indignado.*) Não podemos fazer tudo que o público quer, Lavínia.

LAVÍNIA — Devolveram seu trabalho?

VICENTE — Não. Contrataram uma pessoa para reescrevê-lo... e eu não aceitei. Não assino trabalho de ninguém. Não permito que assinem o meu. Sabe? Quem manda é o número de cartas que o programa recebe! Se o público não gosta de uma personagem, êles simplesmente cortam! Acha que podia aceitar uma coisa assim?!

LAVÍNIA — Sempre o seu trabalho!... a honestidade artística!... a coerência! E sua família? Você mal conversa com seus filhos, Vicente. Vive perdido no mundo das suas personagens... e nem sabe como são êles. Brincar, então, nem se fala.

VICENTE — Que é que você quer? Que deixe meu trabalho, nas poucas horas que tenho, para ir brincar?

LAVÍNIA — Faria bem a você!

VICENTE — (*Áspero.*) Que quer dizer?

LAVÍNIA — (*Exalta-se.*) Que vive obcecado, querendo provar alguma coisa a um pai que não vê nunca!

VICENTE — (*Agressivo.*) Não é verdade!

LAVÍNIA — Se tem o seu mundo, eu tenho o meu... que também é seu. É disto que se esquece. Você se fecha... e pràticamente nos deixa de fora. Passa os olhos por nós, mas não nos vê.

VICENTE — (*Atônito.*) É assim que tem se sentido?!

LAVÍNIA — (*Magoada.*) E não é verdade?

VICENTE — (*Sùbitamente, abraça Lavínia.*) Lavínia!

LAVÍNIA — (*Entrega-se, amorosa.*) Vicente!

VICENTE — Compreenda, meu bem! Estou com mais de quarenta anos e ainda lutando para me realizar. Preciso me comunicar... de uma maneira ou de outra! Mas, sinto que falta sentido em tudo! (*Sùbitamente, atormentado e consigo mesmo.*) Será que estou no caminho errado, Lavínia? Vivemos numa sociedade em crise, de estruturas abaladas, valores negados, soluções salvadoras que não levaram a nada...! (*Obsessivo.*) Qual o caminho certo? Onde achar resposta? No presente? No passado? Será que fiquei apenas em lamentações sôbre a decadência... sem ter saído dela?!

LAVÍNIA — Você está no caminho certo, Vicente! Se não vencer seus fantasmas, não terá paz.

VICENTE — (*Perdendo-se cada vez mais.*) Não posso passar a vida, perguntando quem sou eu! (*Sùbitamente, atemorizado.*) Será que a incompreensão tem sido minha? A verdade já estará solta nas ruas... e eu não estou vendo? Acreditar em quê... neste vazio?! (*Abraça-se à Lavínia.*) O que está errado comigo, Lavínia? Ajude-me!

LAVÍNIA — (*Extremamente preocupada.*) Volte lá, Vicente! Sem conhecer o porquê da sua confusão, não pode encontrar o caminho certo... nem a si mesmo! Faça isto! Por mim!

VICENTE — Está certo, Lavínia. Eu vou!

(*Lavínia sai. Vicente adianta-se, sentindo-se perto de acontecimentos penosos. Pouco a pouco, João José vai sendo iluminado, sentado com a cabeça entre as mãos, em grande preocupação. Alguma coisa o tortura profundamente. Vaqueiro surge ao fundo e olha, preocupado, para João José. "Slides" com formas estranhas, sugerindo grades, são projetados em tôda a cena. Por um momento, voltam os "slides" de côres sombrias do final do primeiro ato.*)

VICENTE — (*43 anos.*) Que impiedade cometemos, papai? Que momento foi êsse que nos separou? Onde procurar mais? Em que canto de mim mesmo, ainda não desci, para tirá-lo de lá como realmente foi? Há uma imagem que precisa ser destruída, para que a verdadeira, apareça. É esta que vim buscar...! (*Vicente sai, enquanto Vaqueiro se aproxima.*)

VAQUEIRO — Vamos se embora, compadre! Vá procurar seu filho duma vez.

JOÃO JOSÉ — Sai daqui, Vaqueiro! Me deixa em sossêgo.

VAQUEIRO — P'ra quê continuar nesta penação?

JOÃO JOSÉ — (*Violento.*) Quem disse que estou penando?

VAQUEIRO — Nem caçar a gente tem caçado, compadre!
JOÃO JOSÉ — Nunca cacei tanto em minha vida! Dia e noite...!
VAQUEIRO — O senhor não tem saído dêste tronco de árvore!
JOÃO JOSÉ — Sabe o que o Vicente me disse uma vez? "Há outros caminhos, outras matas onde um homem pode se perder!" Deve haver caças que a gente não pega nunca...
VAQUEIRO — (*Mais preocupado.*) Compadre!
JOÃO JOSÉ — ...que amoitam...! (*Agitado, passa a mão pelo peito. ELISAURA surge, ao fundo*). Sai daqui, Vaqueiro! Nesta caçada você não entra.
ELISAURA — O filho que vou dar a você! Fique comigo!
JOÃO JOSÉ — (*Dominado por um pensamento obsedante.*) Anda, Vaqueiro! Não volte aqui enquanto eu não chamar. (*Vaqueiro sai.*)

> (*Etelvina, Jesuína, Isolina e Mariana entram e saem ràpidamente, repetindo as frases fora da cena.*)

MARIANA — Deixe o menino, João José! Êle não agüenta!
ETELVINA — Não judie dêle. Vicente não gosta!
JESUINA — Não judie da criança!
ISOLINA — Não judie do menino, João José!

> (*As vozes vão se distanciando. A aparição de Elisaura é um pouco irreal. Quando Elisaura se aproxima, um frêmito percorre o corpo de João José. O garôto entra correndo e rindo, parando quando avista o pai. Logo depois, Vicente (23 anos), com camisa colorida e lança-perfume na mão, passa ao fundo e pára, observando João José. Vicente (43 anos) entra examinando atentamente um livro. Vicente (15 anos) surge ao fundo, fantasiado de noiva, pára e olha João José com expressão decidida, de desafio. João José passa as mãos na cabeça como se quisesse afugentar uma lembrança. Por alguns momentos, João José parece cercado. Os quatro VICENTES, espreitando João José, vão se aproximando com expressão que é um misto de raiva, carinho e súplica de compreensão. A expressão evolui conforme a idade, atingindo o seu ponto mais exasperado em Vicente (15 anos.) Os movimentos que fazem parecem ter qualquer coisa de louco, de suspeito: é como João José os vê. MARCELO e mais sete adolescentes, entram fantasiados de noiva. Êles andam, já meio bêbedos, fazendo com que os véus se agitem no ar. O garôto, rindo, sai correndo e desaparece. Enervado, Vicente (23 anos) volta-se e sai. João José se envolve no bloco e diz qualquer coisa a Marcelo, entregando-lhe um pacote de dinheiro. O bloco, evoluindo sempre em silêncio, vai saindo de cena.*)

MARCELO — (*Sùbitamente.*) Vicente! Venha Vamos entrar no Maringá. A putada está tudo pelada.

VICENTE — (*Cambaleia.*) Como no inferno de Dante.

MARCELO — Lá vem você com suas frases.

VICENTE — Não posso ver aquelas caras...

MARCELO — (*Ri.*) Na hora "agá"... a gente vira o rosto!

(*Elisaura vai se afastando até desaparecer. Como que atraído, João José desaparece na mesma direção.*)

VICENTE — (*Agarra-se a Marcelo.*) Sabe que gosto da sua irmã Maria? Domingo, na missa, ela contou que sonhou comigo!

MARCELO — Então, foi um pesadêlo.

VICENTE — Escrevi p'ra ela:

Assim como vou em seus sonhos!
Meu amor é tão grande, meu bem!
Que as brisas em bailados risonhos!
Trazem você em meus sonhos também!

MARCELO — Nunca ouvi piores. Se pretende ser poeta, desista de cara.

VICENTE — Vou amar Maria a vida inteira.

MARCELO — Aí vem a sua paraguaia. Firme, rapaz!

VICENTE — (*Sem rumo.*) Que paraguaia...?

(*Jupira, fantasiada de boneca, entra e pára, observando Vicente com desgôsto.*)

MARCELO — (*Entrega o dinheiro à Jupira.*) Está bêbado como um gambá.

JUPIRA — És la primeira vez que levo una novia p'ra cama.

MARCELO — Não quer mais uma?

JUPIRA — Yo tengo trinta anos de ventana... e não vi una ciudad como esta. Nunca encontrei padres tão apresurados como nesta tierra! Parece una questão de honor! Venha, chiquito mio. Vamos abrir la cartilla. Por enquanto, es como un ciego que empieza a descobrir el mundo.

MARCELO — Yo tambien estou ciego! Não vejo nadie.

JUPIRA — (*Ri com prazer.*) Venga usted tambien... vá!

(*Jupira sai abraçada a Vicente e Marcelo. A recordação humilhante, faz Vicente (43 anos) se contrair. Vicente (23 anos) e Maria entram enlaçados, sobrepondo-se às figuras de Jupira e Vicente (15 anos.) Vão surgindo, à medida que Vicente (43 anos) levanta o rosto, angustiado.*)

MARIA — Nunca tive um baile de carnaval tão fúnebre.

VICENTE — (*23 anos.*) Carnaval me traz más recordações.

VICENTE — (*43 anos. Contrai-se, recordando.*)

MARIA — Eu quero acabar com elas, você não deixa.

VICENTE — (*23 anos.*) Você acha que casamento fuciona como apagador em quadro negro?

MARIA — E por que não? É uma vida mais importante que começa.

VICENTE — Apenas mais coisas serão escritas. Importantes, eu sei. Mas, não apaga nada.

MARIA — Estamos noivos e não casamos nunca. É o que vejo escrito há dois anos.

VICENTE — Não solucionamos a vida, apenas cansando. Há outras coisas precisando de solução. Importantes também!

MARIA — (*Magoada.*) Mais do que eu, não é?

VICENTE — O problema não é êste! Cada coisa tem sua importância, Maria. Sou eu que preciso ser... alguém que você respeite e meus filhos, admirem.

MARIA — Mas, ser quem?!

VICENTE — Não sei. Gostaria de viajar; tenho necessidade de saber.... de me comunicar. Preciso escrever, Maria!

MARIA — Escrever ?! Escrever o quê?!

VICENTE — Há tanta coisa errada à nossa volta. Tanto sofrimento inútil!

MARIA — É só escrever.

VICENTE — Não é tão fácil assim.

MARIA — Por que não?

VICENTE — Tenho procurado resposta e não encontro. De tanto viver perguntas sem respostas, vou acabar andando à minha volta... e não chegarei nunca à uma solução.

MARIA — (*Fechando-se.*) Solução do quê?

VICENTE — Acho que... escapar dêsse dia a dia que não muda nunca. O largo, a igreja, o cinema, a vizinha! Parece que não faço outra coisa, que assistir a agonia da minha gente, de tudo! Deve haver um meio... de escapar, de lutar... de ser alguém.

MARIA — E é depois de dois anos que vem me dizer isto?!

VICENTE — (*Cai em si.*) Só preciso de um prazo maior, Maria... porque quero p'ra você, um mundo

que seja meu, que só eu posso conquistar. Um mundo diferente dêste que nos rodeia, que não tem mais sentido. Para isto, preciso me realizar.

MARIA — E serei uma noiva eterna, como sua tia? Vicente! Ou será agora, ou nunca!

VICENTE — Você acha que será feliz assim? Casada com um homem que ainda não encontrou a verdade dêle? Que não sabe o que é?!

MARIA — Que importância tem, Vicente?!

VICENTE — Se me casar agora, terei de morar na fazenda, Maria. E eu não sou fazendeiro. Casando assim... eu seria infeliz e a faria infeliz também.

MARIA — Trabalha-se em qualquer lugar.

VICENTE — Não é questão de trabalhar. Será que viver p'ra você é só casar, pôr filho no mundo, comida na mesa e dinheiro em Banco? É o que espera de mim, Maria?!

MARIA — O que mais posso esperar?

VICENTE — (*Num grito.*) Tudo!

MARIA — Tudo o quê, Vicente?!

VICENTE — (*Desesperado, abraça Maria.*) Não sei. Ajude-me!

MARIA — Já fui sua! Fiz tudo por você! Que mais posso fazer, Vicente?

VICENTE — Só sei que não consigo viver aqui, Maria. No entanto, amo tudo...! Meu Deus! Porque não viver como todos? Por que não aceitar êsse mundo como êle é? Não sei como me realizar, Maria. Sinto-me acuado. O que está errado comigo? (*Consigo mesmo.*) Quem sou eu? Quem...?!

MARIA — Vicente! Não fique assim. Eu espero você. Eu espero... Vicente.

(Os dois se beijam, e vão se deitando, sugerindo uma posse. Desaparece a cena, saindo os "slides". Fascinado, no limite de uma descoberta, Vicente (43 anos) caminha para o fundo do palco, como que atraído por uma grande fôrça.)

VICENTE — *(43 anos.)* Quem? Um grande egoísta, que só pensa em seu trabalho. Passa os olhos por nós, mas não nos vê. Eu tinha necessidade de saber, Maria! Precisava ler todos os livros do mundo!... preocupar-me com os problemas da minha gente! O conhecimento da verdade...!

(Diversos "slides" de ginasianos são projetados nas paredes. As expressões são positivas, de grande determinação; são alegres, sadias e abertas. Três dêles se adiantam em direção de Vicente.)

VICENTE — *(Sùbitamente.)* Continuamos, hoje, nossa leitura e análise da peça "O Caso Oppenheimer". Onde paramos?
ALUNO 1 — Página seis. Oppenheimer fala sôbre Einstein.
VICENTE — Paramos aí, para que ficasse bem claro a importância desta fala. Diz Oppenheimer: "Recebi uns cinco ou seis telefonemas. Einstein me disse: se eu pudesse escolher outra vez, iria ser funileiro ou vendedor ambulante, para gozar, ao menos, de um modesto quinhão de independência", Luís Fernando! Que conclusão você tira desta fala?
ALUNO 2 — Bom, professor! Penso que os cientistas foram usados para outros fins, que não os da ciência.

VICENTE — Sobretudo, ela quer dizer que podemos fazer com nossas próprias mãos, as armas que podem destruir a personalidade, fazendo de cada um, um instrumento cego.
ALUNO 2 — Como assim, professor?
VICENTE — É que o trabalho dêles, concentrou um poder econômico e político nas mãos de uma minoria, que não só os levou a uma dependência material, como também trouxe uma terrível ameaça à sua existência intelectual, o que pode impedir o aparecimento de mentalidades independentes. A partir daí, o trabalho intelectual se torna impossível. É quando as feiticeiras, assanhadas, saem à rua! *(OS ALUNOS ENTREOLHAM-SE.)* Falamos delas no começo...! O que foi?
ALUNO 1 — O senhor não soube? õ
VICENTE — O quê?
ALUNO 3 — O que se passou na aula de religião?
VICENTE — Não.

(Vicente se afasta, enquanto entra o PADRE.)

PADRE — Que foi que você disse?
ALUNO 1 — *(Expressão maliciosa, provocante.)* Que sou ateu!
PADRE — Você não sabe o que diz.
ALUNO 1 — Se um cientista não precisa de Deus, eu também não preciso.
PADRE — Quem disse que um cientista não precisa de Deus?!
ALUNO 2 — O professor Vicente!
PADRE — Sempre o professor Vicente! O que mais êle afirmou?

ALUNO 2 — Precisa mais, professor?!

PADRE — Não. Mas, está certo! Certo para uma pessoa como o professor de teatro, que todo mundo sabe não passar de um comunista notório. Pior ainda: subversivo!

ALUNO 3 — É Oppenheimer quem é acusado de comunista, não o professor de teatro.

PADRE — Isto não é teatro! Esta peça não presta. Como não presta também a peça do professor Vicente, encenada na cidade.

ALUNO 1 — (*Agressivo.*) Não presta por que? Eu gostei muito!

PADRE — Porque é uma mentira. Aquela personagem não foi daquele jeito. É baseada no avô dêle, e todo mundo sabe que não passou de um frequentador do meretrício.

(*OS ALUNOS FALAM TODOS AO MESMO TEMPO.*)

ALUNO 2 — Então, o senhor não entende de teatro!

ALUNO 1 — A personagem não é o avô dêle!

ALUNO 3 — Simboliza a mentalidade de antes de trinta...

ALUNO 2 — ...a queda de famílias do café...

ALUNO 1 — ... vítimas da crise de 29!

ALUNO 3 — São questões econômicas e não religiosas!

ALUNO 1 — Problemas sociais...!

ALUNO 2 — E que me importa se o avô dêle foi assim?!

PADRE — (*Grita, tentando dominar a balbúrdia.*) Esse autor nunca passou de um fazendeiro fracassado que acabou vendendo a fazenda.

ALUNO 1 — Êle nunca foi fazendeiro. É um dramaturgo!

PADRE — E o que significa um dramaturgo nesta terra? Nada!

ALUNO 2 — Mas, êle está entre os melhores. E o senhor, como padre?

ALUNO 1 — Que vem aqui fazer uma delação?

ALUNO 3 — Está entre os piores!

ALUNO 2 — Não se usa mais padres como o senhor!

ALUNO 1 — O senhor veio ensinar religião, não falar mal dos outros!

PADRE — Saiam da classe!

ALUNO 3 — Isto é falta de ética professional!

PADRE — Calem a bôca!

ALUNO 2 — Cale a bôca, não senhor. Em nosso ensino renovado, um professor não manda um aluno calar a bôca: argumenta!

PADRE — (*Sùbitamente, sai enfurecido.*)

VICENTE — (*Procurando se dominar.*) Em primeiro lugar, ninguém falou que cientista não precisa de Deus. Isto é problema dêles ... e nem é o da peça. Cientista é ateu, fulano é comunista, sicrano é fascista! Isto é rotular ... e demonstra intolerância e falta de cultura. Comentamos, apenas, a ironia de se mandar um homem jurar em nome de Deus, quando se deseja a verdade, e não se lembrar de Deus para matar setenta mil pessoas com uma bomba! Não foi isto?

ALUNO 1 — Foi, sim senhor.

VICENTE — Não podia ter acontecido incidente mais feliz, para exemplificar as raízes do processo de Oppenheimer, e provar a exatidão das palavras de

Einstein, de que o fim das nossas aspirações, deve ser o conhecimento da verdade! Quanto a mim...!

ALUNO 2 — Que foi, professor?!

VICENTE — (*Perdendo-se em si mesmo.*) Nada. Lembrei-me de uma estória antiga, que também falava de intolerância... de incompreensão!

> (*Os alunos saem e Vicente caminha, perdido em si mesmo, enquanto "slides" coloridos de livros fechados, abertos, amontoados, em estantes, em livrarias, cobrem as paredes da cena. Sùbitamente, Vicente se volta: o garôto surge correndo e, rápido, entra debaixo da cama e fica admirando os livros, que êle vai empilhando. Vicente (15 anos) e Vicente (23 anos) entram lendo atentamente, cruzam o palco e vão se sentar em lados opostos, ficando absortos na leitura. Vicente passa de um para outro, numa agitação crescente. João José aparece sentado, na mesma posição em que estava. Sùbitamente, levanta-se e vai recuando até se encostar à parede, ficando entre os livros. A recordação dolorosa, desfigura seu rosto. Ilumina-se o quarto de Mariana. Ela está recostada em travesseiros. João José, agitado, aproxima-se da cama, seguido por Vicente (43 anos.)*)

MARIANA — Basta eu fechar os olhos... e esta incompreensão odienta vai acabar com o pouco que restou.

JOÃO JOSÉ — Um filho que só serviu p'ra me atormentar.

MARIANA — Esta foi minha sina: passar a vida no meio de homens fracos. Na minha luta... contra aquela flauta, e na sua contra a inclinação de seu filho, consumiu-se tudo!

JOÃO JOSÉ — Não diga isto, mamãe. Não neste momento!

MARIANA — Lutei a vida inteira contra um fantasma... e perdi. O que foi que fêz na vida João José? Usou a fazenda p'ra caçar. Você pensa que ainda está no tempo antigo. Desde que o trem chegou aqui, que tudo mudou. E você não percebeu, meu filho.

JOÃO JOSÉ — Se êle tivesse me ajudado...

MARIANA — Não adiantaria nada. O mal... está em você também. Coitado do meu filho! É ainda uma criança... correndo num mundo sem porteiras...!

VICENTE — (*43 anos. Recua, penalizado.*) Papai! Agora, eu compreendo!

MARIANA — (*Vendo Vicente (23 anos) se aproximar.*) E o meu neto... um menino perdido no mundo da lua! (*Contrai-se.*) Trinta mil alqueires, meu Deus! (*Sùbitamente.*) Minhas filhas! Onde estão minhas filhas...?

> (*Etelvina, cansada e suada, aparece mexendo um tacho. Jesuina e Isolina, debruçadas à janela, olham quem passa na rua. Volta o apito do trem que se distancia e se confunde ao som da flauta.*)

MARIANA — (*Agita-se, angustiada.*) Eu sempre achei... que Bernardino... acabaria ganhando a parada! (*Retesada.*) Maldita flauta! Ninho de cigarras daninhas! Me fêz quatro filhos... e jogou na pobreza...! *(Odienta.)* Quero encontrar Bernardino... nas profundezas do inferno!...

(A cama de Mariana desaparece. Vicente (23 anos) volta à posição em que estava. O som da flauta vai se acentuando cada vez mais, até formar um verdadeiro dueto com João José e Vicente. João José surge ao fundo. O sorriso torna seu rosto sereno, infantil.)

JOÃO JOSÉ — Ah!... porque eu trago tudo ali, na escrita, filho! Só dou baixa nos livros, quando o cabrito já está na garupa. A velhacaria dêle já tinha enchido um borrador. Tem caça, maliciosa como o demônio! Corre rasto atrás, confunde suas pegadas, muda de direção diversas vêzes, até que o caçador fica completamente perdido, sem saber o rumo que ela tomou. E muitas vêzes, é tão esperta, que fica escondida bem perto da gente, em lugares tão evidentes, que não nos lembramos de procurar. Nem estas puderam comigo, filho! *(Desaparece.)*

VICENTE — *(43 anos.)* Nós nos procuramos tanto, papai, e estávamos tão perto... perdidos no mesmo mundo...! *(Sùbitamente.)* Papai! Estou pronto! Pode ser odioso, porque eu também fui. Cada um, levanta a caça que quer, mas deve voltar com ela bem firme nas mãos. Agora... eu estou!

(Os "slides" dos livros desaparecem. João José entra procurando Vicente em diversos lugares. Durante tôda a cena, João José vai se preparando para uma caçada. Põe perneiras, cinturão de balas, buzina, chapéu, etc. Vai achando suas coisas nos lugares onde estão os Vicentes. Os sons de latidos, de buzina, vão aumentando pouco a pouco.)

JOÃO JOSÉ — Vicente! Onde está você, meu filho? Vicente! *(Olha a cama.)* Vicente! Quer que eu arranque você daí? P'ra quê se esconder, meu filho?
VICENTE — *(5 anos.)* Não estava escondido, papai.
JOÃO JOSÉ — *(Sorri.)* Amoitado pior do que catingueiro!
VICENTE — É a minha gruta, papai.
JOÃO JOSÉ — Gruta?!
VICENTE — Onde guardo minhas coisas. Como se fôsse um segrêdo.
JOÃO JOSÉ — Também podemos chamar de amoitador, filho.
VICENTE — Que é isto?
JOÃO JOSÉ — Lugar onde as caças amoitam. *(Saindo.)* Não acho minha perneira. Casa sem mulher é um inferno!

(João José se aproxima de Vicente (15 anos), que continua absorto na leitura. João José pega a perneira e observa Vicente.)

JOÃO JOSÉ — O que é isto?
VICENTE — *(15 anos.)* Um livro!
JOÃO JOSÉ — Até aí eu sei. É sôbre o quê?
VICENTE — Sôbre a solidão de um menino que procura um caminho, um lugar no mundo. Jacques Thibault!

JOÃO JOSÉ — E por isso sente solidão?

VICENTE — Sente-se perdido.

JOÃO JOSÉ — (*Satisfeito com a oportunidade.*) Ah! Não sabe se orientar, não é? Não falo p'ra você? Nunca me perdi. Por pior que fôsse o mato. Isto não acontece a um verdadeiro caçador. Ainda não encontrei caça que me desorientasse.

VICENTE — (*Sorri superior.*) O senhor vê tudo em termos de caçada! (*Consigo mesmo e com mágoa.*) Há caças que não pegamos nunca! (*Voltando.*) Há outros caminhos, outras matas onde um homem pode se perder, papai.

JOÃO JOSÉ — Êsse caminho não foi aberto, nem cresceu a mata que me faça perder.

VICENTE — Falei em sentido figurado, papai. Tem gente que não sabe o que é.

JOÃO JOSÉ — Você não sabe quem é?!

VICENTE — Não. Acho que não.

JOÃO JOSÉ — Você é um homem. É o meu filho!

VICENTE — Não se trata disto!

JOÃO JOSÉ — Se aceitasse meus conselhos, não se sentia assim. É preciso caçar, andar a cavalo...

VICENTE — (*Irrita-se.*) O senhor não compreende...

JOÃO JOSÉ — ... em vez de ficar grudado em livro!

VICENTE — ... eu digo uma coisa, o senhor entende outra!

JOÃO JOSÉ — Porque vive pensando o que não deve, meu filho.

VICENTE — Pensando em quê?

JOÃO JOSÉ — Vaqueiro me contou o que anda dizendo a êle.

VICENTE — Êle não passa, mesmo, de um cão de caça.

JOÃO JOSÉ — É o companheiro que você não quer ser.

VICENTE — Não posso ver êsse coitado... sem sentir vergonha do que fizeram dêle. Passou a vida farejando, correndo, cercando caça a pé.

JOÃO JOSÉ — Devia sentir vergonha de outras coisas.

VICENTE — (*Retesa-se.*) Do quê, papai?!

JOÃO JOSÉ — (*Preocupado.*) Por que não se abre comigo, filho?

VICENTE — Não escondo nada. Pelo menos não escondo o que o senhor pensa.

JOÃO JOSÉ — Quero saber quem é você!

VICENTE — Também estou querendo saber quem sou!

JOÃO JOSÉ — O que quer da vida!

VICENTE — Também não sei.

(*Irritado, João José entra onde está Vicente (5 anos.)*)

JOÃO JOSÉ — Que é que você amoita aí?

VICENTE — (*5 anos.*) Quer ver?!

(*O garôto entra rápido debaixo da cama e joga para fora, pastas, estojos, cadernos, livros, etc.*)

VICENTE — É a minha escrivaninha.

JOÃO JOSÉ — Que livros são êstes?

VICENTE — Não sei. Peguei p'ra mim.

JOÃO JOSÉ — Seus primos estão aí.

VICENTE — Não quero ver ninguém.

JOÃO JOSÉ — Vá brincar! Saia dêste quarto!

VICENTE — Não quero, papai.

JOÃO JOSÉ — Tem hora p'ra tudo. Lá fora está um dia bonito e você socado debaixo da cama!

VICENTE — Gosto é dos meus livros.

JOÃO JOSÉ — (*Puxa Vicente.*) Eu é que sei do que você deve gostar.

VICENTE — Também sei, papai.

JOÃO JOSÉ — Vá ver seus primos! Ande! Não quero encontrar mais você aqui!

(João José se aproxima de Vicente (23 anos.)

VICENTE — (*23 anos.*) Não mexa em meus livros!

JOÃO JOSÉ — A escrivaninha é minha. Lugar dos meus borradores. Tire essa porcariada daqui!

VICENTE — Borradores! Os eternos intocáveis!

JOÃO JOSÉ — Gosto dêles assim. Vou fazer a escrita.

VICENTE — Escrita de caças abatidas, nascimento de cachorros e etc. A outra não sai nunca.

JOÃO JOSÉ — Por que não faz? Você não é o administrador?

VICENTE — Só para constar.

JOÃO JOSÉ — O que quer dizer?

VICENTE — Sem dinheiro e máquinas nada é possível.

JOÃO JOSÉ — Comprar máquinas, como?

VICENTE — Existem Bancos que financiam a compra de tratores.

JOÃO JOSÉ — Nunca dê um passo maior do que as pernas.

VICENTE — Por isto mesmo não chegamos a lugar algum.

JOÃO JOSÉ — Quando chegar a sua vez de dono, faça as besteiras que quiser.

VICENTE — Garanto que não farei tantas!

JOÃO JOSÉ — Como? Lendo romances no terraço da fazenda?

VICENTE — Uma coisa não impede a outra.

JOÃO JOSÉ — Pondo asnices na cabeça dos empregados?

VICENTE — Êles ganham uma miséria mesmo.

JOÃO JOSÉ — É o que eu posso pagar.

VICENTE — Nem por isto deixa de ser uma miséria.

JOÃO JOSÉ — Já vi que espécie de fazendeiro vai ser. Se é que vai!

VICENTE — Cada um faz o que tem capacidade. O que resta desta fazenda, mostra bem o que o senhor foi.

JOÃO JOSÉ — Deixa acabar! Deixar terra p'ra quem? Fazenda exige gente disposta, com os pés na terra.

VICENTE — (*Sorri, amargurado, ao ver o pai descrever o que êle próprio não é.*)

JOÃO JOSÉ — Você vive com o pensamento no mundo da lua!

VICENTE — P'ra dar certo, era preciso ter o pensamento no mundo dos bichos?

JOÃO JOSÉ — (*Explode.*) No mundo dos homens, mesmo... seu burro!

VICENTE — Nós vamos devagar, papai! Não temos pressa. Mas, nós chegamos lá. Usando um palavreado seu: nós vamos desamoitar esta caça! E então... soltaremos tôda a cachorrada... e no entardecer, quando não nos restar senão a noite, voltaremos com ela, já de olhos vidrados, pendente da garupa suada do nosso ódio.

JOÃO JOSÉ — (*Confuso.*) De que é que está falando?!

VICENTE — De caças amoitadas, nada mais. Amoitadas dentro de nós, nas moitas dos olhares, dos gestos e dos silêncios! Caças ferozes que não atacam, mas cercam e isolam.. até que suas prêsas morram de incompreensão e solidão!

JOÃO JOSÉ — Com você não adianta conversar. Não entendo você. (*Chegando diante da cama.*) Onde estão os livros?

VICENTE — (*5 anos.*) Já guardei na minha gruta, papai.

JOÃO JOSÉ — (*Corrige.*) Amoitador!

VICENTE — Prefiro gruta mesmo, papai.

JOÃO JOSÉ — E eu, amoitador. É amoitador!

VICENTE — (*Olha para a cama, firme em seu propósito de não mudar.*)

JOÃO JOSÉ — (*Entrando onde está Vicente (15 anos.*) Não viu minha cartucheira?

VICENTE — (*15 anos.*) Não.

JOÃO JOSÉ — Será que você não tem outra coisa p'ra fazer?

VICENTE — Não.

JOÃO JOSÉ — Vá agarrar em orelha de boi! Você passa o dia inteiro pendurado em orelha de livro!

VICENTE — São as orelhas de que eu gosto.

JOÃO JOSÉ — Vamos caçar! Anda!

VICENTE — Não quero.

JOÃO JOSÉ — Você precisa caçar, Vicente! Todos os parentes caçam.

VICENTE — Que tenho com êles?

JOÃO JOSÉ — Eu tenho!

VICENTE — Então, cace o senhor.

JOÃO JOSÉ — Não vê, seu burro, o que podem pensar de você?

VICENTE — A opinião dêles não me interessa.

JOÃO JOSÉ — Interessa a mim. Já estão falando de você!

VICENTE — Deixe falar.

JOÃO JOSÉ — Estou cansado de brigar por sua causa!

VICENTE — Não brigue!

JOÃO JOSÉ — (*Descontrolado.*) Hoje, você vai... nem que seja de arrasto!

VICENTE — Eu vou. Mas, vou torcer pela caça. Sou pelos mais fracos.

JOÃO JOSÉ — Porque é um fraco também.

VICENTE — Isto depende de conceito de fraqueza!

JOÃO JOSÉ — Língua afiada você tem. Própria das mulheres!

VICENTE — E dos homens também. Daqueles que têm alguma coisa na cabeça.

JOÃO JOSÉ — Só espero que tenha um filho igual a você mesmo... e que faça perguntas sôbre a lua. Sôbre isto você saberá responder.

VICENTE — Saberei mesmo. Lua quebrada é minguante, quando não se planta nada. É assim que temos vivido! Minguante é também decadência. Decadência! Compreende, papai?

JOÃO JOSÉ — Fique em casa, costurando com sua avó! (*Sai.*)

VICENTE — (*Ferido.*) Eu sabia que o senhor ia chegar aí!

JOÃO JOSÉ — (*Aproximando-se do garôto.*) Tire tudo daí!

VICENTE — (*5 anos.*) Tia Isolina me deu.

VICENTE — Não quero ver ninguém.

JOÃO JOSÉ — Vá brincar! Saia dêste quarto!

VICENTE — Não quero, papai.

JOÃO JOSÉ — Tem hora p'ra tudo. Lá fora está um dia bonito e você socado debaixo da cama!

VICENTE — Gosto é dos meus livros.

JOÃO JOSÉ — (*Puxa Vicente.*) Eu é que sei do que você deve gostar.

VICENTE — Também sei, papai.

JOÃO JOSÉ — Vá ver seus primos! Ande! Não quero encontrar mais você aqui!

(*João José se aproxima de Vicente* (*23 anos.*)

VICENTE — (*23 anos.*) Não mexa em meus livros!

JOÃO JOSÉ — A escrivaninha é minha. Lugar dos meus borradores. Tire essa porcariada daqui!

VICENTE — Borradores! Os eternos intocáveis!

JOÃO JOSÉ — Gosto dêles assim. Vou fazer a escrita.

VICENTE — Escrita de caças abatidas, nascimento de cachorros e etc. A outra não sai nunca.

JOÃO JOSÉ — Por que não faz? Você não é o administrador?

VICENTE — Só para constar.

JOÃO JOSÉ — O que quer dizer?

VICENTE — Sem dinheiro e máquinas nada é possível.

JOÃO JOSÉ — Comprar máquinas, como?

VICENTE — Existem Bancos que financiam a compra de tratores.

JOÃO JOSÉ — Nunca dê um passo maior do que as pernas.

VICENTE — Por isto mesmo não chegamos a lugar algum.

JOÃO JOSÉ — Quando chegar a sua vez de dono, faça as besteiras que quiser.

VICENTE — Garanto que não farei tantas!

JOÃO JOSÉ — Como? Lendo romances no terraço da fazenda?

VICENTE — Uma coisa não impede a outra.

JOÃO JOSÉ — Pondo asnices na cabeça dos empregados?

VICENTE — Êles ganham uma miséria mesmo.

JOÃO JOSÉ — É o que eu posso pagar.

VICENTE — Nem por isto deixa de ser uma miséria.

JOÃO JOSÉ — Já vi que espécie de fazendeiro vai ser. Se é que vai!

VICENTE — Cada um faz o que tem capacidade. O que resta desta fazenda, mostra bem o que o senhor foi.

JOÃO JOSÉ — Deixa acabar! Deixar terra p'ra quem? Fazenda exige gente disposta, com os pés na terra.

VICENTE — (*Sorri, amargurado, ao ver o pai descrever o que êle próprio não é.*)

JOÃO JOSÉ — Você vive com o pensamento no mundo da lua!

VICENTE — P'ra dar certo, era preciso ter o pensamento no mundo dos bichos?

JOÃO JOSÉ — (*Explode.*) No mundo dos homens, mesmo... seu burro!

VICENTE — Nós vamos devagar, papai! Não temos pressa. Mas, nós chegamos lá. Usando um palavreado seu: nós vamos desamoitar esta caça! E então... soltaremos tôda a cachorrada... e no entardecer, quando não nos restar senão a noite, voltarêmos com ela, já de olhos vidrados, pendente da garupa suada do nosso ódio.

JOÃO JOSÉ — (*Confuso.*) De que é que está falando?!

VICENTE — De caças amoitadas, nada mais. Amoitadas dentro de nós, nas moitas dos olhares, dos gestos e dos silêncios! Caças ferozes que não atacam, mas cercam e isolam... até que suas prêsas morram de incompreensão e solidão!

JOÃO JOSÉ — Com você não adianta conversar. Não entendo você. (*Chegando diante da cama.*) Onde estão os livros?

VICENTE — (*5 anos.*) Já guardei na minha gruta, papai.

JOÃO JOSÉ — (*Corrige.*) Amoitador!

VICENTE — Prefiro gruta mesmo, papai.

JOÃO JOSÉ — E eu, amoitador. É amoitador!

VICENTE — (*Olha para a cama, firme em seu propósito de não mudar.*)

JOÃO JOSÉ — (*Entrando onde está Vicente (15 anos.*) Não viu minha cartucheira?

VICENTE — (*15 anos.*) Não.

JOÃO JOSÉ — Será que você não tem outra coisa p'ra fazer?

VICENTE — Não.

JOÃO JOSÉ — Vá agarrar em orelha de boi! Você passa o dia inteiro pendurado em orelha de livro!

VICENTE — São as orelhas de que eu gosto.

JOÃO JOSÉ — Vamos caçar! Anda!

VICENTE — Não quero.

JOÃO JOSÉ — Você precisa caçar, Vicente! Todos os parentes caçam.

VICENTE — Que tenho com êles?

JOÃO JOSÉ — Eu tenho!

VICENTE — Então, cace o senhor.

JOÃO JOSÉ — Não vê, seu burro, o que podem pensar de você?

VICENTE — A opinião dêles não me interessa.

JOÃO JOSÉ — Interessa a mim. Já estão falando de você!

VICENTE — Deixe falar.

JOÃO JOSÉ — Estou cansado de brigar por sua causa!

VICENTE — Não brigue!

JOÃO JOSÉ — (*Descontrolado.*) Hoje, você vai... nem que seja de arrasto!

VICENTE — Eu vou. Mas, vou torcer pela caça. Sou pelos mais fracos.

JOÃO JOSÉ — Porque é um fraco também.

VICENTE — Isto depende de conceito de fraqueza!

JOÃO JOSÉ — Língua afiada você tem. Própria das mulheres!

VICENTE — E dos homens também. Daqueles que têm alguma coisa na cabeça.

JOÃO JOSÉ — Só espero que tenha um filho igual a você mesmo... e que faça perguntas sôbre a lua. Sôbre isto você saberá responder.

VICENTE — Saberei mesmo. Lua quebrada é minguante, quando não se planta nada. É assim que temos vivido! Minguante é também decadência. Decadência! Compreende, papai?

JOÃO JOSÉ — Fique em casa, costurando com sua avó! (*Sai.*)

VICENTE — (*Ferido.*) Eu sabia que o senhor ia chegar aí!

JOÃO JOSÉ — (*Aproximando-se do garôto.*) Tire tudo daí!

VICENTE — (*5 anos.*) Tia Isolina me deu.

JOÃO JOSÉ — Sua tia é uma solteirona que não sabe nada.

VICENTE — Não tiro, não, papai.

JOÃO JOSÉ — Como?!

VICENTE — Os livros são meus!

JOÃO JOSÉ — (*Grita.*) Tire tudo, já disse! (*Sai.*)

(*O garôto, assustado, atira-se debaixo da cama. Vicente (23 anos) vira-se, sùbitamente, pondo-se de pé, quando João José entra onde êle está.*)

JOÃO JOSÉ — É de se ficar louco! Em cada lugar que entro, encontro você grudado numa porcaria de livro. Vi isto a vida inteira!

VICENTE — (*23 anos.*) E ainda não desistiu de implicar?

JOÃO JOSÉ — Você vem à fazenda só p'ra ler?!

VICENTE — E o senhor? Só p'ra caçar? E viva a minguante!

JOÃO JOSÉ — Língua afiada você sempre teve.

VICENTE — Própria das mulheres. Já ouvi isto.

JOÃO JOSÉ — E vou dizer quantas vêzes fôr preciso.

VICENTE — O senhor não consegue mais me ferir.

JOÃO JOSÉ — Ferir?! Seria até uma covardia.

VICENTE — O senhor começou quando eu tinha apenas cinco anos...

JOÃO JOSÉ — E vou continuar. Até você aprender!

VICENTE — E assim, chegaremos diante da sepultura!

JOÃO JOSÉ — (*SAINDO.*) Chegaremos!

VICENTE — (*15 anos.*) Não há lugar para meus livros nesta casa.

JOÃO JOSÉ — (*SAINDO.*) A casa é minha.

VICENTE — (*5 anos.*) Posso pôr na escrivaninha, papai?

JOÃO JOSÉ — (*SAINDO.*) Está cheia de chumbo. (*Sai.*)

VICENTE — (*23 anos.*) Não sei como não falou ainda em minhas prendas domésticas!

JOÃO JOSÉ — O que pretende ser na vida?

VICENTE — (*23 anos.*) Nada! Continuo em minguante!

JOÃO JOSÉ — (*SAINDO.*) Estou bem arranjado.

VICENTE — (*15 anos.*) Eu quis estudar filosofia, o senhor não deixou.

JOÃO JOSÉ — (*SAINDO.*) Isto é profissão de mulher.

VICENTE — (*5 anos.*) Quando eu aprender a ler, o senhor me dá os livros?

JOÃO JOSÉ — (*SAINDO.*) Por que não estudou agronomia?

VICENTE — (*23 anos.*) Porque não gosto.

JOÃO JOSÉ — Já sei do que você gosta!

(*Os VICENTES fazem movimentos circulares no palco. João José parece cercado, acuado.*)

VICENTE — (*23 anos.*) Com o senhor não adianta conversar.

VICENTE — (*15 anos.*) O senhor não entende!

VICENTE — (*5 anos.*) O senhor me devolve, papai?

JOÃO JOSÉ — (*Ao de 23 anos.*) Por mais que olhe em você não vejo nada meu.

VICENTE — (*43 anos. Corre, prevendo o que vai acontecer.*)

JOÃO JOSÉ — (*Violento.*) Nem parece filho meu!

VICENTE — (*23 anos.*) Nem você, parece meu pai!

JOÃO JOSÉ — (*Ao de 15 anos.*) O que é que está fazendo?!

VICENTE — (*15 anos.*) Corra! Salve-se!

JOÃO JOSÉ — Você está louco?!

VICENTE — (*23 anos.*) Fuja dos cachorros!

JOÃO JOSÉ — Não me envergonhe diante dos companheiros!

VICENTE — (*15 anos.*) Seja livre! Corra!

JOÃO JOSÉ — (*Fora de si.*) Não faça isto!

VICENTE — (*5 anos.*) Eu chamo de amoitador.

VICENTE — (*15 anos.*) Sou pelos mais fracos, já disse.

VICENTE — (*23 anos.*) Salvei a caça!

VICENTE — (*5 anos.*) Deixe-me com meus livros, papai! (*Agarra-se às pernas de João José.*)

JOÃO JOSÉ — (*Rasga o livro.*) Você matou o cachorro?!

VICENTE — (*43 anos.*) Assim, terminou minha primeira caçada!

(*Todos se afastam, enquanto o garôto, soluçando, se ajoelha, ajuntando os pedaços do livro. João José também se ajoelha, sofrendo pelo cachorro morto. Etelvina e Isolina entram, correndo e seguram Vicente (23 anos) e João José. Vicente (5 anos) e Vicente (15 anos) desaparecem. MARIA SURGE NO FUNDO DO PALCO.*)

ETELVINA — Por que esta raiva entre vocês? Há dez anos que não fazem outra coisa, senão brigar!

JOÃO JOSÉ — É lá na fazenda que é lugar dêle, Etelvina. Mas, não! Êle quer é passar a vida sem fazer nada. Só cuidando de coisas que ninguém entende.

VICENTE — (*23 anos.*) Que só o senhor não entende.

JOÃO JOSÉ — Sabe de uma coisa, meu filho? Tenho pena de você. Nesta idade e ainda não sabe o que vai fazer da vida. Vai ser mocinho de esquina a vida inteira... namorando a lua!

VICENTE — Para aceitar o que nos rodeia, prefiro mesmo ser lunático, fugir para um mundo impossível. Pelo menos êsse, será meu. Que fazendeiro o senhor foi? Fazendeiro de um mundo sem divisas!

ETELVINA — Não briguem, pelo amor de Deus!

VICENTE — Desde pequeno, tia, êle me atormenta.

JOÃO JOSÉ — Você não foi tormento menor.

ETELVINA — João José! Em nome de mamãe...

VICENTE — Vou embora. Nada mais me prende aqui.

JOÃO JOSÉ — Vá! Vá ser esquisito pela vida a fora.

ETELVINA — João José! Por favor...

VICENTE — Senti-me a vida inteira como se estivesse prêso debaixo de uma cama.

JOÃO JOSÉ — Porque sempre foi molengão. Se não fôsse assim não desmanchava seu noivado. Casava e ia ser homem responsável. Decente! Mas, é isto que você quer: não ter responsabilidade nunca.

VICENTE — (*Solta-se de Isolina.*) Casar e ficar em suas mãos, cheio de filhos... sem nenhuma defesa?

MARIA — (*Vai se afastando.*) Eu espero, Vicente...

VICENTE — É isto que o senhor quer?

MARIA — (*Sumindo.*) Eu espero! Eu espero, Vicente...!

JOÃO JOSÉ — Quero que seja homem com profissão de gente.

VICENTE — O senhor tem feito tudo para que eu me sinta culpado, por não pensar como o senhor, por não ter sido o que esperava que eu fôsse. Quer que eu carregue essa culpa por tôda a vida, como um traidor. É uma maneira de destruir o que sou. Mas, não vai conseguir. O senhor me abandonou a vida inteira, só porque não era caçador, uma cópia sua! Agora, quer que eu carregue sua terra como o único bem que a vida pode dar? Pois saiba que há muitos! Tudo aqui passou a ser insuportável, quando compreendi que haviam outros bens que podiam ser conquistados. E compreendendo, fui levado a uma exasperação que o senhor nunca poude entender. A terra e a vida que o senhor quer me impingir, só serviriam para me prender à minha angústia, e não me deixariam jamais sair dela!

JOÃO JOSÉ — Sabe de uma coisa, meu filho? Você não passa de um vencido.

ISOLINA — Não diga isto, João José!

VICENTE — Vencido é o senhor que só caçou na vida.

ETELVINA — Meu Deus! Socorra-nos!

(*Impotentes diante do pior que se anuncia, Etelvina e Isolina se afastam, enquanto João e Vicente se aproximam, como que atraídos pelo mesmo perigo. Sente-se que êles precisam ir até o fim. São como cães ao sentir o cheiro de caça longamente rastejada.*)

JOÃO JOSÉ — É verdade. Não fiz outra coisa. Mas, ninguém fêz melhor do que eu. Nunca voltei sem minhas caças. E você? Que é que fêz na vida? Quem é você? O que quer? Nada! Nem caçar!

VICENTE — Não sei me divertir com a morte, nem mesmo com a de um animal. Isto é que é ser homem?

JOÃO JOSÉ — É! É isto mesmo!

VICENTE — E foi por isto que me humilhou a vida inteira?! Então, ser homem é se divertir enquanto a mulher morre?

JOÃO JOSÉ — Tivemos a mesma culpa. Eu pela ausência e você pela presença.

VICENTE — Mas, foi seu nome que ela gritou na agonia!

JOÃO JOSÉ — Agonia que você trouxe... p'ra ela e p'ra mim!

VICENTE — Foi você quem me desejou!

JOÃO JOSÉ — Não como você veio, nem como você é!

VICENTE — Sou como me fêz, e vim como você quis: sòzinho! Sòzinhos vivemos... e sòzinha ela morreu!

JOÃO JOSÉ — Ela morreu; enquanto eu colecionava presentes p'ra você. Cada dia que amanhecia, era como se fôsse caçar o mais bonito. Era o que eu podia dar de melhor a um filho. Mas, não a um filho como você.

VICENTE — Foi lá, na Santa Casa, que ela caiu! Foi a sua indiferença... nossa pior cachorra...!

(*João José, possesso, dá uma bofetada em Vicente, jogando-o ao chão.*)

JOÃO JOSÉ — Levante-se! Defenda-se! Seja homem! (*Agarra Vicente.*) Venha sentir o pêso dos braços de um homem! Faça sentir os seus também! Não me torne um covarde! (*Sacode Vicente.*) Ataque como um homem! Se quer ferir um homem, fira como homem!

(*Sem defesa, Vicente olha João José com expressão morta, terrível.*)

VICENTE — Pela primeira vez... estou em seus braços... mas não como um filho. Nunca os senti em meus ombros, nem suas mãos em minha cabeça. Olhe bem em meus olhos, papai! Olhe! Estou com êles vidrados!

JOÃO JOSÉ — (*Vira o rosto, incomodado.*)

VICENTE — (*Com determinação vital.*) Eu vou vencer, está ouvindo? Eu vou vencer. Volto aqui para ajustarmos contas. Aí... eu poderei lhe bater como um homem. Sabe como? Provando a você que sou alguém. Alguém que não tem nada seu. Que vence apesar de ser seu filho.

JOÃO JOSÉ — Então, vá e volte logo! Mas, volte como um homem! Estarei à sua espera.

VICENTE — Eu vou vencer. Está ouvindo? Não quero nada seu. Nem seu nome!

(*Vicente se volta, com resolução, e sai. Vaqueiro surge ao fundo e, preocupado se aproxima, observando João José. Vicente (43 anos,) prêso de grande remorso, senta-se na cama. João José, inteiramente ataviado para a caçada, parece ainda mais imponente. Êle anda para o meio do palco como se fôsse um magnífico cervo. Olha à sua volta, soberano. Percebemos, porém,*

que seus olhos estão cheios de lágrimas. Sùbitamente, envelhecido, abate-se no chão, olhando fixamente para frente.)

VAQUEIRO — (*Temeroso e condoído.*) Chamou, compadre?

JOÃO JOSÉ — (*Disfarça, voltando a si.*) Não.

VAQUEIRO — Por que está gritando assim?!

JOÃO JOSÉ — (*Evocativo.*) Estava ouvindo... um toque antigo!

VAQUEIRO — Ouvi sua voz, compadre.

JOÃO JOSÉ — É o telegrama. Vicente voltou p'ra casa, compadre.

VAQUEIRO — Louvado seja Deus!

JOÃO JOSÉ — Meu filho ficou famoso, Vaqueiro!

VAQUEIRO — Verdade, compadre?

JOÃO JOSÉ — Não se lembra da notícia do jornal? Sôbre aquela viagem no estrangeiro? (*Grita.*) Era até convidado do govêrno, Vaqueiro! Não se lembra?

VAQUEIRO — Calma, compadre! Eu sei.

JOÃO JOSÉ — Tinha até uma fotografia... recebendo não sei que prêmio!

VAQUEIRO — Na fotografia, era o mesmo que ver padrinho Bernardino. Seu pai era muito alegre! (*Repara em João José.*) Que foi?

JOÃO JOSÉ — (*Sorri.*) Era cada roda de carro!

VAQUEIRO — O quê?

JOÃO JOSÉ — Os discos do Vicente! Uma mulherada que só sabia gritar! Nunca vi ninguém gostar tanto de um livro! Passava o dia inteiro pendurado na orelha dêles!

VAQUEIRO — Diz que essa gente de teatro é também muito alegre, não é, compadre? Vi muitos no circo.

JOÃO JOSÉ — Mas, Vicente não é artista, não! É escritor! Não sabe o que é escritor, Vaqueiro?!

VAQUEIRO — Pensei que escritor fôsse artista, compadre!

JOÃO JOSÉ — Pois não é. (*Violento.*) E não venha me falar em gente de circo!

VAQUEIRO — É diferente?

JOÃO JOSÉ — Claro que é! Ninguém precisa pintar a cara p'ra escrever!

VAQUEIRO — (*Pausa.*) Nós vamos se embora, compadre?

JOÃO JOSÉ — Isolina telegrafou chamando. Uma verdadeira carta! (*Pausa.*) Eu achava que êle ia sofrer, sendo daquele jeito. Eu queria ajudar!

VAQUEIRO — É por isto que anda falando sòzinho, compadre?

JOÃO JOSÉ — Eu?!

VAQUEIRO — Como um louco, compadre! Desde que viu a fotografia no jornal!

JOÃO JOSÉ — Não falo sòzinho coisa nenhuma!

VAQUEIRO — Está certo, compadre. Está certo.

JOÃO JOSÉ — (*Pausa.*) Cada um tem uma inclinação. Diz até que meu pai tocava flauta! É verdade, Vaqueiro?

VAQUEIRO — É! Tôda tardinha!

JOÃO JOSÉ — Então! E era um dos antigos! Meu filho também podia gostar do que quisesse. A gente ser atrasado, é uma infelicidade, compadre. Não sabe das coisas.

VAQUEIRO — Padrinho Bernardino foi um homem muito bom. Manso como um cordeiro. Não podia ver ninguém sofrer!

JOÃO JOSÉ — Êle saberia responder porque...! Em que lua estamos?

VAQUEIRO — Quarto crescente.

JOÃO JOSÉ — Vaqueiro! Você sabe por que a lua fica quebrada?

VAQUEIRO — (*Pausa longa. Vaqueiro examina a lua sem achar uma resposta.*) Está aí uma coisa que nunca tive ciência, compadre!

JOÃO JOSÉ — (*Irritado.*) Também, você não sabe nada!

VAQUEIRO — Desculpe, compadre!

(*Vaqueiro sai. João José arruma-se como se acabasse de tomar uma resolução. Quando João José se arruma, Etelvina, Jesuina e Isolina entram correndo no palco, procurando Vicente em todos os cantos. Há uma grande alegria em suas vozes.*)

ETELVINA — Vicente!

ISOLINA — Vicente!

JESUINA — Vicente!

ETELVINA — João José chegou!

ISOLINA — Seu pai está aqui!

JESUINA — Vicente!

ETELVINA — Venha ver seu pai!

ISOLINA — Corra, Vicente!

(*Vicente levanta-se e vira-se para João José. Os dois se olham intensamente.*)

JOÃO JOSÉ — Como vai o grande homem?

VICENTE — Bem. E o senhor?

JOÃO JOSÉ — Já na hora do pega. (*Pausa, em que os dois se examinam. Com esfôrço.*) Eu não sabia. Eu... eu não podia compreender, meu filho!

(Penalizado, Vicente vai se aproximando, como que atraído. Um amor profundo brota do fundo de seu ser e estampa-se em seu rosto.)

JOÃO JOSÉ — Agora... eu compreendo. (*Sorriso doloroso.*) Eu só fui caçador... acho que o último! Nunca sofri caçando, filho. Era o que desejava p'ra você. Eu...! Eu queria...! Trouxe uns presentes p'ra você. Quer?

VICENTE — (*Com os olhos marejados.*) Quero, sim.

JOÃO JOSÉ — Vaqueiro! Vaqueiro! Traga tudo p'ra cá! O laço é de couro de anta, filho! Eu mesmo fiz! Couros e a mais bela coleção de cabeças de cervo que já se viu! Uma lembrança...!

VICENTE — O que o senhor quis dizer com "já na hora do pega"?

JOÃO JOSÉ — Eu vim p'ra morrer, meu filho. Agora, eu posso! (*Grita, disfarçando a emoção.*) Vaqueiro! Anda, homem!

(Vaqueiro, com sorriso luminoso, entra com diversos couros nos ombros, segurando um laço e uma magnífica cabeça de cervo. Satisfeito, João José olha Vicente com expressão de orgulho profundo. Pouco a pouco, uma imensa solidão estampa-se no rosto de Vicente e de João José. Apesar de tão próximos, continuam distantes na sua incomunicabilidade. Desaparece a cena, lentamente, enquanto vão aparecendo as três irmãs, vestidas de luto fechado. Estáticas, elas parecem suspensas no espaço, como figuras de um quadro onde os contornos não estão bem definidos. As expressões, as medalhas grandes, prêsas em fita larga e azul, a imobilidade ansiosa — tudo nelas é desamparo. Pacheco entra e segura o novêlo de Jesuina.)

ISOLINA — (*Voz descolorida.*) Não se salvou ninguém!

PACHECO — Ninguém! Ira divina!

JESUINA — Por que?

PACHECO — As jóias, a riqueza e o orgulho que haviam dentro do navio, pesavam mais do que êle. Tinha que ir ao fundo!

ISOLINA — Disseram que nem Deus afundaria o Titanic!

PACHECO — Soberbia!

JESUINA — Presunções!

PACHECO — Destinos funestos!

JESUINA — Riqueza só traz infelicidade; e a vaidade e a beleza, castigo de Deus! Que vale a beleza, não é, senhor Pacheco? Aparências!

ISOLINA — A humanidade é muito sofredora... dizia papai!

PACHECO — E nasce com escrita já feita!

(As vozes se transformam em murmúrio. Vicente (43 anos), também de luto, surge em primeiro plano, carregando a mala. Pára, olha as tias, como se relutasse partir. Quando Vicente pára, volta o apito do trem que se distancia. Pouco a pouco o som do apito do trem se confunde ao de uma flauta. Vicente (5 anos) passa em

primeiro plano, admirando a lua. Voltam por um momento os "slides" coloridos das luas.)

VICENTE — (*43 anos, sorri, olhando o garôto.*) Um rio de flôres e de luas!

(O garôto sai. Uma luz fria, em tons amarelados, faz do quadro das tias, como se fôsse uma fotografia antiga. Com expressão de libertação, Vicente se volta, anda com resolução, desaparecendo. Apaga-se, lentamente, a imagem das irmãs. ENQUANTO OUVIMOS O SOM DA FLAUTA QUE SE ELEVA.

CORRE O PANO

---

brasiliense de bôlos

série teatro universal

volumes publicados

. shakespeare — a tempestade
2. górki — pequenos burgueses
3. jorge andrade — vereda da salvação
4. nelson rodrigues — bonitinha, mas ordinária
5. goldoni — mirandolina
6. büchner — a morte de danton
7. gláucio gill — tôda donzela tem um pai que é uma fera
8. gil vicente — auto da barca do inferno, a farsa de inês pereira e o velho da horta
9. shelagh delaney — um gôsto de mel
10. an-ski — o dibuk
11. dumas filho — a dama das camélias
12. sean o'casey — juno e o pavão
13. millôr fernandes — pigmaleoa
14. mário brasini — a guerra mais ou menos santa
15. francisco pereira da silva — memórias de um sargento de milícias — *adaptação do romance de manuel antônio de almeida*
16. pirandello — vestir os nus
17. heinar kipphardt — o caso oppenheimer
18. joão bethencourt — a ilha de circe ou míster sexo
19. górki — os inimigos
20. gianfrancesco guarnieri — êles não usam black-tie
21. brendan behan — o refém
22. roberto freire — quarto de empregada e presépio na vitrina
23. lauro césar muniz — a morte do imortal
24. gogol — o inspetor geral
25. durrenmatt — os físicos
26. tirso de molina — don gil das calças verdes
27. walter george dürst — a urna
28. jorge andrade — rasto atrás
29. domingos de oliveira — história de muitos amôres
30. synge — o prodígio do mundo ocidental
31. hauptman — os tecelões
32. strindberg — senhorita júlia e a mais forte
33. büchner — woyseck e leonce e lena

em preparo

....	— a "commedia dell'arte"
ângelo beolco (ruzante)	— a moscheta
ariano suassuna	— a pena e a lei
	— farça da boa preguiça
aristófanes	— as nuvens
arthur miller	— a morte do caixeiro viajante
	depois da queda
augusto boal	— revolução na américa do sul
beaumarchais	— o casamento de fígaro
becque	— a parisiense
ben jonson	— volpone
bernardo santareno	— a promessa
calderon de la barca	— a vida é sonho
checov	— três irmãs
	o cerejal
claudel	— o livro de cristóvão colombo
corneille	— o cid
dürrenmatt	— o casamento do sr. mississípi
ésquilo	— a oréstia (agamemnon, as coéforas, as cumênidas)
	prometeu acorrentado
eurípides	— medéia
francisco pereira da silva	— o chão dos penitentes
	romance do vilela
gianfrancesco guarnieri	— a semente
górki	— ralé
ibsen	— espectros
ionesco	— morte do rei
jean genet	— os negros
john osborne	— geração em revolta
jorge andrade	— o incêndio
josé carlos cavalcanti borges	— casa-grande e senzala (*adaptação*)
kleist	— o príncipe de homburgo
labiche	— o chapéu de palha da itália
lope de vega	— o melhor juiz, o rei (*adaptação de augusto boal, gianfrancesco guarnieri e paulo josé)*
	fuenteovejuna
maiacóvski	— mistério-bufo
	o percevejo
marlowe	— o massacre de paris
menandro	— o rabugento
molière	— don juan
nazim hikmet	— ivân ivanovitch existiu?
racine	— fedra
sean o'casey	— o arado e as estrêlas
sheridan	— a escola de escândalo
sófocles	— ájax
	filoctetes
	édipo em colona
strindberg	— há crimes e crimes
tennessee williams	— um bonde chamado desejo

Êste livro
foi composto
e impresso na
GRÁFICA
URUPÊS

Rua Pires do Rio, 338
Fone 92-3807
São Paulo - Brasil
1967